Crônica de Manaus

Publicações em 1946

Josué Claudio de Souza

INSTITUTO DURANGO DUARTE

INSTITUTO DURANGO DUARTE

Crônica de Manaus

Publicações em 1946

Josué Claudio de Souza

Manaus
2016

Copyright Instituto Durango Duarte, 2016.
1ª. Edição, 2016

CAPA E PROJETO GRÁFICO
Anderson Merces

ORGANIZAÇÃO
Durango Duarte

PESQUISA HISTÓRICA
Marlucia Bentes
Viviane Tavares

COLABORAÇÃO
Martha Macbeth
Suyanne Alfaia

REVISÃO
Lúcio Bezerra de Menezes

INSTITUTO DURANGO DUARTE

2016
Rua Professor Samuel Benchimol – 477. Passeio do Mindu – Parque Dez de Novembro
CEP: 69055-705 / Manaus-Am
(92) 3236-0374 | 98428-9186
www.idd.org.br contato@idd.org.br
Tiragem: 1.000 exemplares

Apresentação

Recebi da direção do Instituto Durango Duarte - IDD o encargo de ler e revisar 61 crônicas originais, todas datadas de 1946 e assinadas por Josué Claudio de Souza. Aceitei sem hesitar. Adaptei-as às novas regras ortográficas e fiz a correção de alguns equívocos linotipistas. Confesso que, à medida que as lia, mais me aguçava a curiosidade de conhecer o teor da crônica seguinte, o que tornou minha missão lépida e prazerosa.

Findo o trabalho, a surpresa: fui convidado a prefaciá-la. Uma coisa pode até não ter nada a ver com a outra, mas, para mim, calou igual. Prefaciar esta coletânea de crônicas, subscritas por Josué Claudio de Souza há setenta anos, era mais que uma feliz coincidência, era um presente de aniversário. Afinal, neste 2016, completarei sessenta anos de vida.

Excetuando-se a primeira das crônicas - datada do dia 22 de setembro e aqui apresentada em sua publicação original, para que os leitores conheçam como a diagramação era feita -, todas as demais são transcrições. Curiosamente, apenas essa primeira foi intitulada "Crônica da Manaus". Todas as posteriores receberam o nome de "Crônica da Cidade".

Todos estes textos foram publicados na primeira página do periódico matutino "O Jornal", empresa pertencente à família Archer Pinto. Josué os escreveu por um ano, ininterruptamente. Entretanto, para apresentar esta peça, é preciso juntar outras, entender o cenário e, assim, ter a compreensão de um todo. Juntemo-las, pois.

ASSIS CHATEAUBRIAND E OS DIÁRIOS ASSOCIADOS

A história dos Diários Associados está intimamente ligada à trajetória de seu fundador, o jornalista paraibano Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Mello. Em 1924, aos 32 anos, Assis Chateaubriand adquiriu "O Jornal", do Rio de Janeiro, a primeira de muitas outras empresas de mídia impressa, rádio e televisão que foram incorporadas ou criadas pelo grupo que fundou. Seu sonho era integrar os brasileiros através dos veículos de comunicação.

Sua obstinação era tamanha que, no ápice, os Diários Associados contavam, em todo o território nacional, com 36 jornais, 18 revistas, 36 rádios e 18 emissoras de televisão.

A cronologia das aquisições assim sucede: "O Jornal", em 1924; o "Diário da Noite", em 1925; lança "O Cruzeiro" em 1928; em 1929, compra o jornal "Diário de Minas" que, posteriormente, passa a se denominar "Estado de Minas"; a aquisição do "Diário de Pernambuco" e a fundação da "Agência Meridional de Notícias" ocorreram em 1931; Em 1934, compra a revista feminina "A Cigarra"; em 1935, inaugura a Rádio Tupi AM, mais conhecida como "O Cacique no Ar"; no ano seguinte, em 1936, compra o jornal "O Monitor Campista", do Rio de Janeiro. Em 1937, torna-se proprietário do jornal "Diário de Santos", Rádio Tupã de São Paulo, "Correio do Ceará", jornal "Diário do Paraná", jornal "O Estado da Bahia" e Rádio Difusora de São Paulo, e inaugura a Rádio Tupi de São Paulo; a compra do "Jornal Unitário", de Fortaleza, e da Rádio Sociedade da Bahia ocorreram em 1940; em 1942, incorpora o jornal "Diário de Notícias", da Bahia, adquire a Rádio Clube, de Goiânia, e a Rádio Guarani, de Minas Gerais; em 1943, compra o jornal "A Razão", de Santa Maria (RS), a Rádio Educadora do Brasil, a Rádio Farroupilha

(RS); no norte, comprou o vespertino "A Vanguarda", do Pará, o jornal "Alto Madeira", de Porto Velho, a Rádio Difusora Porto-Alegrense, a Rádio Baré e o "Jornal do Commercio, ambos do Amazonas; em 1944 foram as rádios Educadora, de Natal, Educadora do Brasil (que depois passa a se chamar Rádio Tamoio), jornal "O Imparcial", do Maranhão, e a Ceará Rádio Clube; em 1945, compra o vespertino "O Diário", de Natal, que depois recebeu a denominação "O Diário de Natal"; "A Província do Pará", em 1947; inaugura a Rádio Borborema, em 1949, e, finalmente, inaugura a TV Tupi, em 1950.

Chatô foi jornalista, mecenas, advogado, senador da República, empresário, colecionador e embaixador em Londres. Sua "ética própria" - ou "habilidades persuasivas" – lhe rendeu a fama de chantagista. Uma capacidade de persuasão tamanha, que faz com que o presidente Getúlio Vargas mude a lei vigente - que determinava a guarda dos filhos à mãe -, para que ele pudesse criar sua filha. Episódio bem detalhado no livro "Chatô, o Rei do Brasil", de Fernando Moraes, e no cinema, sob a direção de Guilherme Fontes. Diga-se de passagem, essa amizade com o presidente começou em 1930, quando ele apoia a Aliança Liberal, movimento revolucionário que leva Getúlio Vargas ao poder.

Após a morte de Assis Chateaubriand, em 1968, os Diários Associados entraram em decadência. Em 1980 se dá o fechamento da TV Tupi e o grupo passa para um condomínio de acionistas que busca recuperá-lo. De 1999 a 2007 o grupo usa a marca Associados, e, em 2008, volta com o nome Diários Associados.

Atualmente, o grupo conta com dez emissoras de TV, doze jornais, doze rádios treze portais, cinco revistas, quatro empresas e uma fundação.

JOÃO DE MEDEIROS CALMON

Para que o megaprojeto de incorporação de empresas de comunicação se materializasse, Assis Chateaubriand precisava contar com homens competentes e de confiança, e talvez o maior deles tenha sido o jovem capixaba João de Medeiros Calmon.

João Calmon inicia sua carreira jornalística no "Diário da Noite" e, em apenas dois meses, é escolhido para dirigir o "Correio do Ceará". Depois se torna diretor geral e vice-presidente do conglomerado que dirigia as empresas pertencentes ao grupo de Emissoras Associadas em todo o Brasil, tendo participado da incorporação de 34 veículos de comunicação.

No processo de incorporação desses veículos, em janeiro de 1943, João Calmon, então com 27 anos de idade, vem a Manaus concretizar a transação de compra e venda e anunciar oficialmente, para a sociedade local, a incorporação do matutino "Jornal do Commercio" ao consórcio jornalístico.

O JC é adquirido junto ao sr. Vicente Torres da Silva Reis, pai do ex-governador Arthur Cezar Ferreira Reis, o qual estivera à frente do jornal desde 1907. A escritura de compra do JC é assinada às 17h30 do dia 29 de janeiro de 1943 no cartório do tabelião Rocha Barros.

João Calmon funda e preside a Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão - Abert. Envereda pela carreira política e se elege deputado federal e senador pelo Espírito Santo. Destaca-se pela sua incessante luta em prol da educação. É o autor da Emenda Calmon que estabelece a obrigatoriedade de aplicação anual,

pela União, de nunca menos de 13%, e, pelos Estados, Distrito Federal e Municípios, de, ao menos, 25% da renda resultante dos impostos, na manutenção e desenvolvimento do ensino.

GETÚLIO VARGAS

Getúlio Dornelles Vargas nasce no dia 19 de abril de 1882, em São Borja, no Rio Grande do Sul. Por razões nunca esclarecidas, altera o ano de seu nascimento para 1883. Essa particularidade só foi descoberta no ano do centenário de seu nascimento, quando a igreja onde havia sido registrado divulgou sua verdadeira certidão. Essa falsificação foi descoberta por estudiosos, pois constava do atestado militar por ele apresentado à Faculdade de Direito de Porto Alegre.

Entra no 6º Batalhão de Infantaria de São Borja e, rapidamente, é promovido a sargento. Ingressa na Escola Preparatória e de Tática, de Rio Pardo, depois 25º Batalhão de Infantaria de Porto Alegre. Abandona a vida militar e em 1903 e depois Ingressa na faculdade de Direito, em Porto Alegre, onde conclui o curso em 1907. Após a conclusão do curso retorna para São Borja, onde passa a advogar.

Em 1909, Getúlio ingressa na política como deputado estadual pelo Partido Republicano Rio-Grandense (PRP). De 1922 a 1926, exerce o mandato de deputado federal. É ministro da Fazenda do governo do presidente eleito, Washington Luís, mas deixa o cargo e comanda a denominada Revolução de 1930, que derruba o presidente Washington Luís e impede a posse do sucessor paulista, Júlio Prestes.

Apesar do vertiginoso crescimento dos Diários Associados na década de 1930, a Revolução manda jornalistas para a cadeia e submete todas as publicações ao crivo dos censores e policiais, especialmente as de cunho anarquista e fascista. Primeiramente através do Departamento de Propaganda e Difusão Cultural - DPDC e, posteriormente, com o famigerado Departamento de Imprensa e Propaganda, o DIP, criado em 1939.

Sob a liderança do jornalista Lourival Flores, o DIP objetiva espargir as ideias do Estado Novo. Centraliza a publicidade nacional e internacional; censura as peças teatrais, produções cinematográficas, recreativas, esportivas; produz eventos patrióticos, e gera o sistema de radiodifusão oficial do governo. Nos estados da federação, suas sucursais são conhecidas como "Deips" e dessa forma o governo monopoliza o controle da informação e a cultura nacional. O DIP exerce ingerência sobre tudo que se relaciona à sociedade brasileira, além da censura que já exercia sobre a vida cultural do país, um campo de ação muito maior que o DPDA. Era uma espécie de superministério, base de sustentação do governo Vargas.

Durante o Estado Novo (1937-1945), um órgão denominado Agência Nacional distribui, de graça, reportagens pró-governo. As publicações estrangeiras eram proibidas e a parcela da imprensa brasileira que rezasse a cartilha do regime tinha isenção de impostos na importação de papel.

Um episódio marcante ocorre em março de 1940 com a invasão da redação de "O Estado de São Paulo" por tropas do Exército, sob o pretexto de uma suposta conspiração armada em apoio à Revolução Constitucionalista de 1932. Foram plantadas armas no forro da sede do "Estadão" e prenderam o diretor Francisco Mesquita. O matutino ficou sob intervenção por cinco anos.

Iniciada em 1939, a Segunda Guerra Mundial tem o seu fim em setembro de 1945. Com a derrota das nações nazifascistas, a opinião pública brasileira passa a elevar as críticas ao regime ditatorial de Vargas e pressiona o presidente a renunciar para que o país retorne aos trilhos da democracia. Com os ventos soprando contra, Getúlio baixa um decreto no dia 10 de outubro daquele ano, numa tentativa de reverter ou amenizar o quadro adverso, antecipando as eleições estaduais para o dia 2 de dezembro. Sua intenção era sair bem avaliado ao final das eleições. Não funciona. No dia 29 de outubro de 1945, dezenove dias após o referido decreto, Getúlio é deposto por um golpe militar.

A eleição conta com três candidatos: o general Eurico Gaspar Dutra, representante da coligação PSD-PTB; o brigadeiro Eduardo Gomes, por sua vez apoiado pela UDN, e Yeddo Fiúza, que demarca politicamente o retorno do Partido Comunista do Brasil à legalidade. Apesar de estar fora do pleito, Vargas foi uma figura preponderante para que Eurico Gaspar Dutra assumisse o posto de favorito na disputa.

EURICO GASPAR DUTRA

Dutra inicia seu governo numa fase conturbada: o fim da Segunda Guerra Mundial e os primeiros sinais da Guerra Fria. Eram dias difíceis, mas desde o primeiro ano dos cinco que duraram o seu governo fica evidente de que lado o governo ficaria. O Brasil consolida sua aliança com os Estados Unidos, rompe relações diplomáticas com a então União Soviética e extingue o Partido Comunista do Brasil.

Com a extinção do PCB, três partidos políticos passam a protagonizar a cena política nacional, até meados da década de 1960: Partido Social Democrático (PSD), União Democrática Nacional (UDN) e Partido Trabalhista Brasileiro (PTB).

Em 18 de setembro de 1946 há a promulgação da Constituição do Brasil, uma Carta liberal e democrática a qual estabelece a igualdade de todos os cidadãos perante a lei; resgata a liberdade de expressão, sem censura; garante o sigilo de correspondência inviolável; decreta a extinção da pena de morte; separa definitivamente os três poderes; declara o voto secreto e universal para os maiores de 18 anos, excetuando-se os analfabetos, cabos e soldados; garante o direito à liberdade de pensamento e expressão, e assegura o direito de greve aos trabalhadores.

Seu objetivo era poder governar sem oposição e aprovar seus principais projetos para o Brasil. Uma de suas primeiras medidas foi proibir os jogos de azar e acabar com cassinos.

Na economia, adota uma política mais liberal, de não intervenção do Estado. Isso desagrada aos seus correligionários e o distancia um pouco de Getúlio Vargas, o que lhe permite aproximação e apoio da UDN. Preside o país até o fim do seu mandato.

Durante a ditadura militar, Eurico Gaspar Dutra tenta, sem sucesso, voltar ao poder, mas já era carta fora do baralho. Até à sua morte, não mais exerce qualquer cargo de destaque.

UDN E A REPRESENTAÇÃO DO AMAZONAS NA CONSTITUIÇÃO DE 1946

Criado em 7 de abril de 1945, a União Democrática Nacional (UDN) é composta por um grupo de políticos e cidadãos sem uma agenda política definida. Sua causa principal é fazer oposição a Getúlio Vargas. O udenismo abomina o populismo e condena a intervenção estatal na economia. Tem como característica a defesa do liberalismo clássico e o forte apego ao moralismo. A UDN participa de todas as eleições majoritárias e proporcionais até 1965.

A bancada amazonense na Assembleia Nacional Constituinte foi composta por sete representantes: senadores Álvaro Maia (PSD) e Valdemar Pedrosa (PSD), e deputados Cosme Ferreira (PSD), Leopoldo Peres (PSD), Pereira da Silva (PSD), Severiano Nunes (UDN) e Leopoldo Neves (PTB).

JOSUÉ CLAUDIO DE SOUZA

Nascido no dia 20 de novembro de 1910 em Itajaí, cidade erguida no encontro do Rio Itajaí-Açu com o mar, litoral norte de Santa Catarina, Josué Claudio de Souza, aos 32 anos de idade, deixou o Rio de Janeiro e veio para Manaus. Quando aqui aportou já carregava em sua bagagem curricular o título de bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, então capital do país.

No Rio de Janeiro é jornalista do "Diário da Noite" entre os anos de 1930 e 1942, tendo a inscrição de número seis em sua carteira de sócio do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Rio de Janeiro. No Amazonas, Josué se notabiliza, especialmente, como radialista, empresário e político.

Aqui chega trazido pelas asas de um Catalina, avião bimotor pertencente à Panair do Brasil, no dia 31 de dezembro de 1942. Recebera do paraibano Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Mello, fundador do "Diário da Noite" e dono dos Diários e Emissoras Associados, a missão de contribuir na gestão do jornal mais tradicional e mais antigo do Amazonas, o "Jornal do Commercio" (naquela data ainda em processo de negociação de compra e venda), e a única estação de rádio de Manaus, a Rádio Baré, antiga Voz da Baricéia. Assim o faz até a data em que deixa os Diários Associados.

Em 22 de setembro de 1946, Josué passa a escrever em "O Jornal" a coluna "Crônica de Manaus", objeto desta obra. Naquele momento, o interventor do Amazonas era o então tenente-coronel amazonense Syzeno Sarmento que, em 13 de setembro de 1946, substituiu João Nogueira da Mata, que estava no poder desde 31 de agosto daquele ano. Antes disso, foram interventores federais Júlio José da Silva Nery (16/02 a 31/08/1946); Emiliano Stanislau Affonso (07/11/1945 a 16/02/1946) e Álvaro Botelho Maia (24/11/1937 a 07/11/1945).

No ano seguinte, na eleição ocorrida em 19 de janeiro de 1947, poucos meses após lançar a sua prestigiada "Crônica de Manaus", Josué Claudio de Souza, aos 36 anos de idade, elege-se deputado estadual constituinte pela UDN, obtendo 546 votos, a quinta maior votação do pleito. Na mesma data, o Amazonas elege, com 14.578 votos, o governador Leopoldo Amorim da Silva Neves.

Em 26 de abril de 1947, o Tribunal Regional Eleitoral do Amazonas proclama o resultado final e, na sequência, a Assembleia Estadual Constituinte se instala no dia 8 de maio de 1947, no segundo andar do Instituto de Educação do

Amazonas - IEA. A nova Constituição do Estado é promulgada no dia 14 de julho, com a assinatura de 29 deputados: Carlos Soares de Melo, Aristophano Antony, Ney Oscar de Lima Rayol, José Carlos Nobre da Silva, Abdul Sayol de Sá Peixoto, Plínio Ramos Coelho, José Francisco Monteiro Neto, Almeron Caminha Monteiro, Jaime Bittencourt de Araújo, Thomaz Antônio da Silva Meirelles, Homero de Miranda Leão, Waldemar Machado da Silva, José Negreiros Ferreira, José Francisco da Gama e Silva, Francisco do Areal Souto, Júlio Francisco de Carvalho Filho, Paulo Pinto Nery, Alexandre Montoril, Raymundo Nicolau da Silva, Danilo de Aguiar Correa, Aderson Andrade de Menezes, Augusto Pessoa Montenegro, Arthur Virgílio do Carmo Ribeiro Filho, João Brito Albuquerque Veiga Filho, José Henriques de Souza Filho, Áureo Bringel de Melo, Alfredo Eulipes Jackson Cabral, Vicente Mendonça Júnior e Josué Claudio de Souza.

Em 1950, com 652 votos, novamente pela legenda da UDN, Josué se reelege deputado estadual. Quatro anos depois, após dois mandatos como deputado estadual, na eleição ocorrida em 3 de outubro, elege-se o deputado federal mais votado do Amazonas, com 9.197 votos.

Em 1958, já no PTB, agora ao lado de Gilberto Mestrinho, Josué Claudio de Souza concorre a dois cargos eletivos e em ambos se elege: deputado estadual e suplente de senador. Vivaldo Lima se elege senador com 37.065 e Josué Claudio de Souza suplente, obtendo 35.582, uma diferença de apenas 1.483 votos. No exercício de seu terceiro mandato no parlamento estadual, quando obteve 1.022 votos, em fevereiro de 1959, Josué se elege presidente da Assembleia Legislativa. Por razão convocatória, Josué chega a ocupar a cadeira de senador da República.

Josué "Pai", como era conhecido, foi o responsável pela construção do edifício Palácio do Rádio, onde seria a sede da Rádio Difusora do Amazonas, mas, segundo a imprensa local, o edifício foi vendido para que ele pudesse concorrer à Prefeitura de Manaus. Assim, em 1962, Josué Claudio de Souza se torna o primeiro prefeito eleito de Manaus na era pós-getulista e renuncia na noite de 14 de outubro de 1964.

Em 1978, retorna à cena política como deputado federal, filiado à Aliança Renovadora Nacional (Arena), quando obteve 14.447 votos. E em 1982, já no recém-criado Partido Democrático Social (PDS), voltou à Câmara dos Deputados com a votação de 18.957. Josué Pai viria a falecer às duas horas da manhã do dia 13 de agosto de 1992, com 81 anos de idade.

Para Josué Filho seu pai morreu feliz porque conseguiu levar uma vida honesta e honrada: "Ele conseguiu tudo em sua vida, menos ser vereador de Manaus". É que em 1988, contrariando a vontade de todos os seus familiares e amigos, aos 78 anos de vida, candidatou-se a vereador de Manaus e sofreu o seu primeiro e único revés nas urnas. Sua "Crônica do Dia" esteve no ar, diariamente, durante 47 anos.

O legado político deixado por Josué Pai foi tão significativo que filho e neto seguiram seus passos. Josué Claudio de Souza Filho foi vereador e assumiu a presidência da Câmara Municipal. Depois, elegeu-se deputado estadual e foi presidente da Assembleia Legislativa do Estado do Amazonas - Aleam. Quanto a Josué Claudio de Souza Neto, está em sua segunda gestão como presidente da Aleam, mandato que se encerrará em janeiro de 2017, exatamente setenta anos depois que seu avô iniciou sua carreira política nessa mesma Casa Legislativa.

A razão da publicação desse livro com a coletânea das 61 primeiras crônicas produzidas por esse ilustre homem público, portanto, perpassa por esse emblemático hiato de tempo, os setenta anos que separam a data em que Josué Claudio de Souza inaugurou a sua presença na imprensa escrita de Manaus e o ano presente.

A RÁDIO DIFUSORA DO AMAZONAS

Perspicaz, Josué Claudio de Souza percebeu que havia espaço para mais uma rádio na capital, aquela que poderia rivalizar e quebrar o monopólio da Rádio Baré. Mas a falta de recursos financeiros era um empecilho.

Mesmo assim, em sociedade com sua esposa e grande incentivadora Maria da Fé Xerez de Souza - e com a participação de amigos como Jaime Bittencourt de Araújo e Agesilau Souza de Araújo (ambos da tradicional família J. G. Araújo), Fabiano Afonso, Alzira Figueira, Alberto Carreira e João Salomão (este, seu padrinho de casamento) - Josué Pai, com 38 anos de idade, fundou a Rádio Difusora do Amazonas, "a mais poderosa emissora da planície", a Estação de Broadcasting (radiodifusão, transmissão) ZYS8.

Chamada de "A voz cabocla" ou "a voz da gleba grandiosa e fértil, hospitaleira e amiga", a Difusora foi ao ar pela primeira vez no dia 24 de novembro de 1948, com aparelhamento moderno, transmissor e equipamento Philips e com 5kW na antena. Na data tão especial, Josué faz o seguinte anúncio: "Está no ar a Rádio Difusora do Amazonas, estação ZYS-8, a mais poderosa da planície e a mais querida de Manaus, operando na frequência de 4.805 kilociclos, ondas intermediárias de 62,40 metros".

A programação de inauguração da emissora conta com a participação de Orlando Silva, o cantor das multidões, e de cantores locais acompanhados pelo "Jazz Manauara", sob a direção do compositor Salvandy Tavares, além do conjunto regional da própria emissora.

Desde a sua inauguração, pontualmente às 12h, de segunda a sábado, Josué Claudio de Souza lia a sua crônica diária, acompanhando as badaladas do sino da Matriz de Nossa Senhora da Conceição. Meio-dia era a hora em que Manaus parava para ouvir a "Crônica do Dia".

Em junho de 1949, a Rádio Difusora lançou o programa "Festa da Mocidade", um teatro de variedades que trazia para o seu palco os mais renomados astros e estrelas do rádio, teatro e cinema do País. Dos seus estúdios, a ZYS-8, como também era conhecida, registrava excelentes resultados com a irradiação de bons programas como: "Tem Gato na Tuba", "Bonde da Alegria", "Escada de Jacob", "Conheça Manaus", "Do Rádio para a Mulher", entre outros.

Depois de um ano no ar, a emissora já havia trazido artistas consagrados do naipe de Orlando Silva, Black Out, Augusto Calheiros, Yolanda Vargas, Leo Collante, Carmen Duran, Luiz Gonzaga, Salomé Parisio, Trio Marajó, Alcides Fonseca, Jujú Batista, além de humoristas, bailarinos e instrumentistas renomados.

Para comemorar o seu primeiro aniversário, "a emissora que falava do coração do Vale Verde para o Brasil" promoveu uma extensa programação com a participação do seu cast de valores locais: Guiomar Cunha, Raimundo Sena, Ilka Soares; o grupo musical Cancioneiros da Lua, Simoni Lupe, Raul Antônio; o Regional Mariuá, com Toinho no clarinete e Marília de Dirceu no piano; a peça radiofônica "Deus é a Força", de Sarita Campos; "Brasa", cortina radiofônica de Josué Claudio de Souza; "Os Dois Errados", sequência humorística do locutor Índio do Brasil; "Manaus é Assim", um trabalho de Almeidinha; o humorista Zé Coió e outras atrações.

Além da "Festa da Mocidade", a Difusora também realizou, durante a quadra carnavalesca, batalha de confetes e banhos à fantasia.

A CRÔNICA DA CIDADE

A razão da publicação desse livro com a coletânea das 61 crônicas iniciais produzidas por esse ilustre homem público, portanto, perpassa por esse emblemático hiato de tempo de setenta anos, compreendido entre a data em que Josué Claudio de Souza inaugurou a sua presença na imprensa escrita de Manaus e o ano em que estamos.

E o que Josué cuidava nessas crônicas? Ora, hoje, como no "tempo dos quintais", os principais problemas de Manaus eram água, energia elétrica, infância, gestão pública, ruas esburacadas, saúde pública, arborização, falta de carne verde... Excetuando-se a falta de carne verde, de lá para cá nada mudou.

Josué tinha uma pena que mesclava inteligência, sagacidade, sarcasmo, lirismo, ironia, filosofia, futurição e refinamento. Quando tratou do problema da tuberculose, por exemplo, assim escreveu: "A Liga Contra a Tuberculose empenha-se de há muito no prognóstico de construir um sanatório para atender um sem-número de tuberculosos". Parece atual, não?

Sobre problemas de solução aparentemente difícil, redigiu: "O que ontem era um legítimo bicho de sete cabeças, hoje uma simples operação de somar...". "... O que não devemos é perder tempo. Aproveitemos a boa vontade do interventor Syzeno Sarmento e marchemos para frente. Porque a hora é de muito trabalho, trabalho destinado a recuperar esforços inutilizados pela incompetência de uns e pela parvoíce de outros. Trabalho orientado para a frente, sem olhar para trás e também para os lados. Até porque a poeira da estrada nem sempre permite que possamos distinguir aquilo que vai sendo coberto pela folhinha... Graças a Deus, aliás, para muita gente...".

Quanto à operosidade do prefeito: "Longos dias de sol. De muito calor também. De poeira nas ruas. O bairro dos Educandos, de tão pouca sorte nos últimos tempos, continua sem o seu mercado. O crédito foi aprovado. Falta, porém, ação. O prefeito da cidade ainda é o sr. Fábio Araújo. Calmo como uma pedra...". "... O coração da cidade, porém, continua sendo palco da chamada "zona estragada". Casas em ruinas. Sem higiene de espécie alguma. Trapos humanos, egressos das sarjetas, vivendo em verdadeiros casebres que são um autêntico foco de males de toda sorte. Tudo errado".

O lixo a céu aberto da cidade: "... Mas o lixo. O lixo que é jogado ali na rua Luís Antony, juntinho da Prefeitura. Que diz a esse respeito a Saúde Pública. Que não ouve a grita dos moradores daquela zona. Grito que se prolonga há anos. Grito que já tomou forma de um mal remédio. Como a malária. Como analfabetismo. Como o desaparecimento do material do Serviço de Esgotos, confiado à Repartição de Águas. Canos de cobre, torneiras de cobre, turbinas etc. etc. Tudo teria ido de água a baixo". "... Saúde pública. Pena que não haja um meio de combater os focos de doenças de toda sorte com sede nas ruas Saldanha Marinho e Joaquim Nabuco. Pena que não haja um jeito para dar fim no viveiro de carapanãs em que está transformado o Aviaquário Municipal".

Quando o assunto foi um projeto de construção de um hotel que nunca se concretizou: "E o hotel de Manaus? Parece que a sua planta esteve enterrada de acordo com as normas da macumba. Manaus precisava de um hotel. Precisava de um hotel como precisa de quem resolva o problema do lixo. O hotel ia ser iniciado. Surgiram, então, as primeiras opiniões contra o local. Muito longe. Muito triste. E os ventos. E o sol. Foi a conta. Em pouco estava abandonada a possiblidade do hotel na Getúlio Vargas".

A respeito das condições vividas por um hospital da cidade: "... Surge à tona, então, o caso do Hospital São Sebastião. Uma tragédia social. Imensa como o mar. Dramática como um incêndio nas matas. Fúnebre como um campo de concentração. Morre gente como formiga...".

A propósito do serviço da Tramways (iluminação pública): "... Manaus há de ser sempre uma cidade pessimamente iluminada. Porque além da história das caldeiras, há a história da lenha. E esta muito mais complicada...". "... A luz da Manaus, como se sabe, não anda muito boa".

O senhor interventor: "... o coronel Syzeno Sarmento não costuma dar satisfação a ninguém dos seus planos, principalmente aos que, como nós, pobres mortais, não gozamos da sua intimidade".

As previsões de acordos políticos: "... Não está nada fácil mesmo, até porque, dizem também - em política se fala tanto - que o dr. Adalberto Vale está em evidência e muito bem amparado, governador ou senador? Adivinhar é proibido. E as bolas de cristal andam tão desmoralizadas...".

Descartando a hipótese de o prefeito optar pelo PCB: "... Porque quatro outros partidos ficarão com o direito de se julgarem donos das preferências do simpático solteirão. Comunista - parece-nos fora de dúvida - o prefeito Frazão Ribeiro não é. Costuma ir à missa, e faz o sinal da cruz até mesmo quando vê descer pela Eduardo Ribeiro determinada morena cor de jambo...".

Ainda sobre política: "... Que sem ela, sem o debate, sem a porfia, sem os partidos não teríamos conhecido o verbo de Otávio Mangabeira, a habilidade de Getúlio Vargas, a astúcia de Góes Monteiro, ou mesmo, para falar de gente nossa, a inteligência de Álvaro Maia, o vigor combativo de Severiano Nunes ou ainda a fibra inquebrável de Vivaldo Lima".

Sobre a classe dos jornalistas: "... De modo que o jornalista, que aprende a pedir demais para os outros, que tem o seu trabalho explorado durante toda uma existência, que tem a sua pena escravizada à especulação dos negociantes da operosidade alheia, pouco ou quase nada aprende a pedir para si e para os seus companheiros. Para si e para sua classe".

Para a companhia aérea, escreveu: "... Antigo, mas ainda eficiente. Como os seus aparelhos. Do contrário, ela passará a servir-nos de mau humor. E isso não é conveniente, Deus nos livre...". "... Deus nos livre de termos de ver a poderosa empresa zangada. Nada disso...". "... Voa Panair... sobre o rio mar. Mantém firme a tua linha. Terás mais dinheiro. Poderás reformar se o quiseres, a tua velha frota. Mas, voa sim, benzinho...".

Comentário sobre um falsário: "... fábrica de dinheiro falso. Indústria sobremodo tentadora, e que, nestes dias de crise, de câmbio negro, de lei de inquilinato a conspirar contra o bolso dos pobres chefes de família, surge como uma perigosa tentação aos olhos dos incautos. Francamente, senhor Barimbau...".

E, irônico, continua: "... O seu plano, segundo se conclui, era muito outro. Ele não era um falsário. Nunca. Continuaria sendo um marreteiro em período de evolução. Novos planos, novos golpes. Para o seu cartaz de 'sabido' internacional não ficaria bem o papel de enganar apenas os caboclos na rampa do Mercado, quando eles podem ser igualmente ludibriados, mesmo dentro daquele estabelecimento! Com os apetrechos que reuniu, criou então o cenário que deveria dar maior vida ao palco das suas novas atividades. Fabricava dinheiro e queria sócios. Coitado do Barimbau... Ele queria prestar um serviço. E não foi compreendido".

Definindo as aflições dos governantes: "... o martírio dos nossos governos: luz, água e carne...".

Exercício de futurição sobre religião: "A religião vai sofrendo reveses e o materialismo destruidor vai conquistando adeptos. Urge, a nosso ver, que o chefe da nossa igreja faça em Manaus como deve ser feito em todo o Brasil. A igreja precisa de pregadores ilustrados. De sacerdotes capazes de convencer pela argumentação destruidora dos argumentos adversários. Não bastam, hoje, em meio à corrupção reinante, as simples orações. A repetição apenas dos fatos bíblicos. Necessário é que a luta da Igreja evolua. Que ela possa estender-se, pelos seus oradores, à praça pública, às fabricas, conduzindo a massa para a Casa de Deus, onde pregadores sacros outros a manterá firme, a manterá voltada para as palavras, para as sábias palavras do bem, na sua porfia contra o mal".

Exercício de futurição sobre a independência da mulher: "O dia em que a mulher brasileira, como a mulher argentina, como a mulher do mundo inteiro, cuidar, desde a sua mocidade, de habilitar-se para enfrentar a luta pela existência pelas suas próprias energias, pela sua habilitação e pela sua capacidade, sem ter em conta sua habilitação e pela sua independência profissional... a mulher criar um outro patrimônio sólido pela educação religiosa e pelo sentimento de respeito crescente à sua dignidade e à dignidade de família... terá, não temos dúvida, se armado, de maneira a mais sólida, para os embates da sociedade, inclusive para vencer a tática dos que se apresentam, nas horas em que a aflição lhes bate à porta, como elementos de uma proteção cujas consequências se revelam dias depois, nos primeiros passos para o irremediável".

Embriaguez e uso de arma de fogo: "... Nos últimos tempos, Manaus vem sendo palco de cenas profundamente lamentáveis. Excessos de engraçados que se embriagam para perturbar a paz alheia e excesso de zangados que, por dá cá uma palha, tome bala... E como atiram mal...". "... todos os portadores de licenças especiais para uso de 'máquinas de fazer defunto' e similares".

A inauguração do Cine Éden: "Cine Éden, uma casa de diversões a mais, que se vem unir às que já existem, com o propósito de trazer distrações em maior escala para a sociedade baré. O Éden está precisando, todavia, de ventiladores. Porque paraíso naquela temperatura, francamente...".

Uso de expressões e termos proverbiais: "Um guaraná bem gelado salva a situação". "... o senador Álvaro Maia se mela de contente sempre que lhe falam da possibilidade de conduzir o dr. Antônio Maia à Câmara dos Deputados...". "... seria uma mão na roda, como se diz na linguagem de bordo, de colher, como sentenciaria o dr. Jorge Andrade". "... Demos de barato que o seja...". "... A esperança, é isso mesmo, morre sempre por último. E às vezes não morre nunca". "Tem dado o cavaco".

Esta é uma justa homenagem a Josué Claudio de Souza, o catarinense que adotou Manaus como cidade de vida e, como tantos outros, foi acolhido, constituiu família, "filhos da gleba verde". Criou raízes profundas e no "Vale", escreveu uma história exemplar de carisma, de amor pela "planície" que o acolheu; de sucesso pessoal e profissional.

Josué Claudio de Souza descansa no "campo santo", mas tem lugar cativo no coração dos amazonenses que tiveram o privilégio de conhecê-lo.

Lúcio Menezes

1946

Cronica da Cidade

Josué Claudio de Souza

As razões desta cronica — Parece-nos dispensavel qualquer referencia a respeito. Diremos todavia que não nos habituariamos, de modo alguem, mesmo por alguns mêses, distante do contato com os problemas da cidade que fizemos nossa pelo coração e pelo espirito. Dito isto, a guiza de prologo, tiramos o assunto desta manhã de domingo. Ha inegavelmente no seio da coletividade bare, acostumada a sua vida em regra vasia de sensações — até porque os castigos da crise e o desprezo do poder central a que fomos habituados durante todos esses ultimos 15 anos, já não nos impressionam — uma grande interrogação... Conseguirá realmente o coronel Syzeno Sarmento, com o seu vigor moço e com o seu inexcedivel amôr à gleba, resolver os nossos casos mais urgentes, nos poucos mêses que, desde que nenhum acontecimento anormal perturbe a vida constitucional do país, se conservará a frente dos destinos do Amazonas ? E essa pergunta se acentua, ganhando maior evidencia, tanto mais quanto vamos todos percebendo que o digno e brioso militar, pelo que tem revelado publicamente aliás, nos poucos dias de contato com o poder, se disnõe a modificar, em favor de um criterio da mais rigida moralidade de governo, todas as normas e todos os processos administrativos, todas as normas e todos os processos de abastecimento da cidade e de fornecimento ao povo, de generos de primeira necessidade. Logico que isso, se constituirá, desde logo, numa verdadeira revolução — E que revolução — Por todos os motivos. Ha muita gente por aí a fora mal acostumada. Viciada mesmo. Sem nenhum desejo de tomar conhecimento efetivo das suas obrigações no trabalho para que é pago. Em regra muito bem pago ate. Uns vivem no interior. Outros na Capital. Outros ainda no Rio de Janeiro. Males antigos. Que já tomaram gosto e forma de uma tradição. Nascidos com a tão injustiçada República Velha. Conservados e aprimorados possivelmente com a entrada de alguns figurantes outros, com o Movimento de 1930. Sustentados sem protesto, com o advento do Estado Novo e que alcançaram sem solavancos o 29 de Outubro de 1946 — Logo — quebrar tradições, ainda as mais exoticas, não nos parece uma tarefa facil, mesmo que se trate da ação de um pulso valente, perfeitamente identificado com as mais duras e as mais arduas lutas. E ha ainda no seio de certas repartições de Manaus outros males, outros êrros, outros costumes. Cronicos todos eles. De modo que o homem da rua, na sua velha e fatigada incredulidade, olha a tudo isso, olha a todas essas coisas, ouve o que se diz aqui e o que se apregôa ali, presta atenção, mas não comenta. Prefere silenciar, receioso de errar. Porque, na verdade, essa batalha conduzida aqui na planicie pelo heroi de Monte Castelo, pelo seu desejo muito amazonense e muito brasileiro de tudo fazer pela melhoria das condições de vida dos seus conterraneos, ditada pelas mais nobres intenções e pelos mais justos propositos, será uma coisa muito séria, seriissima mesmo. Notadamente se tivermos em conta, ainda, que o delegado da confiança do general Eurico Dutra, simbolo do espirito anti-continuista de 29 de Outubro, aqui chegou numa hora imensamente dificil, numa hora sobretudo politica. Não duvidamos, porem, da nossa parte, quanto ao exito do sr. interventor, mesmo considerando que ele terá de manter-se em guerra constante, mesmo tendo em conta que o ambiente de guerra não proporciona bom clima para os entendimentos de ordem partidaria, capazes de formar um bloco unico de forças democraticas dispostas a lutar contra os extremismos e os extremados. Quanto à segunda parte da missão altamente delicada do coronel Syzeno Sarmento, ela não se nos afigura menos complicada. Ao contrario. Cercado embora do apoio unanime da nossa imprensa e das simpatias gerais do nosso povo, terá o chefe do governo de enfrentar, no seu combate às causas da escassez de generos e do desenvolvimento do famigerado cambio negro, com obstaculos que chegam a parecer, nos menos afoitos, como intransponiveis. Não nascem, na maior parte das vêses, no Vale, no seio do seu comercio, as origens desses flagelos. Eles vem de longe. Começam, com determinadas mercadorias, nas praças do sul. Nas fabricas mesmo. Passam pela Comissão de Marinha Mercante e ganham, pelas mil e uma dificuldades (?) surgidas, maior robustês ainda. Posta a carga a bordo dos vapores que nos servem de mês em mês, novas investidas surgem contra a bolsa do povo. Ha comerciantes nesses barcos. Entre a gente mais destacada — A carga só deixa o porão quando os estoques do comercio clandestino estão esgotados. E esses estoques são negociados no mais atrevido cambio negro ! A imprensa tem gritado. O povo tem protestado. De que tem servido ? Tudo em vão. Inutilmente. A historia do trigo — O conto da cerveja — A odisseia do cigarro — O embarque tambem de automoveis no porto de Belem. Uma série, como se vê, de conspirações contra a bolsa popular. Contra as normas legais de comercio. A estimular e desenvolver a "marretagem" em todas as suas modalidades. Desorganizar essa maquina, habituada a funcionar dia e noite, poderosa e solidamente montada, não nos parece uma africa capaz de ser atingida sem muito esforço, sem muita tenacidade e sem a disposição inabalavel de brigar com gregos e troianos. — Claro que o coronel Syzeno Sarmento é um homem forte e resoluto. Disposto a cumprir com os seus deveres de amazonense, de soldado e de homem de governo sem ter a preocupação de agradar ou desagradar a quem quer que seja. O povo da sua terra, ha de apoia-lo em todas as incitivas em favor da coletividade, particularmente na liça contra os tubarões com e sem casaca. A empreitada é dura, porem, muito dura mesmo. E os fatos se incubirão de positivar as razões das desconfianças do homem da rua e o motivo da interrogação imensa que domina o pensamento de quantos habitam a terra de Apuricaba.

terça-feira, 24 de setembro

O uso do cachimbo é o diabo...Por causa dele a nossa "crônica de Manaus" ganhou, domingo, outra epígrafe. Mas, hoje ela aí está tal como foi idealizada. Muito bem. Jogamos na capital marajoara e perdemos por três a zero. Como sempre tudo contra os amazonenses. Até o tempo com as chuvas a deixarem o gramado num estado em que era impossível a prática do bom futebol. A peleja teve de ferir-se no terreno alagado. E levamos a pior, como ocorreu, nas mesmas condições, ali mesmo, com o Fluminense e com o São Cristóvão. E por falar em clubes do Rio, é bom não esquecer que o Flamengo perdeu ontem a sua invencibilidade frente os "alvos" por 1 x 0. Mas, perdeu partida disputadíssima, em que o esquadrão da Rua Figueira de Melo se revelou sempre mais senhor do gramado. Voltando a falar da porfia entre os líderes da Amazônia, porém, devemos louvar a combatividade sempre revelada pelos pupilos do Dr. Menandro Tapajós. Mantiveram-se firmes e aguerridos durante todos os noventa minutos de luta. A rigor, a contagem foi de 2 x 1. Porque o terceiro tento dos locais resultou de uma situação meramente acidental... E o nosso galo, no dizer dos observadores menos apaixonados, legitimamente marcado. Foi em todo caso uma partida entre irmãos, em que venceu os que tiveram mais posição. Aguardemos, pois, com toda simpatia, a visita dos paraenses e demos-lhes em campo, um combate à altura da nossa educação esportiva. Feito esse registro, já que esse foi o maior acontecimento da semana, prossigamos. O dia da árvore...Passou ele com o 21 de setembro completamente esquecido, porém, sem qualquer alusão, sem qualquer registro, e as árvores merecem tudo. São as nossas maiores e melhores amigas, tudo elas nos dão, os seus saborosos frutos, a sua dadivosa sombra, os seus milagrosos bálsamos e a sua vida para que tenhamos móveis, para que tenhamos fogo, para que tenhamos um milhão de coisas. Que nos pedem as árvores em troca de tanto bem? Nada. Apenas o direito de continuarem na sua missão benfazeja. Apenas o direito de se erguerem soberbamente, como marcos da civilização, nas nossas praças, nos nossos jardins, nas nossas ruas, nas cidades e nos campos. O plano de rearborização de Manaus, todavia, continua cada vez mais esquecido...O dia da árvore, no entanto, já se foi, talvez para o ano que seja possível fazer alguma coisa...coitada das árvores...Grandes vítimas sempre da inevitável ingratidão humana! Há um punhado de outros assuntos chamando a atenção dos que se interessam, de fato, pelos problemas de Manaus e do seu povo. Surge entre eles, para destacar-se, por força da sua grande significação, o caso da Faculdade de Direito. E esse caso tem a sua história longa e antiga. Não se culpe tanto o Ministério da Educação. Tudo já poderia ter sido resolvido. Houve má vontade da parte da interventoria no passado, houve descaso também, e ainda a ação de relatórios que não refletiam a verdade. Contra os quais tivemos ensejo de formular o nosso protesto pessoal. O caso da nossa escola de ensino superior não é, todavia, um caso perdido. Não é também um assunto que não possa ser resolvido por aqui. Pode sim. Desde logo. Como se sabe, as disposições transitórias da Constituição, no seu artigo 26, mandam que sejam recolocados nos seus cargos, os professores afastados por força da tão discutida lei das acumulações, baixada ao tempo do Estado Novo. Ali está, a nosso ver, a chave do problema, baseando

na lei pode o governo amazonense decretar a imediata reintegração dos professores Waldemar Pedrosa, Analio Rezende, Sá Peixoto, Bernardinho Paiva e Vivaldo Lima. Dirá o leitor que eles, esses mestres, figuras respeitáveis, não concordarão em voltar às suas antigas cadeiras...Possível seria que assim ocorresse, desde que se tratasse de coisa definitiva. Mas esta reintegração poderia ser conservada apenas até que feito seja o concurso tão debatido e que poderá ser realizado imediatamente. Como? Muito facilmente, com a volta dos velhos mestres e com a participação dos atuais catedráticos Aristides Rocha e Cunha Costa, completa estará para os efeitos da banca examinadora, a Congregação, o resto é claro como água. Pronto o concurso para o preenchimento das vagas existentes, encerrado estará, de uma vez por todas, o verdadeiro drama da Faculdade de Direito do Amazonas. Os que haviam voltado a lecionar graças a Constituição, poderão ou não continuar desde que não o desejem, escolherão a disponibilidade remunerada, com o que aguardarão a aposentadoria. Terão, contudo, prestado mais um relevante serviço à sociedade baré. Como se vê, não se faz necessário recorrer ao Rio de Janeiro, não se faz necessário recorrer ao presidente Eurico Dutra, a estas horas tão preocupado com os mil e um problema da política nacional. O que até ontem era inteiramente impossível, hoje, por força da ação da Carta Magna, se torna perfeitamente viável. O que ontem era um legítimo bicho de sete cabeças, hoje uma simples operação de somar...O que não devemos é perder tempo. Aproveitemos a boa vontade do interventor Syzeno Sarmento e marchemos para frente. Porque a hora é de muito trabalho, trabalho destinado a recuperar esforços inutilizados pela incompetência de uns e pela parvoíce de outros. Trabalho orientado para a frente, sem olhar para trás e também para os lados. Até porque a poeira da estrada nem sempre permite que possamos distinguir aquilo que vai sendo coberto pela folhinha...Graças a Deus, aliás, para muita gente...

quinta-feira, 26 de setembro

Longos dias de sol. De muito calor também. De poeira nas ruas. O bairro dos Educandos, de tão pouca sorte nos últimos tempos, continua sem o seu mercado. O crédito foi aprovado. Falta, porém, ação. O prefeito da cidade ainda é o Sr. Fábio Araújo. Calmo como uma pedra. De modo que o peixe e a carne da população do laborioso povoado, continuam expostos no tempo. Num verdadeiro desafio à Diretoria de Saúde Pública, cujas atividades, nesta semana, vêm sendo tão intensa contra as tacacazeiras e os copos e os pratos velhos. O coração da cidade, porém, continua sendo palco da chamada "zona estragada". Casas em ruinas. Sem higiene de espécie alguma. Trapos humanos, egressos das sarjetas, vivendo em verdadeiros casebres que são um autêntico foco de males de toda sorte. Tudo errado. Campanha também contra os suínos. Campanha contra as barracas que servem a pobreza. Em defesa da saúde do povo. Muito bem. Mas o lixo. O lixo que é jogado ali na rua Luís Antony, juntinho da prefeitura. Que diz a esse respeito a Saúde Pública. Que não ouve a grita dos moradores daquela zona. Grito que se prolonga há anos. Grito que já tomou forma de um mal remédio. Como a malária. Como analfabetismo. Como o desaparecimento do material do Serviço de Esgotos confiado à Repartição de Aguas. Canos de cobre, torneiras de cobre, turbinas, etc. etc. tudo teria ido de água a baixo. Mas está fazendo calor mesmo. Resta apelar para os banhos da cidade. Para o concurso dos nossos magníficos igarapés. O melhor de todos é o Parque Dez de Novembro. As estradas estão boas. Ao contrário das ruas centrais que parecem pistas de corrida de obstáculos. Mas é uma lastima. O suntuoso Parque está deserto. Não tem agua. A comporta que retém o precioso liquido quebrou-se e ninguém quer mandar concerta-la. Quem haveria mesmo de lembrar-se se o prefeito é ainda o mesmo! Honrado e digno, mas alheio aos problemas de Manaus. Um passeio perdido. Que pena. Resta voltar para a Avenida Eduardo Ribeiro. As cadeiras da Leitaria Amazonas agora são novas. A cerveja continua abordo ainda. Não há força humana capaz de modificar o sistema de desembarque do Loide. Nem providências e apelos possíveis de quebrar a resistência da Manaus Harbour. Um guaraná bem gelado salva a situação. E a palavra gira então em torno da festa do Dia do Agente Comercial. Está perto. No primeiro dia de outubro. Aqui essa data será celebrada com uma missa, um jantar e uma partida de futebol. Desta, a renda reverterá em favor da Liga contra a tuberculose. Ótimo. Surge à tona, então, o caso do Hospital São Sebastião. Uma tragédia social. Imensa como o mar. Dramática como um incêndio nas matas. Fúnebre como um campo de concentração. Ninguém será capaz de descrever o que ocorre ali. Ninguém. Uma verdadeira parada de horrores. Falta tudo. Leitos, remédios, enfermeiros, qualquer coisa afinal que pudesse aliviar o sofrimento dos que são ali jogados para morrer. Horroroso o Hospital São Sebastião. Morre gente como formiga. A toda hora. Aquilo não pode continuar assim. Absolutamente. É uma indignidade. Uma barbaridade. Um desafio no senso de humanidade de todos nós. Liga Contra a Tuberculose... Bonita organização. De fins e propósitos os mais nobres. Qual tem sido, porém o seu papel entre nós? Nenhum. O hospital a que estamos nos referindo é uma prova inequívoca disso. Tuberculosos existem, às centenas, pelos nossos bairros e subúrbios.

Trabalhando até que esgotadas sejam todas as suas energias. Propagando o mal. Quando são recolhidos pela assistência, no adeus à vida, nada mais lhes resta a não ser o recurso único de sucumbir isolados numa cama dura e suja do Hospital São Sebastião! Onde não entra ninguém que não seja o velho enfermeiro e o pessoal incumbido do enterro, dias depois. Um quadro rico de horrores. A reclamar providências. A pedir que se combata o mal pela raiz. A implorar que olhemos com maior atenção para a população sem recursos, para os casebres e para as choupanas, onde o perigoso bacilo está fazendo miséria!! Onde a Saúde Pública não vai nunca. Porque os automóveis dos seus chefes não alcançam mesmo aqueles becos sem ar e sem luz. Comparáveis, na falta de limpeza, às pocilgas da rua Saldanha Marinho e da Joaquim Sarmento. Até porque nos casebres onde a tuberculose impera não há o que quebrar. Nem também o que comer. E o calor continua. Intenso. Sempre mais duro. Denunciando, por certo, mais uma tempestade. Fortes chuvas. Trovões. Raios. Manifestações da natureza que são sempre um desafio a todas as precauções e a todos os poderes. Que ameaçam castelos e palácios. Que dizem ao homem, ainda que ele se julgue rico e poderoso, que nada somos afinal, diante a força desconhecida do cosmo. Que é uma grande maneira o entendermos que pomos e dispomos da vida alheia. Porque a nossa não vale nada também. Nem ela, nem os cargos, nem o dinheiro. Tudo pode desaparecer de momento para o outro. Como um sopro. Triste realidade, não resta menor dúvida. Mas é assim mesmo o mundo. Na China, no Rio de Janeiro. Também aqui em Manaus.

sexta-feira, 27 de setembro

A Saúde Pública continua quebrando copos, pratos e também panelas. Tudo isso sem ter dado um prazo para que os restaurantes e os cafés cumprissem as suas recomendações. Não há na praça, aliás, a maior parte do material que está sendo destruído. Que farão os funcionários da repartição chefiada pelo Dr. Edson Stanislau Afonso quando chegarem na Santa Casa? No Hospício? No Hospital São Sebastião? A Santa Casa, contudo, está de parabéns. Acaba de ser nomeado o seu provedor o comendador Agesilau Araújo. Ótima escolha. O Sr. Ferreira da Silva vinha fazendo o que era possível. Confiamos em que o novo provedor poderá fazer muito mais. Questão de fé. Um dia grande para os filhos de Israel o de ontem. Começo do ano, parece-nos. Início, pelo menos, das cerimônias preparatórias da grande solenidade da Páscoa do Perdão, no próximo 4 de outubro. Muitas casas fechadas. Um grande movimento na sinagoga. Notícias também sobre o secretariado do interventor coronel Syzeno Sarmento. Notícias também sobre a política nacional. O governo de coalisão teria fracassado inteiramente. As cartas do baralho político, as maiores e as mais fortes, nas mãos ainda do Sr. Getúlio Vargas, não teriam permitido que o coronel Eurico Dutra, ganhasse a parada. Mas ele é o dono casa. Tem transigido em demasia e parece não estar disposto a fazer novas concessões. Rasgará o baralho ou fechará a casa? Alguma coisa, com toda certeza, vai ser feita pelo presidente eleito no dia 2 de dezembro. Porque a "banca" continua tendo prejuízo. Muito prejuízo mesmo. E assim não é possível continuar. Diz-se que o baralho vai ser dividido. As cartas marcadas ficarão de fora. Depois disso será feita nova tentativa. E se não der certo? Mas por falar em cartas, embora figuradamente, vem à nossa memória a batida dada pela polícia, outro dia, numa casa onde o jogo campeava. Inúmeras prisões foram feitas. Inclusive de gente que nada tinha com a coisa. Foram lavrados os flagrantes. Era o início de uma forte campanha contra o jogo. Contra esse flagelo responsável por tantas desgraças e por tantas tragédias. No dia imediato, porém, tudo estava desfeito. Rasgado os flagrantes, processos inutilizados. Ora o jogo... Acabou-se a campanha. E o hotel de Manaus? Parece que a sua planta esteve enterrada de acordo com as normas da macumba. Para que não saia a furo nunca. Primeiro não havia quem se dispusesse a construí-lo. A imprensa fez uma longa campanha. Manaus precisava de um hotel. Precisava de um hotel como precisa de quem resolva o problema do lixo. Surgiu, afinal, dentro da Associação Comercial, defendido pelos Srs. Álvaro Bandeira de Melo, Isaac Sabbá, Jaime Araújo, Oscar Maia, Aristóteles Bomfim, Deoclecio Miranda Corrêa e tantos outros, o plano ansiosamente esperado! Aquele importante órgão de classe daria um hotel à cidade. Restava escolher o local. Surgiu a lembrança da Avenida Getúlio Vargas. Terrenos amplos. Lugar de muito futuro. Um meio ainda de alargar a cidade que não pode ser tão somente as três ruas centrais. A sugestão mereceu aplausos. Um terreno foi desde logo escolhido e comprado. O hotel ia ser iniciado. Surgiram, então, as primeiras opiniões contra o local. Muito longe. Muito triste. E os ventos. E o sol. Foi a conta. Em pouco estava abandonada a possiblidade do hotel na Getúlio Vargas. Durante muito tempo o assunto morreu. Com a mudança de diretores, de interventores, de clima político até, de novo o hotel veio à

baila. E desta feita com dois pontos julgados magníficos. Um na praça Tenreiro Aranha, que foi prontamente, doada a Associação Comercial. Outro junto da Matriz, junto do porto, junto de tudo. A coisa deveria ser escolhida de modo definitivo. Para tanto só mesmo uma deliberação da Assembleia Geral da Associação Comercial do Amazonas. A planta teria de ser igualmente escolhida. Convocada a referida reunião, por enorme maioria foi apontado o local junto da Igreja em que deveria ser erguido suntuoso edifício, calculado em doze milhões de cruzeiros, de acordo com antigo projeto de competente engenheiro Dr. Aluísio Araújo. Pronto. Agora sim, o hotel sairia mesmo. Foi quando chegou a Manaus, nomeado interventor federal, o coronel Syzeno Sarmento. Inteirou-se da questão do hotel. Questão que ele já conhecia por força da leitura dos jornais da gleba. Não concordava, todavia, com o ponto determinado. Ali junto da Matriz!! Não era possível. Iria desmanchar uma praça linda. Iria perturbar um traçado a que todos já se haviam habituado. Ali não. E ainda uma vez o hotel teve de ser preterido. A ideia da sua construção, porém, não foi esquecida. Continua de pé. A questão está em descobrir outro terreno. Que não seja muito central, mas que não seja muito retirado. Nesse sentido o presidente da Associação Comercial voltou a fazer pesquisas. Pesquisas e investigações. Dentro em breve, como é natural, o local estará fixado de novo. A Assembleia Geral da A.C.A terá de manifestar-se. Estaremos então em cima das eleições. O hotel ficará para um pouquinho mais tarde. Findas as eleições, dar-se-á outra mudança de governo. E o ponto escolhido pode não ser do agrado do governador eleito... De modo que os dias vão passando, com eles os meses e os anos. De hotel continuamos conhecendo a grande luta feita em favor da sua construção. Uma luta que data desde 1943. Uma luta que tem sofrido toda sorte de reveses. Mas que continuará por certo. Água mole em pedra dura...

sábado, 28 de setembro

A saúde pública continua visitando cafés e restaurantes. E o nosso confrade Edson Stanislau Afonso nos conta por um matutino, no qual colabora, que vai investir também contra as barbearias. De modo que a campanha em defesa da saúde do povo continua em todo o seu vigor, pena que não haja tempo de olhar para o lixo que é jogado diariamente no coração da cidade. Pena que não haja um meio de combater os focos de doenças de toda sorte com sede nas ruas Saldanha Marinho e Joaquim Nabuco. Pena que não haja um jeito para dar fim no viveiro de carapanãs em que está transformando o aviaquário municipal. Assim é a vida, porém, as autoridades sanitárias se preocupam com os copos e se esquecem das sarjetas, das valas, das montanhas de imundices de todo o gênero...Não nos parece legal, contudo, a quebra que está sendo realizada a torto e direito. A propriedade alheia, notadamente num regime constitucional, deve ser respeitada, e não vemos a necessidade para tanta exibição também. Há quem pense já num mandado de segurança, e seria uma solução, a nosso ver. Algumas verdades sobre a tuberculose no Amazonas...O primeiro de uma série de artigos que o Dr. Djalma Batista deverá escrever para O Jornal. Um depoimento real em torno de uma luta que se tem feito intensa, mas que não tem, infelizmente, obtido resultados práticos. A Liga Contra a Tuberculose empenha-se de há muito no prognóstico de construir um sanatório, capaz de atender, em parte, aos nossos irmãos atacados pelo terrível mal. O hospital de São Sebastião, que abriga em seu seio dezenas de tuberculosos, situado ao lado do Forno Crematório, sem nenhum recurso quase, continua muito longe de poder servir às suas finalidades. O trabalho de seu médico e do seu enfermeiro é, todavia, um trabalho de heróis. Não bastam nesses casos, porém, heroísmo e dedicação. Urge que consigamos recursos, muitos recursos. Que um não só nos daria, precisamos de pavilhões também. Tudo isso, hospital, sanatório e pavilhões para tentar aliviar os efeitos de um mal cujas origens vem de muito longe, vem das favelas, dos casebres, da subalimentação e do impaludismo. Porque a tuberculose não é uma doença que derrube organismos fortes, não é uma doença que ataque diretamente, ela vem pelos seus agentes, pelas febres em regra, que aniquilam aos nossos patrícios reduzindo ao mínimo a sua resistência orgânica. Pelas febres e pela falta de uma alimentação adequada, logo, a luta contra a tuberculose tem que ser orientada de acordo com a complexidade das suas fontes. Sem prejuízo do combate, é claro, aos casos já declarados. Daí o entendemos que o que se tem feito é muito pouco. É pouco também o que se deseja fazer. O Amazonas ainda não há muito, foi alvo das mais graves acusações por parte dos que, no Rio de Janeiro, sem conhecer as nossas condições de vida, entenderam de dar palpites em torno da chamada tragédia da Batalha da Borracha. Milhares de nordestinos haviam morrido por aqui por falta de amparo. O fato não nos tinha surpreendido, embora tivesse havido muito exagero nas informações prestadas maliciosamente ao Sr. Café Filho, não nos surpreendemos mesmo. Porque, igual, em todos os tempos, tem sido a sorte do nosso caboclo, do nosso irmão, do nosso construtor, do nosso progresso e da nossa riqueza. Atirado aos nosso tapiris sem qualquer conforto, atacado pelos mosquitos e pelas endemias

mais estranhas. Comendo um pouco de farinha e um pouco de peixe quando é possível, surpreendido, não raro, em plena noite, pela cheia. Em debanda constante, sofrendo horrores, sem roupas, sem móveis, sem recursos de espécie alguma, sem nunca ter visto um médico. Tendo com único socorro, nos casos mais dramáticos, o conselho pouco experiente do vendeiro distante. Esse fenômeno não se observa apenas ao longo dos rios e dos lagos. Também nas vilas e nos bairros do Amazonas. E deles, dessa falta de assistência e desse ninho de miséria, nascem os grandes contingentes de tuberculosos que não são, em pequena parte apenas, trazidos ao conhecimento dos abnegados soldados da Liga Contra a Tuberculose dos dedicados servidores do Hospital São Sebastião. Morreram nos seringais e fora deles muitos nordestinos que não resistiram o sistema de vida do caboclo, para os quais não preparamos condições especiais porque jamais encontramos meios como armá-las para os nossos. A grita feita em torno do "caso" do soldado da borracha, do voluntário, nos causou pasmo. Porque os nossos soldados da borracha, os efetivos, vivem essa mesma odisseia, esse mesmo sacrifício, esse mesmo drama, há centenas de anos já e jamais se fez barulho em torno da sua desdita, de certo modo. Já pelo sul, considerada como a coisa mais natural deste mundo. Algumas verdades sobre a tuberculose no Amazonas, com que o competente Dr. Djalma Batista pretende esclarecer assunto de tão relevante importância, há de falar-nos, não temos dúvida, em expressões fortes como a tragédia em causa, de um problema cujas raízes, profundas e solidamente ligadas à nossa política social, se estendem nas mais diversas direções...Será, pelo menos um depoimento valioso pela sua sinceridade e notável pela sua oportunidade. Vamos aguardá-lo.

domingo, 29 de setembro

Constando da "Crônica de Manaus" declarações de suma gravidade a respeito da conduta da Polícia Civil em uma diligência efetuada no dia 23 do corrente, esta chefia se apressa em informar como se deu o fato. "Os contraventores foram presos em flagrante e a seguir postos em liberdade por falta de testemunhas que permitissem lavrar o competente auto", espera que o ilustre autor da Crônica de Manaus lhe envie os elementos necessários para instauração de inquérito, a fim de, apuradas as responsabilidades, serem punidos os funcionários relapsos. Agradecendo etc." Como se vê o coronel chefe de polícia sentiu-se magoado pelo fato de termos afirmado, baseados em informações que partiram, sem que as solicitássemos, de dentro de sua repartição, que o flagrante tinha sido perdido quando não havia razão para tanto. Quando poderia ter sido lavrado pelo delegado auxiliar. Não procede, senhor coronel, a alegação da falta de testemunha. A menos que o Código de Processos tenha sido modificado. Porque no §2º, se não nos enganamos, do seu artigo 304, ele reza que o flagrante pode ser feito, sem perda de tempo na presença de duas pessoas quaisquer. Não quer isso dizer, senhor coronel, que essas pessoas precisam ter estado presente ao ato, ao crime, à contravenção. Basta que ouçam as declarações dos acusados, que testemunhem que eles foram apresentados a autoridade. E isto dentro de vinte e quatro horas. Logo, o flagrante em apreço poderia ter sido lavrado, bastando para tanto que a autoridade solicitasse o concurso, que não poderia ser negado, de dois cidadãos no gozo dos seus direitos. Acontece, porém, que o digno e honrado coronel Gonzaga Pinheiro quer elementos para processar os funcionários que deixaram de cumprir a lei. Não nos pode ser atribuída essa missão. De modo algum. A menos que o pedido envolva um convite para que assumamos a chefia de polícia. Só assim poderíamos atende-lo. Recomendamos, todavia, ao honrado coronel Gonzaga Pinheiro a leitura do número de ontem do "Jornal do Commercio". O mesmo assunto é ali tratado com maior riqueza de detalhes. O que dissemos é pinto, junto do que ali se observa. E não acreditamos, também, que o coronel Gonzaga Pinheiro ignore o que foi dito por alguns contraventores nas barbas de auxiliares seus e na presença de conhecido advogado.

Tudo isso passa, porém, meu coronel, outras coisas têm passado. Deixemos de lado esse simples incidente —ora o jogo —e caminhemos para frente. A vida anda muito dura e muito difícil. Ora a banca francesa. Vamos cuidar de descarregar o Loide que aí está há tanto tempo já. Vamos pedir que o coronel Syzeno Sarmento continue com a boa vontade e a energia até aqui demonstradas. Vamos tratar de ajudar as grandes campanhas que vão ser iniciadas na cidade em favor da infância desamparada e da pobreza sem teto. Vamos cuidar de acertar a mão daqui para o futuro. O sol nos tem castigado um bocado. Ah se ele pudesse dividir um pouco da sua luz com as noites. Para evitar que continuássemos dependendo das usinas da Manaus Tramways. Para evitar que tivéssemos de deixar de ler, depois das seis horas, os vespertinos da cidade. Não adianta chorar, porém, Manaus há de ser sempre uma cidade pessimamente iluminada. Porque além da história das caldeiras, há a história da lenha. E esta muito mais complicada.

Basta, porém, de complicações... Falemos um pouco das coisas menos sisudas. Parece que os paraenses, representando a força do futebol marajoara, se dispuseram finalmente a jogar aqui. A nossa delegação está viajando já para a gleba. Os vizinhos cuidam de arranjar um avião. Chegarão primeiro, certamente. Há no seio dos apreciadores do popular esporte um grande interesse pela segunda disputa entre os líderes do Norte. A impressão geral, porém, em face da exibição aceitável dos pupilos do Dr. Menandro Tapajós em Belém é de que no campo da FADA, com o estímulo da torcida baré, levaremos a melhor em grande estilo. Não vemos razão, todavia, para otimismo exagerado. O mais prático é considerar a força real do bando que nos visitará e entrarmos no gramado conduzidos pela certeza de estarmos frente um contendor perigoso e experimentado. A Marinha vem aí. Salve a Marinha! O "Almirante Saldanha" nos traz uma turma de setenta jovens, em vésperas de atingirem a reta de chegada para o oficialato da Armada! Vai ser o diabo. Namoros desfeitos. Tudo acabado. Barbas de molho meus amigos. Barbas de molho. Já nem nos lembramos mais da história da "banca francesa" que deve ser um joguinho curioso. Essas coisas proibidas quase sempre valem a pena o risco de um xadrez... Foi lamentável o coronel Gonzaga Pinheiro ter se zangado conosco. Logo com o cronista que tanto o admira. São cavacos do ofício, como dirá o coronel Mota no seu clássico bom humor. E são mesmo. Mas há, ainda, uma notícia deveras interessante. Virá a Manaus o embaixador de Portugal, uma das mais expressivas figuras da diplomacia europeia. Tem essa visita uma expressão toda especial. Marcante. Ela nos fala do grande prestígio que tem a terra de Ajuricaba no além-mar. Graças as informações e as referências dadas pelos portugueses que aqui vivem, como irmãos nossos, e que de tempos em tempos dão um salto até a Pátria comum. O embaixador Teotônio Pereira há de ser alvo, em nossa capital, das mais significativas homenagens. Ele já possui entre nós um grande número de admiradores. Porque desde menino que ele gosta do Brasil e do seu povo. Desde os tempos de escola que manifesta o desejo que vai realizar agora: conhecer a maior bacia fluvial do mundo. Que venha, pois, para que possamos abraçá-lo na certeza de estarmos abraçando um homem que representa de fato, como governo e como povo, alma e o coração, a inteligência e a cultura, o espírito rico de bravura da gente portuguesa.

terça-feira, 1º de outubro

Mais uma semana que passou, e com ela um punhado de esperanças e também de ilusões. Os últimos sete dias, aliás, não foram assinalados por acontecimentos dignos de maior destaque. O coronel Syzeno Sarmento, no exercício da interventoria, como delegado da confiança do general Eurico Dutra, continuou na expectativa, apalpando o terreno, o seu secretariado não está completo ainda, porque o herói de Monte Castelo não quer dar o golpe errado. Não quer estar nomeando hoje para exonerar amanhã, prefere conhecer, antes, todos os problemas das diferentes repartições. Todas as tendências políticas dos seus prováveis auxiliares, já que nem todos foram seus companheiros de infância...Não teremos mesmo, na chefia de polícia, o íntegro juiz João Machado, aquele importante cargo deverá ser ocupado por pessoa que não se encontra presente em Manaus, que virá do Rio de Janeiro dentro em breve. E a prefeitura? Os jornais estão apontando o nome do sr. José Frazão Ribeiro, que é aliás um cavalheiro de verdade, um verdadeiro fidalgo, mas nada está ainda definitivamente resolvido, porque o digno amazonense pode também ser aproveitado em outra função, tudo depende de como fiquem também as modas. O que aqui vai, aliás, é mero palpite, porque o coronel Syzeno Sarmento não costuma dar satisfação a ninguém dos seus planos, principalmente aos que, como nós, pobres mortais, não gozamos da sua intimidade. E a política? Como vamos de política? Um mundão de constas, o sr. Álvaro Maia vem aí, esperado está também o deputado Severiano Nunes. Velhos amigos que em matéria de política costumam brigar, mas costumam também fazer as pazes quando tudo parece mais preto...Há, todavia, dentro do P.S.D., aqui no Amazonas como no Rio de Janeiro, uma grande corrente disposta a opor resistência a qualquer movimento de pacificação antes do pronunciamento das urnas. Corrente do contra, mas, que deve ter as suas razões. Dentro da U.D.N., também embora não seja uma decisão definitiva, há um certo movimento contrário aos casamentos... Todos se entenderão, porém, dentro em breve. E o acordo será feito. Sim. No sentido de permitir que cada partido siga o seu caminho, ou, então, de que juntos caminhem, dois deles pelo menos, para o torneio das urnas. Qual seria, no entanto, o candidato isolado do Partido Social Democrático? Há quem diga que tudo depende do deputado Cosme Ferreira! E mesmo que pareça estranho, há razões para que a tanto se chegue. Como? Ora como...A história é velha até, bom irmão, o senador Álvaro Maia se mela de contente sempre que lhe falam da possibilidade de conduzir o dr. Antônio Maia à Câmara dos Deputados. A saída do deputado Cosme Ferreira seria uma mão na roda, como se diz na linguagem de bordo, de colher, como sentenciaria o dr. Jorge Andrade. Acontece, todavia, que o deputado Cosme Ferreira não morre de amores pelo cargo de governador, prefere situação mais cômoda, mais tranquila, em que fique mais à vontade para cuidar da sua vida de homem de negócio. Nesse caso, lhe seria dado o direito de indicar o provável candidato do P.S.D. Desde que a fortuna concordasse...Quais os nomes que seriam então lembrados pelo deputado Cosme Ferreira? Waldemar Pedrosa? Dizem que o senador não aceitaria, Caetano Cabral? Parece-nos um tanto afastado do meio. Álvaro Bandeira de Melo? É ...a coisa aqui começa a esquentar. Mas, o Dr. Álvaro

Bandeira de Melo é amigo-irmão do Dr. Jorge Andrade, cujo nome figura também na lista dos prováveis...De modo que o problema não está muito fácil. Não está nada fácil mesmo, até porque, dizem também — em política se fala tanto — que o Dr. Adalberto Vale está em evidência e muito bem amparado, governador ou senador? Adivinhar é proibido. E as bolas de cristal andam tão desmoralizadas... Assim se passou a semana, pois com todas essas perguntas e todos esses palpites a preocupar as "rodinhas" ambulantes que são as maiores fontes de novidades para os profissionais da imprensa. Desde ontem também, ao que nos foi dado observar, que o Dr. Chaves Ribeiro passou a assumir ares misteriosos, de quem tinha recebido comunicações de certa importância. O senhor Antóvila Vieira, senhor do assunto também teria adiado a partida para o Rio, mas chega de política, hoje é dia do agente comercial. Dessa classe que, espalhada por todo o Brasil, sem ter em conta o local do seu nascimento, trabalha de fato, como uma só família, pelo desenvolvimento e pela prosperidade do país. São os caixeiros-viajantes, os mensageiros das novidades, os desbravadores dos municípios mais longínquos, para permitir que também ali, no litoral ou no interior, penetrem as conquistas mais recentes da indústria e do comércio. Cavalheiros, otimistas, verdadeiros apóstolos de uma missão imensamente árdua, eles cumprem as suas tarefas servindo as suas organizações e servindo também a Pátria. Porque são eles na verdade, além de agentes comerciais, agentes do bem, agentes do Brasil, agentes da nacionalidade, a permitir que filhos no Norte e filhos do Sul, filhos do Nordeste e filhos da região central, se identifiquem todos, todos se irmanem, todos se conheçam e todos confraternizem conduzidos pelos ideais de brasilidade e pelas mesmas vibrações cívicas. Para eles, pois, neste dia muito seu, o nosso abraço e a nossa saudação, com os nossos desejos muito sinceros de que a alegria que há de invadir-lhes hoje os corações se espalhe até os seus lares distantes, onde hão de estar, rezando pela sua felicidade, suas esposas, seus filhos, suas velhas e tão queridas mãezinhas.

quarta-feira, 2 de outubro

Dias quentes, sim senhores. Mas o Parque Dez de Novembro já tem água. Mestre Xenofonte Antony, que se tem revelado um campeão de força de vontade, deu um jeito nas comportas num instante. Ele e sua turma. Bravos. A cidade deve ao preparador das nossas estradas mais esse favor! E chegou também a cerveja do sul. Que demorou tanto a bordo que acabou por ficar choca. Felizmente, porém, a nossa X.P.T.O está bem melhorada. Quase em condições de dispensar o concurso da Brahma. Lá chegaremos em breve, segundo nos prometem Miranda Corrêa & Cia. Ainda uma vez o cel. Gonzaga Pinheiro, com a sua proverbial elegância, volta ao assunto da diligência levada a efeito por falta de testemunhas, já que os funcionários da polícia não poderiam servir como tal. Não ignoramos o fato senhor coronel. Diremos ainda uma vez, porém, que o Artigo 304 do Código de Processos, no seu § 2º reza textualmente que a falta de testemunhas não impede o flagrante. Ele poderá ser lavrado na presença de duas pessoas que assistam a apresentação dos detidos a autoridade competente. De modo que no caso em apreço o flagrante não foi lavrado porque não se desejou levar a termo essa providência. Nada mais, nada menos. Como se vê, o Código de Processo, nesse particular, não foi modificado. E o Regulamento da nossa Polícia Civil, teria merecido outra redação e outra interpretação? Porque a parte referente às designações dos delegados auxiliares, na falta de titular, é bastante diferente da que vem sendo observada na repartição superiormente chefiada pelo ilustre e digno coronel que nos vem honrando com a sua atenção e a sua amizade. Volta, aliás, o nobre militar a convidar-nos para uma palestra com o seu delegado auxiliar, antigo magistrado, pessoa que nos distingue também com sua estima. O cel. chefe de polícia, ao escrever a sua nota oficial desconhecida que já nos havíamos encontrado. E que da nossa palestra, cordialíssima, ficou a convicção de que estávamos de pleno acordo. E que nos foi dado saber muito mais ainda. Resultou esse entendimento, senhor coronel, de um encontro casual na via pública. Porque, como jornalista, a nossa ação há de se fazer sentir sempre pela imprensa. Onde nos encontrará com a boa vontade e com a elevação sempre reveladas. Como amigos seus, como amigos e colaboradores das autoridades em geral, fora das colunas dos diários em que militarmos, estaremos ao inteiro dispor da justiça e da lei na choupana em que residirmos. Atualmente na rua dos Andradas, 474, onde já tivemos a satisfação imensa de receber, de certa feita, o mesmo coronel chefe de polícia, numa visita que ficou assinalada, pela sua alta significação, no nosso cartel de honra. Disponha, pois. Não nos negue porém, o direito de limitar o exercício da nossa profissão às colunas dos jornais. Porque não havemos de desejar que a polícia faça plantão nas redações das gazetas. São duas funções que se completam pelos seus deveres na defesa da sociedade e do regímen. Cada macaco, porém, no seu galho. Não é isso mesmo, meu ilustre coronel? Parece-nos que sim. E falemos agora do problema da água, focalizado numa entrevista do Dr. Vilar Câmara. Segundo a opinião do atual diretor dos Serviços Técnicos do Estado, "o que resolveria era um novo bombeamento". Não é esta, o que apuramos, ontem mesmo, a opinião do Dr. Simplício Rubim de Pinho, sob cuja responsabilidade se encontra a incumbência de fornecer água à cidade. As condições

do bombeamento, segundo o homem que tem resolvido de fato o problema, são boas. A bomba em funcionamento dá conta perfeitamente da sua tarefa. Faltam linhas. A rede velha, esta sim, já não mais desempenha a sua função, provocando ainda o desperdício, em grande parte, do precioso líquido. Como se vê, as declarações do competente engenheiro que é o Dr. Vilar Câmara, tais como foram registradas pela imprensa, não encontram apoio na palavra, que nos merece igual crédito, do não menos competente engenheiro Simplício Rubim de Pinho. De um entendimento entre ambos, porém, em favor do importante problema, há de resultar solução para que atingido seja o caminho que se impõe. O importante é que ambos esses técnicos trabalhem, como até aqui vem ocorrendo, dentro de um clima de maior entendimento, com as atenções voltadas para a colaboração de todos devemos emprestar a honrada administração do cel. Syzeno Sarmento, que não vem poupando esforços para bem desempenhar a espinhosa missão que lhe foi confiada pelo presidente Eurico Dutra, eleito chefe do governo brasileiro pela soberania popular libertada com o movimento de 29 de outubro de 1945. E por falarmos em soberania popular, não é demais lembrar que estamos caminhando a passos largos para as eleições de janeiro. Ao que tudo indica, Partido Social Democrático e União Democrática Nacional, no quanto passa o partido majoritário corresponder à vontade do preparador da F.F.B, marcharão juntos nos próximos pleitos, orientados pela vontade de combater os extremismos e os extremados. Esse propósito se estenderá inevitavelmente até o Amazonas, onde a UDN terá o direito de manifestar-se quanto à indicação do candidato pessedista ao governo do Estado, para apoiá-lo ou não como base para o acordo que então se fará. Caminhemos para frente, pois, com a certeza de que, hoje mais do que nunca, os verdadeiros democratas devem estar unidos. Precisam estar unidos. Do contrário estarão fazendo o jogo do inimigo comum. O que nos será fatal.

quinta-feira, 3 de outubro

Quanto mais conversamos com o desembargador André Araújo, presidente da Legião Brasileira de Assistência no Amazonas, mais nos convencemos de que só mesmo ao ilustre magistrado poderia estar confiada obra de tamanho alcance e de tanto merecimento. Ainda ontem, numa visita que lhe fizemos em sua casa, tivemos ensejo de ouvi-lo, e confessamos que a sua palestra nos pareceu ainda mais rica de ideias prontas a serem executadas em favor dos pobres e dos enfermos. O contato diário com os problemas sociais, dos quais se fez em nossa terra, espontaneamente, o grande animador, longe de fatigá-lo, longe de enfraquecer-lhe o ânimo, como que mais lhe revigora a disposição, como que mais lhe fortalece a ação. Porque se é verdade que das suas expressões surgem, por vezes, manifestações de revolta em face da diferença de uns e da espantosa culpa de outros, minutos depois ele considera todos esses elementos vencidos, ele os classifica como obstáculos naturais de um caminho que começa a ser desbravado, e nos fale, com o seu entusiasmo contagiante e nos transmite o seu otimismo cheio de realizações magníficas. Vem aí a Semana da Criança! O desembargador André Araújo, que sempre foi um verdadeiro pai da criança pobre dos nossos bairros, não esconde a sua alegria sempre moça, pela oportunidade que terá de debater questões e problemas que lhe são os mais gratos. Falará aos menores nas escolas, falará aos seus pais, falará aos seus mestres, falará aos condutores do governo. As crianças devem ocupar todas as nossas atenções, diz-nos o Dr. André Araújo, somos nós os responsáveis pelos seus erros, somos nós os únicos culpados pelo que chamamos de molecório. Cabe a nós toda a culpa pelo abandono em que vivem, sem parques de diversões, sem praças de esporte, sem jardins, sem nada quase que lhes possam permitir as manifestações indomáveis e irrefreáveis da juventude no seu arranco para a emancipação. Escolas para jornaleiros...Abrigo para jornaleiros...Merenda para jornaleiros...Isso servirá de muito, não será tudo, porém, o ideal seria que pudéssemos ter escolas profissionais para jornaleiros, para eles e para todos os garotos nas suas condições. Ser jornaleiro seria assim apenas um incidente na vida do menino pobre, anos mais tarde ele seria um operário especializado, um técnico em condições de servir os seus semelhantes em qualquer parte do mundo, um homem útil nos seus e à sociedade, porque jornaleiro não pode e não deve ser uma ocupação definitiva. Essas e outras ideias foram sendo defendidas em meio uma conversa de velhos amigos, entre o desembargador e o repórter. O problema da tuberculose, como ele é complexo, como é dramático, tenho ouvido estatística em profusão! As informações do Dr. Djalma Batista, sincero estudioso da matéria, são um verdadeiro apelo pela conquista de meios para combater o flagelo. Não bastam, porém, os hospitais, nem os abrigos, nem os sanatórios, eles são fatores muito importantes, indispensáveis. A questão, porém precisa ser olhada também pelas suas origens, o mal deve ser atacado pela raiz. Foi lembrado outro dia o fator subalimentação como uma das fontes do desenvolvimento da tuberculose. É uma verdade. Outros ângulos ainda, inclusive em torno da nossa questão de assistência social, não podem deixar de ser observados. Temos os Institutos de Aposentadoria e Pensões, quase dezenas deles. Muito bem, acontece, porém, que

se o empregado, mal pago, o que vale dizer subnutrido, apresenta sinais de enfraquecimento, revela que o seu organismo tem as portas abertas à tuberculose e precisa de imediato repouso. Depois de uma certa luta contra a burocracia, ganha uma licença ou mesmo, em certos casos, a aposentadoria. Os seus vencimentos, porém, passam a ser pagos reduzidos quase a metade. Ora, se com o ordenado integral ele passava fome e não podia comprar remédios, que ocorrerá na situação de doente com os salários reduzidos? Caminho para a morte, caminho certo e inevitável. Mas esse é apenas um pequeno ângulo, ou pelo menos, pequenos ângulos de um problema imenso como as preocupações que todos devemos ter nesta hora de maior gravidade para os destinos da civilização cristã. Os nossos erros, passíveis de solução todos eles estão servindo de ponto de partida para toda sorte de explorações. A maioria sabe que o remédio indicado pelos inimigos do regimento não oferece qualquer probabilidade de cura. Há, porém, em favor desse remédio, para muitos, o desconhecimento dos seus efeitos, o que permite sempre uma esperança, para outros se faz sentir a força de uma propaganda que se repete sistematicamente, por todos os meios e por todos os modos. E o desembargador André Araújo perguntou-nos se já nos tínhamos avistado com o nosso bispo, Dom João da Mata. Não respondemos. Deve ouvi-lo. Ele tem um plano notável, mais um, aliás. Não vai fazer a Semana da Criança, não. Vai fazer o mês... E deixávamos, pouco depois, a residência do "painho" como lhe chamam suas bondosas filhas, convencidos de que o mundo precisa mesmo de muitos homens como André Araújo. Simples, educados, sem pretensões e sem vaidades, donos de uma belíssima inteligência, cultos, corações enormes, a serviço do bem. Trabalhando por um contingente, produzindo de verdade, sempre com um sorriso de bondade, com uma manifestação de carinho para os oprimidos pelo infortúnio, com uma força de vontade inabalável em favor de uma causa que lhe permite viver com consciência em paz, tranquilizado pela certeza do dever cumprido, como o espírito realmente superior que na verdade é. Até breve Dr. André Araújo...O relógio tinha caminhado um bocado, nuvens negras anunciavam uma possível trovoada. Um avião teria sido atingido por um raio em pleno voo. Muito longe dos Educandos, mas tinha...O bom era ir caminhando para casa...Até logo sim...

sexta-feira, 4 de outubro

O velho problema de energia e da luz...Volta ele à tona agora, com a posse do coronel Pinto da Veiga, recentemente nomeado interventor federal na Manaus Tramways. Imensa e árdua é a tarefa que deverá ser cumprida pelo ilustre técnico, cujas credenciais são as mais positivas e as mais fortes, não só pela sua comprovada competência, mas também pela sua indiscutível idoneidade. Naturalmente que o cel. Pinto da Veiga há de começar pelo conhecimento exato das condições da empresa, pelo que ela tem e precisa, pelo que ganha e consome, pelo que produz e pelo que não tem produzido. Senhor da situação, tomará então, o caminho que há de ser ditado pela sua tática e pelos seus propósitos de bem e melhor servir o Amazonas e o seu povo, servindo assim a administração Syzeno Sarmento no seu propósito de bem corresponder à confiança do presidente Eurico Dutra. Não é de hoje que debatemos pela imprensa o caso da Manaus Tramways, a nossa luta em favor da solução desse assunto, ditada pelo desejo de colaborar com os que tanto se esforçam pela grandeza do Vale, começou em 1944. Não foram poucos os dissabores que ela acarretou. Dela, porém, jamais desertamos, não faremos a injustiça, porém, de negar a boa vontade que sempre encontramos da parte dos que são diretamente responsáveis, na empresa, pelo fornecimento de energia e de luz. Ou muito nos enganamos, ou poderemos afirmar, de sã consciência, que eles tudo o fizeram para tornar menos pesado o fardo que se estende também sobre os seus ombros, embora o peso maior recaia sobre o consumidor. Os esforços individuais de Mr. Taylor, todavia, como a ação incansável do engenheiro Alexandre Desidiere, sempre se revelaram impotentes para contornar as grandes dificuldades da Companhia. As origens do mal... Elas vêm de muito longe. Tem raízes profundas. Tem vícios que já ganharam, pelo tempo de vida, situação sólida...Como resolveríamos nós o problema da Tramways? Ora, nós não poderíamos realizar nunca essa áfrica...Arrisquemos, porém, por conta da nossa indiscrição de repórter, uma opinião a respeito. E ela aqui vai: de início faríamos um estudo nas cachoeiras do Urubu, para acabar de uma vez por todas com a lenda que a respeito circula ou nos convencemos do aproveitamento, que seria ideal, das suas energias. No segundo caso, continuaríamos "cozinhando" a coisa, temporariamente, como ela vem sendo feita, isto é, gastando lenha, com o cuidado, porém, de evitar a exploração, partisse de onde partisse dos que pretendessem apertar ainda mais a corda da enforcada...Até que novas instalações fossem feitas. Na primeira hipótese, porém, provado que não seria possível aproveitar o Urubu, como nos parece, de palpite aliás, mandaríamos essa questão da lenha para o inferno. Cuidaríamos, sem perda de tempo, de adaptar as caldeiras das usinas da Tramways para o consumo de óleo. Estaríamos assim, livres de modo definitivo, da agonia da lenha, da caça ao combustível que dia a dia se vai tornando mais escasso e muito mais caro. Dirão que não temos em Manaus um depósito de petróleo em condições de atender as necessidades do serviço que se criaria. É verdade, mas esse depósito, por uma imposição dos interesses das próprias companhias vendedoras do óleo, em pouco estaria montado como já se cogitou mesmo do assunto. E poderíamos ter, afinal, corrente alternada; e poderíamos ter também, luz e força a todas as horas,

com o aproveitamento integral dos benefícios da eletricidade nos mais diferentes serviços domésticos e industriais. Não será a lenha, jamais, um meio capaz de nos proporcionar boa luz. Ela, a lenha, faltará sempre, em determinadas épocas do ano. E requer para a sua retirada e condução um ser serviço por demais complexo. A iniciativa particular não o vê com entusiasmo, até porque, mesmo com a lenha a cem cruzeiros a tonelada, preço absurdo, produtos outros, a começar pela sorva, darão melhores resultados sem tanto trabalho. E não é só. O nosso caboclo, castigado pelo clima, castigado pelas endemias, castigado pelo abandono em que tem vivido, não se anima, em regra, a enfrentar, com muita dedicação, o pesado encargo da coleta da lenha, trabalho deveras penoso, que se constitui sempre num sacrifício enorme, de modo que, se com uma tonelada de lenha ele consegue o bastante para viver alguns dias, claro que não irá sofrer mais, claro que não irá expor o seu organismo fatigado e enfraquecido a novos castigos. Fica apenas com o resultado da tonelada. Até que a fome o pressione de novo. Não se atribua, porém, de leve sequer, ao homem do interior a pecha de indolente, ele é, isto sim, um herói. Um bravo. Um mártir. Porque, como já ficou dito, as suas condições de saúde, precárias em geral, não lhe permitem mesmo, maiores lutas, maiores sofrimentos. O que eles fazem, com assombro para todos nós, homens da cidade, já é um milagre. A verdade é, porém, e isso nos parece inegável, que com lenha, ainda que o Estado possa organizar um serviço seu, com pessoal e material próprios, jamais nos libertaremos dos tropeços a que temos estado sujeitos durante todos esses últimos anos, a menos que no caso de uma derrocada do mercado dos nossos produtos principais, o que felizmente não nos parece possível, ficasse o trabalhador do Vale forçado a ver naquele combustível o seu único meio de vida. Mas isso, graças a Deus, está muito longe, muito mesmo, de poder acontecer. Aguardemos, porém, a ação do cel. Pinto da Veiga, que se há de fazer sentir proveitosa para todos: para o governo, para a Tramways e para o povo.

sábado, 5 de outubro

Com o seu quadro de auxiliares quase inteiramente afastado das competições políticas, lança-se o interventor Syzeno Sarmento, com maior desembaraço agora, no cumprimento da missão que lhe foi atribuída pelo general Eurico Dutra, numa hora justamente em que a inteligência e o patriotismo de todos os bons brasileiros precisam e devem voltar-se para os superiores interesses da Nação. Porque, embora menos aflitiva já, a situação nacional, no que toca principalmente as condições econômicas, é ainda gravíssima. A escassez de produtos, provocada em todo o mundo pelo abandono das fábricas e dos campos, já que os homens validos foram recrutados para a guerra, gerou a desvalorização da moeda e provocou o encarecimento da vida de modo tenebroso. As medidas de ordem fiscalizadora, como as providências de caráter punitivo, destinadas a evitar a ação dos açambarcadores e o contínuo desenvolvimento do câmbio negro, mesmo que sejam, em todos os casos honestamente aplicadas, não darão jamais os resultados esperados. Estes não poderão nunca ir além do círculo estreito das suas possiblidades. A solução para o problema da crise, não é demais repetir, está única e exclusivamente na produção, que a esta altura precisa ser em massa. Nós mesmos no Amazonas, temos disso exemplo diário. Há agora, no mercado, peixe, carne e pão. Não os vemos em quantidades excessivas. Mas aparecem, pelo menos, de modo a evitar, com tanta frequência, a ação dos atravessadores, dos marreteiros, dos vendedores de bolacha a quinze e vinte cruzeiros o quilo. Provado está pois, e isso é velho, que fora do trabalho das fábricas, da lavoura, dos mares e dos rios, das oficinas e dos escritórios, não há meio possível de debelar o mal que tanto nos tem atormentado, provocando, ainda, como sempre ocorre nas horas de perturbações econômicas, o desenvolvimento das crises sociais e políticas, com o lançamento de ideias as mais exóticas e as mais absurdas. De acusações de toda sorte também. Por muitas falhas, muitos senões, por muitos erros estarão sendo denunciadas administrações do passado, no Brasil como em toda a América. Não escapará, por certo, o Amazonas, dessa regra, agrupamento que somos de membros da grande família que é a humanidade, velha filha do mesmo Adão, fruto do barro cuja fragilidade ninguém discute. Somos dos que entendem, aliás, que tal como se observa no que alude a crise econômica, sem prejuízo das medidas de ordem moralizadora, o grande remédio para solucionar as crises administrativas está igualmente no trabalho. No aproveitamento contínuo das horas de serviço em favor da causa pública. No fiel cumprimento das obrigações, tendo como fiscal das atitudes de cada um a consciência. Porque o homem que precisa de coação para fazer aquilo que lhe compete por força dos compromissos assumidos, que precisa ser instigado para defender os interesses das coletividades como se fossem os seus próprios interesses, passa desde logo o atestado da sua falta de personalidade, da sua inutilidade, da sua incapacidade de conduzir-se por si mesmo. De modo que o ideal será sempre, no Brasil como no Japão, que cada um cumpra de fato, homens de governo e homens do povo, chefes e auxiliares, com zelo e com patriotismo, os seus deveres, as suas obrigações, a tarefa que lhe tenha sido atribuída, ainda que para tanto seja necessário sacrificar toda sorte de interesses individuais. Claro que

não pretendemos, com essa argumentação chegar a falar de demora do desembarque do Loide Brasileiro, fato que vem dando muito o que pensar, e poderá ter, contra o Amazonas, consequências profundamente lamentáveis. Não se compreende, não se admite, não se explica, como possa ocorrer, numa época como a que vivemos, o que está acontecendo no Porto de Manaus. Quinze, vinte e trinta dias para descarregar um navio brasileiro. Com prejuízos enormes para o país, com prejuízos enormes para a empresa, com prejuízos enormes para os demais estados, que se veem privados assim dos benefícios que o navio parado poderia lhes estar proporcionando. E nesse andar, não tenhamos dúvida, qualquer dia desses o Loide resolverá nos privar dos seus barcos. E para quem iremos apelar, se partiram de nós mesmos as razões para que a medida em questão fosse tomada? Um caso, realmente, que está a merecer um debate entre a Associação Comercial, Agente da Empresa e Diretores da Manaus Harbour. Para que se conheça, ao menos, de onde e como nascem todos os atropelos verificados contra a boa marcha do serviço de descarga. Para que possamos ter uma ideia de como poderá ser a coisa remediada. Para que possam assumir, aqueles que foram apontados como culpados por essa anormalidade, a responsabilidade do que venha a resultar de tudo isso. Da nossa parte, vemos o drama do porto de Manaus, com profunda tristeza, com mágoa, com amargura. Porque como foi dito, nessa marcha, dentro em pouco, menor será ainda, isso é fatal, o número de vapores a nos servir. Porque nesse passo estaremos contribuindo para que enormes sejam os prejuízos de uma companhia que pertence ao governo, o que vale dizer, ao povo. Porque nessa cadência, teremos revelado também que nada estamos fazendo em favor da solução dos nossos próprios problemas. Enquanto isso, os navios estrangeiros chegam, descarregam e zarpam. Tudo em menos de dez dias. Mas era esse mesmo o motivo dessa crônica? Parece-nos que não. A verdade é que acabamos por comentar o serviço de descarga dos vapores. Quando o nosso intuito era apenas aludir à crise ambiente. A todas as crises. O pior é que de algumas delas não se deve falar. Por que? Porque não adianta. Deixaram de ser erros. Pertencem, pela antiguidade, a categoria das tradições. Em todo caso parece que o lixo da rua Luiz Antony vai sair mesmo.

domingo, 6 de outubro

Claro que a grande sensação desta tarde será o tão discutido e ansiosamente esperado encontro futebolístico entre paraenses e amazonenses. Como toda gente sabe, os nossos bondosos irmãos da capital marajoara, pela vontade dos chefes da sua política esportiva, não queriam vir a Manaus desta vez. Criaram, assim, conforme a imprensa teve ensejo de noticiar em todos os seus detalhes, uma série de dificuldades, que iam, aliás, sendo vencidas, uma a uma, pela tolerância, pela boa vontade e pela resignação dos homens da Fada, apoiados em todas as suas iniciativas pela interventoria amazonense. Afinal. Graças a Deus, a embaixada do futebol do Pará, aqui estará a tempo e hora de poder oferecer ao nosso público um brilhante espetáculo esportivo! Em condições de permitir que os pupilos do

Dr. Menandro Tapajós mostrem aos seus conterrâneos como se conta a história de uma porfia, contra cuja realização grandes conspirações foram tramadas. Vencedores do primeiro encontro, que, segundo a imprensa do Pará, só não se transformou numa goleada por causa da chuva, os visitantes entrarão em campo como favoritos. Como grandes favoritos mesmo. O nosso povo, porém, na sua preferência muito brasileira pelo jogo mais popular do país, não tem compreendido, muito bem, as verdadeiras razões da resistência branca dos nossos vizinhos, pouco interessados, estes, segundo ficou revelado, na pugna desta tarde. E se mostra meio zangado. Sem razão, porém. Qual o paraense que não conhecendo Manaus, não desejará fazê-lo? E qual deles que, nos tendo visitado já, não desejará voltar? Ainda outro dia, tivemos aqui a presença de jovem e conhecido engenheiro do Pará. Veio para ficar uma semana. No segundo dia adiou sua viagem por mais três. Depois, por mais cinco. E quando não havia mais possibilidade de transferência, quando a Panair já queria indeniza-lo por tanta mudança, fez promessa para que o chofer se esquecesse de ir buscá-lo pela madrugada. E não tendo dado resultado esse expediente, brigou ainda com quem se incumbira de despertá-lo na hora combinada contra a sua vontade. A nossa capital é mais risonha. O nosso povo mais cativante. As nossas moças mais belas. Os nossos bailes mais animados. Manaus é um amor. Não são nossas, desta feita, essas expressões. Foram ditas, repetidas muitas vezes, com a certeza, aliás, de que não estava falando a um glebário pelo engenheiro em apreço. O seu nome? Ora o seu nome não vem ao caso. É professor da Escola de Engenharia do Pará. Construtor e arquiteto. Membro do Rotary Clube Internacional. Logo se trata até de um cavalheiro de gosto muito apurado. Solteiro e vacinado. Reservista também. Conclui-se assim, que os nossos amigos de Belém não tinham, em absoluto, má vontade, prevenção, nem mesmo receio de perder a partida, já que a supremacia pebolística dos valorosos adversários da nossa rapaziada domina-lhes a consciência e o entusiasmo. Até demonstração em contrário, pelo menos. O que os paraenses não pretendiam era ir ao Maranhão. Não topam São Luís. Porque não importa. De modo que vindo aqui, jogando, aqui, ganhando, assim terão de ir mesmo até a Atenas brasileira. E isso se lhes apresenta como uma solução pouco simpática. Não que tenham razões para mal querer o Estado do Dr. Paulo Ramos. Também não. Questão de implicar com uma coisa qualquer, porém. E quem é que vai poder dizer a determinado

cidadão ou a determinada gente, que não deve pensar desse ou daquele modo. O mundo é assim mesmo. Quantos mortais por aí existem que não vão com a nossa cara. Nem para o céu. Que não vão também com a sua cara leitor amigo. Que fazer? Gosto não se discute. Nem religião. Mas a verdade é que os paraenses, vencidos todos os obstáculos, impostos por motivos de toda sorte, aqui estarão para a peleja de hoje. Vai ser uma porfia animada. Movimentada. Em que devemos corresponder, ainda uma vez, em toda a sua força, a fama que temos de povo bom e hospitaleiro. Nada de arrufos. Nada de zangas. Elevemo-nos ainda mais no conceito de quantos nos conhecem e admiram. De quantos falam, em todo o Brasil, da nossa maneira elevada, fidalga, correta em todos os sentidos, tratar e acolher os que, pelo ar ou pelo rio, conseguem chegar até nós. O que os paraenses não querem, como já ficou dito, é ter de ir a São Luís. Muito longe... Cidade pequena. Justamente o que ocorre com nosso esquadrão, cujos componentes estão louquinhos por conhecer a mimosa capital maranhense. Que chegam a sonhar já com as suas praias e com as suas alamedas. Que admitem, mesmo, alguns deles, a hipótese de não voltar ao Amazonas. De modo que, ainda uma vez, sejamos camaradas com nossos leais adversários em futebol. Façamos tudo, tudo quanto estiver dentro do critério esportivo, para levar a melhor no embate desta tarde. Repitamos o feito na prorrogação. E marchemos, na semana entrante, para o Maranhão, permitindo que os vizinhos retornem calmos e tranquilos para Belém. Nem precisarão mais de aviões especiais. Irão pela SNAPP mesmo. De rio a baixo todos os santos ajudam. As subidas, realmente, são muito mais difíceis. E tudo estará resolvido na santa paz do Senhor. Para que complicações! Para que aborrecimentos! A vida já é de si tão amarga. Esperemos, pois, algumas horas mais. E a partir das 16 horas, no gramado da FADA, cumpramos mais essa tarefa decretada pelo carinho e pela afeição que nos merecem, sem distinções de espécie alguma, todos os habitantes do globo. Os nossos amigos do Pará preferem voltar daqui para casa. Para que contrariar os nossos bons amigos do Pará. Para que? Ganhemos a partida. Ganhemos a prorrogação. E pronto. Façamos, tudo isso, porém, sem quebra da nossa velha e tradicional linha de conduta. Até porque, falando, sinceramente, sem outro intuito que o não o de pugnar pela grandeza do esporte da Amazônia, não vamos para uma guerra. Não vamos para um campo de batalha. Vamos, apenas, cordial e gentilmente, receber, abraçar, pelear e vencer, dignamente, os nossos ilustres e tão distintos vizinhos. Para que regressem satisfeitos para casa.

quarta-feira, 9 de outubro

Visitou o interventor federal, na tarde de ontem, conforme tinha sido noticiado, a Associação Amazonense de Imprensa. Teve o coronel Syzeno Sarmento ensejo de conhecer quase todos os nossos profissionais da pena. Os homens que preparam de dia e de noite os jornais que são a fonte contínua de informações de toda a natureza e que são também os veículos de todas as campanhas em favor dos superiores interesses da coletividade. Afável, dando a impressão de que se encontrava no seio de velhos conhecidos — o que acontecia de fato em muitos casos —, o chefe do governo amazonense, com a sua curiosidade muito explicável e muito oportuna, correu todas as dependências da futura Casa do Jornalista Amazonense e preparou-se, então, para ouvir a palavra do presidente Aristophano Antony. Este não se fez esperar. Encostado na parede, cercado pelos redatores dos diários de Manaus, o herói de Monte Castelo era todo ouvidos. A Associação Amazonense de Imprensa quer acabar o seu prédio. Pretende inaugurá-lo em breve. Tem um bonito programa a cumprir. Inclusive de sentido social. Necessário se torna, porém, para tanto, um auxílio do governo. De quanto? E como poderá ele ser dado? Foram as perguntas formuladas imediatamente pelo cel. Syzeno ao presidente do órgão da classe, ao acabar de ouvir o nosso confrade. A explicação não se demorou. O interventor sorriu. Outras perguntas. Estas sobre o terreno, sobre o montante da obra, sobre a possível data da sua conclusão. Prontas, de novo, as respostas. Muito bem, o cel. Syzeno Sarmento tinha ouvido o bastante para decidir. E decidirá dentro em breve, não temos dúvida, em favor da justa pretensão dos jornalistas manauenses. De fato, os homens de jornal passam a vida fazendo pedidos de toda sorte, em favor de todas as classes. Lançam campanhas, advogam causas, pleiteiam direitos, defendem reivindicações. Esquecem-se sempre dos seus próprios interesses. Das suas próprias causas. E quando menos esperam são colhidos pela velhice ou pelo desemprego, não encontrando para o seu conforto mais do que os aplausos da sua consciência. Mais do que a manifestação isolada de um outro colega, conhecedor dos espinhos da profissão. Mais do que a manifestação de piedade, traduzida num abraço ou num olhar de misericórdia, daqueles que ontem galgaram fama e poder, escalaram postos e venceram batalhas econômicas até, à custa do esforço diário, do sacrifício ininterrupto, da luta sem tréguas do anônimo homem de jornal, cuja personalidade, em regra, para os que dele se beneficiam principalmente, só existe na razão direta do que ele possa fazer no exercício efetivo da sua função...De modo que o jornalista, que aprende a pedir demais para os outro, que tem o seu trabalho explorado durante toda uma existência, que tem a sua pena escravizada a especulação dos negociantes da operosidade alheia, pouco ou quase nada aprende a pedir para si e para os seus companheiros. Para si e para sua classe. Talvez por isso mesmo, o nosso prezado Aristophano Antony, ao falar ao coronel interventor para dizer-lhe quais eram as necessidades da nossa Associação, não o fez com o desembaraço a que está habituado quando se trata de pugnar pelo interesse de terceiros. Ele que pela primeira vez estava pedindo para a classe, teve dificuldade em articular a nossa solicitação, estava cumprindo, esta é a verdade, uma missão a que não se habituara, a que não se habituará jamais! O digno e

brilhante soldado amazonense que hoje se encontra no governo do seu Estado, compreendeu, observador e inteligente como é, a situação do seu velho camarada. Sorriu reconhecido. Abraçou-o. E não escondeu a alegria de se ter feito alvo, naquele instante, como sempre acontecerá, das atenções e das admirações dos soldados da pena. Dos que em todas as batalhas, em todas as lutas, em todas as horas, sempre que em causa estejam os interesses da Pátria e da sociedade, formarão ao seu lado, para, pela articulação psicológica das massas. Preparar desde logo o clima e o terreno indispensáveis à marcha de todos os exércitos. Dos que se dirijam aos campos de batalha, como dos que marcham para o preparo da terra, para o labor das oficinas, para a travessia dos mares. Para a luta, afinal, em todos os setores das atividades humanas. Foi, não há dúvida nenhuma, um encontro feliz, por todos os motivos, este de ontem, dos jornalistas de Manaus com o interventor. Ele há de ficar assinalado, pela impressão que deixou, pela confiança que o chefe do governo despertou desde logo na família dos trabalhadores da pena, com o marco inicial de uma camaradagem em que há de se tornar longa e proveitosa. Outros encontros, muitos outros, dentro em breve, hão de ser possíveis, na própria sede da A.A.I., onde o cel. Syzeno Sarmento terá com toda a certeza um lugar de honra, e onde haverá de ouvir, numa conversa de amigos, num ambiente de acentuada cordialidade, em que homens de governo, sem rigorismo dos protocolos, poderão debater problemas do Estado, ouvindo homens de jornal, aceitando suas sugestões ou provando a inconveniência de fazê-lo. Será, assim, em pouco, a sede da A.A.I. uma útil conquista, uma proveitosa realidade, em que a par da sua feição de colaboradora de todas as obras e de todas as ações destinadas a bem servir a coletividade, há de proporcionar aos jornalistas e suas famílias, em reuniões alegres e constantes, com distrações e passatempos compatíveis com o meio, oportunidade de um maior entrelaçamento ainda, de festas mesmo de caráter social, e que todos nos sintamos bem no que é nosso. Foi feliz, pois muito feliz mesmo, o presidente Aristophano Antony, na sua ideia de acolher na Casa dos Jornalistas em construção, o coronel Syzeno Sarmento, espírito que se vem revelando um perfeito compreendedor da elevada missão da imprensa, que não esconde o seu apreço aos repórteres, e que se mostra realmente disposto a fazer da classe, que jamais deixou de reconhecer os seus inegáveis merecimentos, uma filha dileta do seu coração. Tínhamos acentuado, é verdade, que na nossa próxima crônica falaríamos do segundo grande acontecimento da semana que se foi. Para que, porém? O assunto já está de barbas brancas...Os paraenses venceram os amazonenses na prorrogação, quando parecia líquida e certa a nossa vitória. De quem foi a culpa? De quem permitiu, é claro, que houvesse prorrogação. Porque o bando marajoara, que foi tratado em campo a panos quentes, já havia abandonado de há muito o gramado...Insistiram, porém, para que voltasse ao jogo. Prometeram tudo. Imploraram. De joelhos quase. O resultado todos conhecem, e com que amargor, sim senhores, para que negar...Agora... Agora é tarde, vamos cuidar de outro assunto, confiar na desforra do Maranhão, e gozar a certeza de que ao menos daquela nós escapamos.

quinta-feira, 10 de outubro

Terá início hoje, conforme vem sendo divulgado por toda a nossa imprensa, a Semana da Criança. Trata-se de um ensejo provocado em todo o Brasil para que os senhores de boa vontade voltem as suas vistas, de modo mais acentuado, para o problema da criança. Notadamente da criança pobre. No Amazonas, essa tarefa terá especial cuidado por parte da Legião Brasileira de Assistência, em tão boa hora confiada ao espírito e ao coração do desembargador André Araújo. Ela, a Semana da Criança, se iniciará entre nós com a abertura da campanha da caixa escolar, que se constituirá no desfile de um bando precatório pelo centro comercial, desde as 7:30 horas. A partir das oito horas teremos as festas nos Grupos Escolares Plácido Serrano, Carvalho Leal e Olavo Bilac, com palestras alusivas ao valor da infância para a Nação brasileira. Outras solenidades serão ainda levadas a efeito, como a inauguração do Albergue dos Gazeteiros; distribuição de cofres pelas repartições e entidades várias para coleta patriótica em benefício da Caixa Escolar. Acontecimento da magna importância, que focaliza de perto um dos maiores problemas da sociedade, que nos conduz ao estado e ao exame de um aspecto do qual não devemos nunca nos afastar, mas para o qual muito pouco nos temos voltado, a Semana da Criança há de despertar, desta feita, em nossas almas, em nossa consciência, pela grande responsabilidade que o problema encerra, o interesse que a infância de fato merece, a atenção que essa causa nobre e sagrada impõe. E havemos então de prometer, todos nós indistintamente, no altar da Pátria e no altar de Deus, que jamais deixaremos de cumprir com os deveres para com os homens de amanhã. Que jamais haveremos de relegar a um segundo plano as obrigações que temos na defesa da sua felicidade, pela conquista de um clima de maior segurança para a criança, de maiores garantias para a sua educação, de maiores liberdades também para o desenvolvimento das suas vocações. Manaus, por exemplo, é uma cidade que tudo tem negado à sua infância. A garotada não encontra aqui parques de diversões. Não dispõe de campos para os seus folguedos. Não tem mesmo piscinas apropriadas para os seus banhos. As suas brincadeiras não podem ir além dos "papagaios", em regra sob a pressão policial por força dos inconvenientes que esse passatempo acarreta na via pública, e dos cinemas, calorentos e incômodos, onde os petizes veem os mesmos filmes de lutas e de ódios que são mostrados aos adultos como uma atração pelos imprevistos que oferecem. Não abandonemos, pois, nesta "Semana da Criança", neste período reservado ao estudo de meios para melhor assisti-la, a hipótese de dotar Manaus, pela ação da iniciativa particular com a colaboração direta dos poderes públicos, de meios de diversões para os nossos filhos. De campos e praças, de piscinas e pistas, de toda sorte, afinal, de oportunidades para que a meninada dê vazão aos seus movimentos, aos seus anseios, aos seus desejos perfeitamente compreensíveis e explicáveis na idade em que a existência se mostra risonha, num convite continuo a aventura, no esporte, à vida livre, inclusive de maiores preocupações que não as da sua época. Compreendemos nós, como toda cidade estamos certos, o elevado alcance da grande obra que vem sendo desenvolvida pelo patriotismo e pela abnegação dos que emprestam o seu apoio e a sua colaboração à

Legião Brasileira de Assistência. Não devemos, porém, confiar apenas no muito que possa ser feito pela entidade em questão. Urge que tomemos todos, sem exceção, o compromisso, que jamais poderá ser desprezado, de trabalhar, direta ou indiretamente, na medida dos nossos esforços e dos nossos recursos, no lar e nas repartições, nos colégios e nos clubes, nos campos e nas cidades, pelo bem estar da criança. Com a certeza de que estaremos trabalhando pelo Brasil e pela Humanidade, pela Pátria e por Deus. Na certeza também de que estaremos dando cumprimento a uma missão que sobre ser imensamente grata e proveitosa, é imensamente bela e nobre. Comecemos, pois, no dia de hoje, o cumprimento desse novo compromisso. Ou demos mais força e mais vida, mais vigor e mais entusiasmo no que, em benefício da criança pobre, já estivermos fazendo. Acompanhemos a obra magnífica da Legião Brasileira de Assistência. Não o façamos, porém, como simples espectadores. Tomemos o nosso cargo, na possibilidade da nossa capacidade individual, a missão de imita-la. Estamos em plana Semana da Criança! Que o sorriso da infância, durante os festejos de hoje, de manhã, de todos esses dias, banhem as almas e os corações de todos os homens de Manaus com a luz da sua bondade, permitindo, assim, que a caminhada que precisa e deve ser realizada, pelo bem do Brasil se faça num ambiente da maior compreensão, sem tropeços, sem dificuldades. Como é de esperar-se, sinceramente, de um povo que sente em toda a sua plenitude as manifestações do amor, para transforma-las em obras do bem em favor da coletividade. E nenhuma pode ser maior e mais expressiva do que aquela que se erguer em favor da criança pobre!

sexta-feira, 11 de outubro

Segundo dia da Semana da Criança, risonhas comissões de alunos das nossas escolas percorreram a cidade em busca de donativos para a Caixa Escolar. Foram, como era natural, bem recebidas e bem sucedidas. Diversas solenidades realizadas. Palestras também, referentes ao fato, inclusive pelo rádio. A primeira delas pelo interventor Syzeno Sarmento, que aludindo a importância da criança na vida de uma nação, não escondeu o muito que precisamos e devemos fazer em seu favor no Brasil. O índice de mortalidade infantil, em nosso país é alarmante. É uma verdade. Agora mesmo, em sensacional reportagem, um vespertino carioca divulgou que nos últimos anos, em pleno Estado Novo, a ação da morte contra as crianças brasileiras se manifestou de modo catastrófico. Levando-nos a competir, nesse setor, em certas oportunidades, com a Abissínia! Não vem ao caso, aqui, acusar regimes ou homens. Apurar responsabilidades ou razões, já que, de certo modo, todos temos uma parcela de culpa no que tem ocorrido no Brasil. O necessário é que assumamos o compromisso de acompanhar, na medida das nossas possibilidades individuais, o trabalho benefício, útil e imensamente proveitoso da Legião Brasileira, que só nos poderá honrar e dignificar, que só nos dará motivo e autoridade para que nos sintamos bem com a nossa consciência. Outras solenidades, outras palestras, outros temas serão hoje abordados dentro do programa estabelecido pelos promotores da Semana da Criança. Tenhamos em conta, bem em conta, a importância desse movimento. Demos-lhe o nosso apoio e o nosso aplauso. Passemos a considerá-lo como parte dos nossos afazeres diários de caráter inadiável. Olhemos a criança. Para vê-la com o coração. Para senti-la com a alma. Para amá-la com Deus no pensamento. E agora, para que não perca a sua oportunidade, abordemos aqui um outro assunto, bastante diferente. Os jornais de Manaus têm noticiado que a Panair do Brasil ameaça suspender suas linhas para o Amazonas, o que fará desde que não tenha melhorada a sua subvenção. Trata-se, não há dúvida nenhuma, de uma séria ameaça. A concretizar-se veríamos o nosso Estado privado de um serviço que nos é decisivo. Não nos assustemos, porém. Essa conversa é antiga. Música conhecida, felizmente. A Panair não deseja de modo algum privar-nos de seus velhos, mas utilíssimos aviões. Não pretende, em absoluto, deixar de voar sobre o rio mar, numa linha que lhe dá bons lucros, já que os seus cansados pássaros metálicos andam sempre superlotados. O que a Companhia quer, é justamente o que muita gente deseja - e até nós, pobres mortais que somos -, um pouco mais do vil metal. E não seria possível alcançá-lo, quanto à Panair, sem esse antigo recurso. Antigo, mas ainda eficiente. Como os seus aparelhos. Do contrário ela passará a servir-nos de mau humor. E isso não é conveniente, Deus nos livre...Viaja muita gente boa pela Panair. Bons amigos nossos. Bons amigos do Amazonas. Deus nos livre de termos de ver a poderosa empresa zangada. Nada disso. Urge que ela seja tratada como os paraenses o foram em campo, com todo o carinho. Joga meu filho. Dou-te uma bola nova. De primeira. Voa Panair...Sobre o rio mar. Mantém firme a tua linha. Terás mais dinheiro. Poderás reformar se o quiseres, a tua velha frota. Mas, voa sim, benzinho... E o "Almirante Saldanha" deixa Manaus, depois de um punhado de dias alegres. Em que a cidade esteve revolucionada pelo desfile

da guapa rapaziada pelas nossas ruas e pelo desfile, também, das nossas filhas de Eva, no seu justo desejo de manifestar aos futuros comandantes da Marinha do Brasil, o sorriso da sua simpatia, que tem a beleza das coisas sinceras e a pureza das nobres intenções. Grandes festas nos nossos clubes, em todos eles, uma tarde magnífica no barco escola. E depois o adeus. Cheio de saudades, de emoção mesmo em alguns casos. Mas é assim mesmo a vida do marinheiro. A sua primeira esposa está no fundo do mar.... É uma sereia misteriosa com a qual ele não se avista nunca. Que a contempla em sonhos apenas. Começa a namorá-la quando entra para a escola. Faz-se noivo quando guarda-marinha. Casa-se ao ver-se oficial, e passa o resto da vida a fitar as ondas, dias e noites a fio, na esperança de divisá-la um dia... Vem à terra, sente o prazer de outros amores, mas não esquece aquele que lhe foi prometido na sua juventude. Torna ao mar de novo, vencendo tempestades, desafiando borrascas, enfrentando a fúria dos ventos. Disposto a alcançar a sua legítima eleita. Só por isso os homens do mar são inconstantes. Só por isso. Porque já tem o coração preso no seio das ondas...Adeus "Almirante Saldanha". Até a volta, que não há de ser tão demorada.

sábado, 12 de outubro

Terceiro dia da "Semana da Criança". Ganha vulto o movimento em favor da Caixa Escolar. Embora não tenha atingido, ainda, as proporções que na verdade poderá alcançar, promete, todavia, um grande resultado. A Legião Brasileira de Assistência ocupará hoje, desde as primeiras horas da manhã, a Avenida Joaquim Nabuco. Berços, cobertores, redes, etc. etc. Muita coisa, muita coisa mesmo será distribuída com os pobres. Para as mães em vésperas de dar ao Brasil os seus pimpolhos. Para os menores necessitados. Para os seus papais também. Um grande e notável trabalho do desembargador André Araújo, dentro do seu programa de empregar o melhor dos seus esforços e das suas energias em favor dos que realmente precisam de auxílio. E nenhum campo mais propício para o desenvolvimento dos seus desejos e dos seus princípios de servir o próximo na forma das regras da solidariedade humana, poderia ser proporcionado ao Dr. André Araújo do que esse que lhe está sendo facultado pela Legião Brasileira de Assistência, organização que é um modelo, que honra o nosso país, que pode competir, para sobrepujar, com quantas outras existam no mundo civilizado. De Codajás nos chega, também, uma notícia bastante simpática. Foi ali fundada, há meses já, a Sociedade Beneficente das Crianças Pobres, idealizada pelo nosso confrade Adauto Rocha, que é o seu presidente. A princípio, lutou ele, então secretário da Prefeitura, com inúmeras dificuldades. Em pouco, porém, o povo, autoridades, o comércio, todos compreenderam a finalidade da obra que ia sendo iniciada. E a S.B.C.P de Codajás é hoje já uma realidade. Atendeu ela, em setembro, prestando socorros diversos, a 86 crianças e a 91 adultos. Distribuiu remédios, também, para 87 menores e 145 pessoas outras. Está, todavia, pela falta de recursos, aquém de poder realizar o muito que se faz necessário. Acontece, porém, que Adauto Rocha, que está agora à frente da Prefeitura de Codajás, encontra-se presentemente em Manaus. Avistou-se já com os Drs. André Araújo e Arnoldo Peres. Esteve também na Saúde Pública, com o Dr. Edson Stanislau Afonso. Expôs-lhes os seus planos e as suas atividades. De todos recebeu a promessa de auxílio. Certos estamos de que a Sociedade Beneficente das Crianças Pobres de Codajás terá mesmo, desta feita, o impulso que precisa. E poderá, então, na forma do que deseja o seu fundador, dentro das necessidades daquele povo, atender melhor os fins a que se destina, socorrendo os menores doentes e também os seus papais. Cumprindo a gratíssima tarefa de aliviar as dores dos que sofrem. Um exemplo bonito, digno de todos os encômios, este que nos vem sendo dado pelo jornalista Adauto Rocha, antigo batalhador da imprensa, figura que se tem imposto pelas suas atitudes nobres e pela sua coragem cívica. Bom seria que o seu gesto, que a sua ação, que a sua obra pudesse ser seguida, como se torna necessário, como é dramaticamente reclamada, em quase todos os municípios do interior do Amazonas, onde as febres, as epidemias, a falta de assistência aniquila e mata, diariamente, dezenas de crianças, dezenas de brasileiros úteis ao Estado e à Pátria. Adauto Rocha é um moço pobre. É um batalhador que vive da sua luta de todos os dias. É um desses homens que comem quando trabalham, já que não dispõe de reservas de qualquer natureza. Não nos furtaremos, porém, de apontá-lo à gratidão do público, de apontá-lo ao

reconhecimento dos nossos homens de governo. Porque embora ele não peça nada em seu favor, embora não pleiteie compensações, justo é que se reconheça o seu grande merecimento, estimulando-o com os nossos aplausos, que não podem ser reservados apenas aos potentados, de cujas bolsas saiam dezenas de cruzeiros para mitigar os padecimentos dos que são atingidos pelas consequência das injustiças e do desequilíbrio estabelecidos por culpa dos que retém fortunas nos cofres e nos bancos, e que pensam em quitar-se com a sociedade dando pequenas esmolas, fazendo favores que nada significam comparado ao muito que usurparam do povo. A Sociedade Beneficente das Crianças Pobres de Codajás, é uma entidade filha do sacrifício e da abnegação de um homem modesto. Que tem sofrido reveses. Que tem passado necessidade. Que tem padecido enormemente. Mas ela há de perpetuar-se naquela terra dadivosa e boa, como um marco de uma jornada imensa em favor de todos os menores e de todos os doentes do Amazonas. Porque, do coração e da inteligência do seu fundador, hão de sair sementes que se espalharão por todo o Vale, que ao adubo da generosidade e do amparo de outros corações, se transformarão em organizações maiores ainda, traçadas dentro do mesmo espírito, conduzidas por iguais propósitos, com a missão altamente nobre, profundamente humana, com o sentido magnífico de fazer a caridade e praticar o bem, meios únicos de podermos ser dignos de nossa condição de homens plasmados à imagem de Deus.

domingo, 13 de outubro

Quarto dia da Semana da Criança. Foi um espetáculo a entrega ontem dos presentes oferecidos pela Legião Brasileira de Assistência, serviço que mereceu do desembargador André Araújo assistência direta. E correu, por isso mesmo, dentro da melhor ordem possível. Vale esse resultado, que foi magnífico, pela certeza de que o movimento instituído em todo o Brasil vai tendo no Amazonas uma expressão toda especial, tal como prevíamos. Mas ontem foi também dia da América. Dia do descobrimento do continente que surgiu para a humanidade com uma dádiva do céu. Rico e promissor, permitindo aos povos, novos horizontes e novas vantagens em favor do seu conforto e do seu bem estar. Veio-nos à mente o nome de Cristóvão Colombo. Do intrépido navegador genovês que não se deu jamais por vencido. Que lutou contra tudo e contra todos, até que provado ficou a inteira procedência das suas asserções. Nasceu ele em 1451 e morreu em Valladolid, em 1506. Colombo fez-se marinheiro aos 14 anos. Via no mar todas as suas esperanças. No segredo das ondas a razão do seu entusiasmo pela vida. E tudo parecia destinado a lhe favorecer a vocação. Tendo casado em 1480 com a filha do navegador português Perestrelo, recebia, pouco depois, com a morte do sogro, por herança, os seus papéis, isto é, mapas, instrumentos e preciosas observações. Para Colombo, que de há muito se mantinha em estreitas relações com o astrônomo Florentino Paolo Foscaneli, esse legado foi imensamente proveitoso. Fez, então, a sua primeira viagem. Esta à Irlanda. Mais outra, à Guiné. De regresso dessa segunda expedição, em 1473, durante a qual colheu inúmeras outras observações. E com elas a convicção de que deveria seguir de leste a oeste através do Oceano Atlântico. Chegaria, ao seu dizer, por esses caminhos, ao país das especiarias, do ouro e dos elefantes; à Índia e à China. Em 3 de agosto de 1492, Colombo partia com a Santa Maria, a Nina e a Pinta. Depois de atingir as Canárias, mudou de rumo, queria o desconhecido, ainda que incerto. Não foram poucas as suas dificuldades para esconder aos seus companheiros a extensão das milhas navegadas. Teve de lutar, energicamente mesmo, contra o desalento dos marinheiros, contra tentativas até de rebelião. No dia, ou melhor, na noite de 11 para 12 de outubro de 1492, chegava ele em frente de uma pequena ilha do arquipélago das Bahamas Guanahani a que deu o nome de São Salvador. Entendia então, que se encontrava nas costas orientais da Ásia. Depois de ter levantado na Praia do Haiti uma fortaleza, que foi confiada à guarda de alguns espanhóis, cuidou de regressar. No dia 15 de março de 1493 entrava Colombo, de volta, ao porto de Palos. Foi recebido com festas e honrarias. Teve títulos e privilégios. Em 23 de setembro de 1493, fazia uma outra expedição. Nela se prolongou por três anos. Muito trabalho e muitas lutas, muitos dissabores também. Uma terceira tentativa, porém, ainda para a América, teria ele de fazer. Foi durante essa expedição que percorreu o continente até o Delta do Orenoco e descobriu as ilhas de Trinidad. Mas foi também nessa viagem que se viu destituído e posto a ferros, em São Domingos, por Francisco de Bovadila. Os reis não teriam aprovado esse procedimento. A verdade é, porém, que Colombo perdeu mesmo o comando e também todo crédito junto dos monarcas. Nova viagem fez Colombo ainda, depois de muitas solicitações. Seria a última, porém. Ao voltar viu-se inteiramente sem

proteção, até porque, Isabel, que o amparava, tinha morrido. Foram em vão todos esforços. Fernando não mais o prestigiava. E tinha conseguido dele um novo mundo...Pobre e abandonado, Cristóvão Colombo, o mais audacioso e o mais arrojado de todos os navegadores daqueles tempos, morreu no dia 20 de maio de 1506. Deixou dois filhos. Os seus restos mortais, depois de estarem em São Domingos, mais tarde, em 1795 já, se viram transferidos para Havana, de onde foram transportados para a Espanha, isto em 1899, e depostos na Catedral de Sevilha. Colombo estava então plenamente reabilitado pela posteridade. Os seus herdeiros, todavia, não foram mais felizes do que ele, embora tivessem gozado alguns dos títulos a que tinham direito...Mas Colombo nos deixou a América. Nos deixou esse colosso em cujo seio se agitam povos de diferentes raças conduzidos por um só pensamentos: o de trabalhar dentro da ordem, garantidos pelos naturais direitos do homem. Foi um bravo e um mártir o almirante Cristóvão Colombo. Venceu pela humanidade e sucumbiu nas dobras da sua glória ao peso da inveja e das intrigas da própria humanidade! Para ele o nosso pensamento. De gratidão eterna. De reconhecimento imperecível.

terça-feira, 15 de outubro

O mês de outubro de 1946 está se revelando para Manaus, incontestavelmente, um mês imensamente alegre. Depois das grandes festas que tivemos ensejo de oferecer aos aspirantes que por aqui passaram no seu último cruzeiro de instruções, chegou-nos a notícia sobremodo grata e honrosa de que receberemos, em breve, a visita do embaixador português, Dr. Teotônio Pereira, o que deverá ocorrer dentro desta semana. Vivíamos essa satisfação, pois, quando, de surpresa, recebemos a notícia, imensamente feliz, de que Arnaldo Estrela, estava em Manaus. Não era possível, Arnaldo Estrela, o mago do teclado, o pianista detentor dos maiores e mais expressivos prêmios dados a um artista brasileiro, entre nós?! Era uma verdade, porém. Pouco depois, o Dr. Thelio Pinto da Veiga, o nosso simpático chefe de polícia, nos punha em contato com o rei dos pianistas nacionais: Arnaldo Estrela. É verdade, vim conhecer Manaus. Estou em luta, apenas para achar acomodações. O mais, vai tudo muito bem. Tivemos de explicar, então, ao ilustre visitante, os projetos da cidade quanto ao hotel que lhe foi prometido pela Associação Comercial, no desejo dessa entidade de também nesse particular colaborar para o desenvolvimento e pelo progresso de Manaus. Mas... As coisas eram assim mesmo. Demoradas e difíceis. A verdade é, porém, que Arnaldo Estrela está na cidade mais querida do norte do Brasil. Na cidade que serviu de berço ao seu colega e amigo particular, outro notável pianista, Arnaldo Rebelo, uma das razões, aliás, do seu desejo de ver de perto a terra de Ajuricaba. E sexta-feira já, nós o ouviremos no Teatro Amazonas, num recital que se há de fixar na memória de quantos tiverem a suprema ventura de goza-lo. Moço ainda, alto e jovial, tendo nos olhos o verde do mar que banha as terras cariocas de onde é filho, Arnaldo Estrela tem a suprema facilidade de fazer amigos. Tanto que na redação de "A Tarde" por onde começou a sua peregrinação pelos nossos diários, depois no O JORNAL e no DIARIO DA TARDE, e mais, à noite, no "Jornal do Comercio", na Rádio Baré e no "Correio de Notícias" conquistou ele, em poucos minutos de palestra, um punhado de fãs, entre os quais Jovino Lemos, Júlio de Carvalho, Oscar Pires, Áureo Melo, Herculano Castro e Costa e Isaias Lima Verde. Velho amigo dos homens de imprensa, não queria conhecer a cidade sem antes os seus jornais. Muito bem. A sua vontade foi feita. E agora, esperemos pela noite de sexta-feira, que promete ser magnifica. Mas o mês de outubro é realmente um mês alegre. Como dissemos. Um mês muito nosso. Muito do Amazonas. Assim vem acontecendo, pelo menos, neste ano de 1946. O dia de hoje, por exemplo, se abre para Manaus, para o seu povo, para a sua pobreza, para a criança amazonense, em particular, como um dia imensamente grande. Como uma data que se assinala por um acontecimento que faz com que vibre todos os corações da gente boa e simples da nossa terra. André Araujo, o "painho", o incansável batalhador da causa dos doentes e necessitados, o homem singular pela sua bondade e pela sua paciência, essa criatura que chega a ser estranha na sua paixão pelos enfermos, esse benemérito que fomos conhecer, num domingo bonito como a sua alma, na Escola Montessoriana, está fazendo anos. Talvez que ele, na sua luta de todos os dias, na sua faina de todas as horas, na sua preocupação constante de fazer o bem e praticar a caridade, talvez que ele nem se aperceba dessa data. Até porque ela

não lhe pertence. Até porque ela é menos sua do que de Manaus. Mas nas orações que se erguerão hoje, ao céu, nos bairros pobres de Manaus, na Cachoeirinha, em São Raimundo, nos Educandos, na Vila, nas orações que sairão de lábios trêmulos, de emoções uns, de febres outros, hão de sair palavras mil, sem forma literária, sem sentido decorado, mas destinadas todas elas a pedir a Deus, ao Senhor de todos nós, que conserve, por muitos anos, por intermináveis anos, a vida preciosa de André Araújo. Para que ele, com os seus exemplos, com as suas virtudes, com a sua labuta que não conhece intervalos, possa continuar a mostrar aos indiferentes e aos derrotistas que sempre há no mundo, no seio das grandes civilizações ou nas pequenas cidades, em qualquer um dos setores das atividades do homem, seja ele rico ou pobre, comerciante ou funcionário, empregado ou empregador, um lugar, um ensejo, uma oportunidade para prática do bem, do amor, da solidariedade humana nas suas manifestações mais sublimes e mais puras. Poderíamos falar de André Araújo, tendo em conta o seu talento. Podíamos cita-lo apontando a sua cultura. Podíamos aludir à sua personalidade. Focalizando a grandeza do seu caráter. Podíamos descrever também os seus inconfundíveis méritos como juiz ou ainda como o exemplar chefe de família que na verdade é. Preferimos, porém, olhar apenas ao que ele tem feito e produzido com o coração. Ao que ele tem idealizado e concretizado pela bondade. Ao que ele tem executado, dentro de um programa que jamais traçou, mas que nasce espontaneamente da sua formação moral, em favor dos barrigudinhos, como costuma chamar, carinhosamente, à meninada pobre dos bairros, aos seus papais, aos quais acolhe sempre como um sorriso amigo e com palavras de ternura. André Araújo não conhece horas de mau humor diante dos pobres. Não tem crises de nervos, frente os necessitados. Não lhes vira as costas nem manda dizer que não está. Não será possível, todavia, neste curto registo, falar de André Araújo, mesmo para dizer apenas alguma coisa sobre o seu coração. Para que porém, se toda a cidade o conhece? Para que porém se todos os homens de bem o admiram? Para que, porém, se Deus é testemunha das suas nobres atitudes e da sua primorosa conduta? E se é por Deus mesmo que ali assim procede? Um abraço, pois, mestre amigo. Um abraço de quem sente, com a alma e o coração, uma grande inveja de não ter nascido deste dia que é muito do Amazonas, para ser guiado, também, pela estrela que conduz André Araújo pelo reino da bondade, pairando sempre muito acima, muito mesmo, do ambiente de ódios e de invejas que faz do mundo uma sementeira de incompreensões, das quais, porém, graças a Deus, André Araújo não se apercebe.

quarta-feira, 16 de outubro

A panela política começou a ferver. Não há lenha que baste. Tudo quanto desejamos é que não cheguemos ás condições em que se encontra a Tramways. Essa questão de lenha tem dado pancada em muita gente...A verdade é que vamos caminhando para a grande prova. Antes, como é natural, teremos as preliminares. E estas se mostram interessantes. Chega hoje o Dr. Rui Araújo. O antigo secretário geral do Estado, ex-candidato ao governo do Amazonas, futuro deputado federal segundo tudo indica, deve trazer planos de combate. Que serão entregues, desde logo, ao astuto Flávio de Castro. Ao homem que não é apenas doutor em medicina. Mas também em política... E que águia, sim senhores. Que terá imaginado o Dr. Álvaro Maia? Digam o que disserem, o senador da Canção de Fé e Esperança é sempre uma incógnita. Ninguém sabe o que pretende, ninguém sabe com quem ele não topa. Perdida uma partida, como a da nomeação do senhor Júlio Nery, por exemplo, sai logo para outra. Ajeita a coisa, articula acordos. Faz os seus cálculos. Tudo com muita prudência e muita calma. E lá vai bala...Andou agora pela Bahia, pela terra do Senhor do Bomfim. Pela terra do saudoso Seabra, do senhor Otávio Mangabeira e do muito nosso Flavio de Castro. Se fosse preciso teria aprimorado o seu curso. Para que, porém, se ele é, incontestavelmente, mestre no assunto. Os baianos, isto sim, que tomem cuidado. Do contrário estarão no mato, enganados. Mas a política do Amazonas não se fala apenas em torno do Dr. Álvaro Maia. Claro que não. Tanto assim que vem por aí também o Dr. Leopoldo Neves. Candidato com toda certeza, do Partido Trabalhista Brasileiro ao governo da terra de Ajuricaba. Pelo menos é o que se sabe até agora. Como irá, porém, o P.S.D. ás urnas? Difícil, muito difícil de prever. Tudo quanto se tem afirmado, desde a candidatura Cosme Ferreira até a senatoria com o brilhante advogado Aristides Rocha, sem escapar também a chapa de deputados, parece muito incerto. Candidaturas lançadas com antecedência são nomes destinados a queima. O Dr. Álvaro Maia sabe muito bem disso. Menos, é claro, no caso do P.T.B. Por falar em P.T.B., porém, não podemos deixar de reputar curiosa situação do nosso amigo Dr. Manuel Anunciação. Foi ao Rio e cavou mesmo a melhoria dos portuários. Teve uma missa de ação de graças pelo êxito da sua tarefa. Que não foi de corpo presente. Bravos. E está agora, com cargos e bagagens, na ala dissidente do P.T.B. Até aí, tudo muito natural e lógico. Sem novidades. Assim não ocorrerá, no entanto, de futuro. Porque, mais hoje ou mais amanhã, por motivo que o honrado e operoso líder proletário não desconhece, estará ele, de novo, em dissidência. E veremos, então, no Amazonas, um caso único, talvez, no assunto. O Dr. Manoel Anunciação terá de fundar a Ala Dissidente da Dissidência Trabalhista. Duvidam... Também nós. Esperem, porém. E a U.D.N. perguntarão os leitores, continuará como espectadora? Claro que não, entendemos nós. A corrente política que votou com o brigadeiro Eduardo Gomes, sob o comando, neste Estado, do Sr. Manoel Severiano Nunes, há de estar esperando para ver a banha que fica no frigir dos ovos na cozinha do P.S.D. Depois há de entrar, então, com o seu programa de ação. Que no dizer do Dr. Alberto Carreiro, será fulminante. Atômico mesmo. Tanto que o Dr. Severiano Nunes prefere vir de surpresa. Deixando da parte, porém, os palpites, chega-se à conclusão de que nada está ainda determinado quanto

á organização de chapas para as futuras eleições. Do que ninguém tem dúvida, todavia, é de que, sem a ajuda da U.D.N. ou do P.T.B. o P.S.D. no regímen de garantias que estamos vivendo, não haverá a melhor, desde que as duas últimas facções se aliem. Como é certo, também, que se forem para a luta, isoladamente, cada partido com os seus candidatos, o P.S.D., mesmo sem conseguir uma maioria convincente, levará a melhor em todo o Estado. Ninguém se iluda. O ideal, seria, porém, não tenhamos dúvida, que os partidos, que defendem no Vale a democracia, os que pretendem prestigiar o governo justo e patriótico do general Eurico Dutra, deveriam, desprezando conveniências pessoais, esquecendo rivalidades de ontem, formar um só bloco, uma só força, pelo Brasil e pelo regímen, pelo Amazonas e pelo seu povo, evitando as lutas estéreis que, não aproveitando a ninguém, servem, apenas, para quebrar o clima de ordem e de harmonia tão do gosto e tão dos hábitos da família amazonense. Guardemos as nossas energias e os nossos esforços, guardemos a grande disposição que nos anima a todos, para a tarefa de reconstrução nacional em que devemos nos empenhar, com toda dedicação, com verdadeira abnegação, se quisermos evitar a derrocada que nos ameaça, e que dela não se apercebem, apenas, os que, cegos pelas suas paixões pessoais, divisam antes, e acima de tudo, os seus interesses, os interesses dos seus grupos, interesses que são verdadeiras conspirações, a esta altura, contra a segurança democrática.

quinta-feira, 17 de outubro

A fervura continua. Tudo, porém, até aqui, por conta apenas dos boatos. Que são assim uma espécie de balão de ensaio. Para saber até onde as coisas podem ir. Já dissemos, ontem, e tornaremos a repetir, que essa história de candidaturas para o governo e para o senado, como para o parlamento, jogando com os nomes honrados dos senhores Cosme Ferreira, Aristides Rocha e Nogueira da Mata, é uma história pouco aceitável. Tudo quanto há de verdadeiro até hoje, nessa questão, é o que se sabe sobre o Sr. Ruy Araújo, que será mesmo apresentado pelo P.S.D, para uma das cadeiras de deputado federal a que o Amazonas tem direito. O Dr. Ruy Araújo, porém, que deverá trazer algumas novidades, não chegou ontem conforme estava esperado. O avião em que viajou do Rio para Belém, atrasou-se. De modo que o antigo secretário geral do Estado só amanhã, ou talvez sábado, estará em Manaus, quando receberá as homenagens dos seus amigos e correligionários. Somos dos que entendem que as esperanças de que a família política do Estado chegue a um acordo não estão ainda perdidas. Esse entendimento só será possível, todavia, se os partidários de determinadas "divindades" se convencerem de que somos todos plasmados em barro. Sujeitos, pois, as falhas peculiares à matéria. O Partido Social Democrático a União Democrática Nacional e o Partido Trabalhista, poderiam, desde que o desejassem de fato, atender, sem quebra das suas convicções e dos seus princípios, ao patriótico apelo do presidente Eurico Dutra. Como? Muito facilmente. Escolhendo para o governo do Estado um homem fora do ambiente dos que já estão acomodados na Câmara e no Senado. Apontando para as vagas existentes no Parlamento e no Senado três lugares, nomes escolhidos por cada um dos referidos partidos. E quanto à Câmara Estadual, o problema poderia ser atendido tendo em vista o direito de cada corrente apresentar livremente os seus candidatos. Claro que isso não chega a ser uma sugestão dada como o desejo e a pretensão de merecer um exame dos condutores da política amazonense. É apenas um simples palpite. Um mero palpite dado por um repórter cujo desejo, nosso particular, é o de ver irmanados, pelos mesmos objetivos de trabalho e de concórdia, de aproveitamento de valores e de energias, todos os filhos da gleba verde, todos quantos aqui nasceram, ou fizeram, pelos muitos anos de vida no Vale, sua, a terra dos seus amigos. Estamos saindo no Brasil de uma guerra que se fez longa e tenebrosa. Que desajustou a vida econômica do país e permitiu a infiltração de elementos subversivos. Que provocou uma crise como jamais foi possível prever. Compreendemos todos nós que a democracia se caracteriza pela luta dos partidos, que usam como armas os seus programas de ação em benefício da coletividade. Compreendemos, também, que nessa liça se forjam os grandes espíritos, os grandes administradores, os grandes vultos da história política dos povos. Que sem ela, sem o debate, sem a porfia, sem os partidos não teríamos conhecido o verbo de Otávio Mangabeira, a habilidade de Getúlio Vargas, a astúcia de Góes Monteiro, ou mesmo, para falar de gente nossa, a inteligência de Álvaro Maia, o vigor combativo de Severiano Nunes ou ainda a fibra inquebrável de Vivaldo Lima. A esta altura, porém, em meio a situação especialíssima que estamos vivendo, em jogo não estão plataformas e facções, homens e propósitos que se identifiquem por um só objetivo,

como aconteceria dentro da democracia isenta da fúria dos seus adversários. Nos dias que correm, acima dos interesses partidários, acima dos propósitos individuais, teremos de colocar o regímen, a democracia, o Brasil. Desde que pretendamos, é claro, continuar gozando o clima de tolerância, de garantias, de ordem e de respeito, que nos vem sendo assegurado. Desde que pretendamos manter firmes as tradições que nos foram legadas pelos nossos avós. Desde que compreendamos realmente que a liberdade é o mais notável dos bens. Dirão que o Amazonas não sente o perigo da subversão! Será uma verdade? Demos de barato que o seja. Não é, porém, o Amazonas um pedaço do Brasil, e dos mais expressivos, e dos mais valiosos, e dos mais importantes? Logo... Como iremos nos colocar fora da órbita dos superiores anseios da coletividade! Que meditem, que raciocinem, que calculem mesmo, os homens que, pelo seu prestígio e pelo seu valor, têm nas mãos os destinos do Amazonas, parte dos destinos do Brasil. E que não cheguem muito tarde à conclusão de que, fora da pacificação que a Nação reclama, não há clima para a conservação e para a garantia dos postulados democráticos.

sábado, 19 de outubro

Muita coisa há, realmente, por fazer no Amazonas. Problemas velhos, bolorentos, cobertos mesmo pela poeira dos anos, que reclamam solução imediata. Males antigos, dos tempos idos, que desde o passado até os nossos dias pedem remédios. Tivemos um governo que ocupou o Rio Negro durante mais de dez anos. Que olhou a tudo isso, durante todo esse tempo, com a mais inocente das serenidades. Que não se sentiu jamais com coragem para enfrentar as dificuldades ambientes. Os obstáculos criados pela guerra, as restrições impostas pela ditadura o desanimo resultante do próprio temperamento. O seu chefe, o chefe desse governo, tinha um grande coração. Era tolerante. Era transigente. Permitia que em pleno regímen de exceção a imprensa e a tribuna fossem exercidas em críticas à sua administração. Em troca desse favor, que sempre nos pareceu imenso, muita coisa ia passando, e passou sempre, em brancas nuvens... Depois daquele governo o Amazonas tem passado apenas por experiencias. Tem sido, no que se refere à cousa publica, assim uma espécie de posto destinado a testes para homens públicos. Os que se revelam dispostos a conduzir a nau do Estado, vão sendo chamados, por força de sorteio, a ocupar o posto de comando: Stanislau Afonso, desembargador, homem de certa idade, conhecedor profundo das nossas causas e dos nossos homens. Fez uma bonita prova. Julio Nery, moço ainda, muito entusiasmado, amigo dos protocolos e das homenagens, pouco hábil. Viu-se reprovado antes de terminar o estagio. Nogueira da Mata, moço também, calmo e prudente, não chegou à prova decisiva, uma vez que lhe foi permitido apenas manter-se como observador. E temos agora, em mais um teste, o tenente-coronel Syzano Sarmento, moço cheio de disposição, credenciado pelas suas qualidades cívicas, que prefere, ao que se percebe, fazer inicialmente cuidadoso estudo do terreno. Quando se achar em condições para executar todo o seu programa de ação, terá, por certo, do cuidar do preparar o Palácio, a papelada, os relatorios, pois que estará na hora de aguardar a chegada do governador eleito. Tenhamos em conta que o presidente Dutra não se sentiu ainda, habilitado a iniciar a sua grande jornada administrativa! Que fazer? Lamentar a sorte do Amazonas e confiar que o período constitucional nos proporcione o ensejo de começar, de fato, a solução dos nossos velhos e sempre dificeis problemas. Claro que isso não importará em dizer que os atuais homens de governo devem ficar de braços cruzados. Nem eles seriam capazes disso, sensatos e hábeis como na verdade o são. O caso da Manaus Tramways, que tem sido motivo de inúmeros comentários nossos; que tem mobilizado a atenção de todos os jornais de Manaus; que tem provocado a revolta da cidade inteira. Como iremos soluciona-lo de um momento para o outro? Impossível. O interventor que nos veio é um homem competente. Um técnico de verdade. E mais do que isso, um brasileiro cheio de boa vontade, conduzido pelo desejo honesto de acertar. Mas a Tramways é uma lástima. Um ninho de casos. Necessario será, preliminarmente, que se deixe de lado, de uma vez por todas, a ideia de aproveitar o que aí está com a lenha que poderá vir. Não sairemos nunca do "impasse" de ter uma usina em funcionamento e outra em reparo. Até porque isso é o que mais convém à Tramways. Urge que olhemos para as cachoeiras do Urubu. Com uma excursão até aquela zona

teríamos a prova real nesse particular. Se fosse possível... Tudo ficaria pronto para uma ação futura. Se não fosse possível, nova orientação, Petróleo no lugar da lenha, corrente alternada e não contínua. A questão da carne. Ela não será resolvida nunca dentro do sistema traçado até aqui. Nunca mesmo. Para tanto, só mesmo um plano de caráter definitivo, destinado ao desenvolvimento em todo o Estado da criação bovina, traçado para dar resultado dentro de seis anos. Tal como já foi apresentado ao Dr. Álvaro Maia por conhecido mestre no assunto. Mas é preciso carne para já. Como consegui-la? Recorrendo ao Pará. E se o Pará não concordar? Mão na cabeça... foi o diabo ter deixado todo o gado do baixo Amazonas ser consumido. E nós gritamos contra esse erro! Surge, todavia, uma solução. Da qual muita gente zomba. Boi pelos ares, meus amigos. De avião. Do Rio Branco para Manaus. Morto já. Pronto a ser distribuído para a população. Outros problemas menores ainda, mas que desafiam solução, se apresentam, particularmente à Prefeitura. O lixo no centro da cidade, um erro tremendo. A limpeza que o cemitério reclama, esquecimento que não se explica. A falta de policiamento em certas zonas distantes, detalhe que já está sendo providenciado. O fato de ficarem de plantão, como é regra, farmácias que não estão em condições de atender pela carência de meios, o receituário de emergência ditado à noite pelos nossos médicos, justamente quando o remédio é imposto por medida de urgência, é outra coisa lamentável. É sabido que ninguém iria exigir que sua farmácia ficasse aberta durante à noite para vender aspirina e água boricada... Tudo isso, porém, com a graça de Deus, há de tomar jeito. A questão é dar tempo ao tempo. Sem precipitações, já que a pressa é a maior inimiga da perfeição.

domingo, 20 de outubro

O Dr. Simplício Rubim de Pinho é de fato um cavalheiro gozado. Não era ele muito amigo do Dr. Jaty Pucú de Aguiar, diretor dos Serviços Técnicos do Estado. Não se dava igualmente com o Interventor Júlio Nery, por força de uma briga dos tempos de escola. A despeito de tudo isso, porém, fazia com que o velho bombeamento estivesse sempre em forma. Em condições de dar água para toda a cidade, pela manhã, ao meio dia e ao amanhecer. Nos dias que correm, quando o Dr. Simplício Rubim de Pinho, num ato de absoluta justiça, foi conservado como diretor de águas, as coisas mudaram um pouco. O jovem engenheiro, cuja vida é um autêntico romance de aventuras por todo o nosso Brasil, é amigo, e do peito, do Dr. Vilar Câmara, que substituiu o Dr. Jaty Pucú de Aguiar. Tem pelo coronel Syzeno Sarmento uma admiração que ultrapassa as raias do normal. No entanto... Manaus vem tendo menos água. Muito menos aliás. Como explicar-se o fenômeno? Não há muito – e nós registramos o fato – o Dr. Simplício Rubim de Pinho teve ensejo de afirmar que o mal do serviço de distribuição de água residia principalmente na rede velha. Que as máquinas, ainda que cansadas, davam conta do recado. Como vinha acontecendo. Que teria havido, então, agora? Coisas do Amazonas, dirão uns, na sua eterna justificativa ao que não lhes parece direito. Com o que não concordamos, porém, preferindo achar que para tudo há remédio desde que haja o proposito firme e decidido de realizar. Qualquer dia desses, porém, o acaso de nos pôr em contato com o diretor do serviço de águas. E ele nos há de esclarecer algo a respeito. Esperemos. Até porque não foi para escrever sobre esse assunto que nos munimos hoje de papel e máquina. Era nosso desejo falar apenas da célebre quadrilha de falsificadores de cédulas, cujas atividades, interrompidas pela polícia, vem dando ocasião a notáveis reportagens. Para dizer sinceramente não entramos ainda nos mínimos detalhes dessa intricada proeza. A nossa curiosidade não tem ido além de ler o farto noticiário dos jornais da cidade nas suas linhas gerais. De modo que, tudo quanto sabemos, é que o polonês Jaime Barimbau e os nacionais Antônio Desiderio e Francisco de Souza Galvão, teriam sido apanhados em flagrante quando tentavam arranjar sócios para uma fábrica de dinheiro falso. Industria sobremodo tentadora, e que nestes dias de crise, de câmbio negro, de lei de inquilinato a conspirar contra o bolso dos pobres chefes de família, surge como uma perigosa tentação aos olhos dos incautos. Dos que se esquecem que se o negócio fosse bom mesmo, no duro, não precisaria de sócios. Presos os falsários, o polonês, revelando a sua alta classe de malandro identificado com as prisões, simulou a mais inocente das desculpas: marretava porque não tinha documentos para enfrentar um trabalho honesto. Francamente, senhor Barimbau... E a polícia entrou a investigar, a dar busca, a apurar. E teve pela frente um punhado de vidros com tintas diversas, todas da pior qualidade. ??? Incapazes de imprimir o mais torpe trabalho tipográfico. Verdadeira tapeação e nunca uma fábrica ou apetrechos em condições de fabricar alguma coisa que se parecesse com dinheiro. Logo... Logo o Barimbau não pretendia, porque sabia que era impossível, impingir notas falsas ao nosso comercio, à nossa população, a ninguém. O seu plano, segundo se conclui, era muito outro. Ele não era um falsário. Nunca. Continuaria sendo um marreteiro em

período de evolução. Novos planos, novos golpes. Para o seu cartaz de "sabido" internacional não ficaria bem o papel de enganar apenas os caboclos na rampa do Mercado, quando eles podem ser igualmente ludibriados dentro mesmo daquele estabelecimento! Com os apetrechos que reuniu criou então o cenário que deveria dar maior vida ao palco das suas novas atividades. Fabricava dinheiro e queria sócios. Estes, é claro, teriam de entrar com certo capital, com alguns milhares de cruzeiros. Os dois amigos do polonês, seriam os seus agentes, seriam os homens incumbidos de atrair os otários. Não sabemos, ao certo, se o plano chegou a dar resultados práticos. Parece-nos, porém, que não. Temos todavia, que a polícia errou, e muito, em deitar a mão, desde logo, no aventureiro Barimbau. Quem sabe até se ele, como seu engenho, não seria capaz de prestar relevantes serviços à sociedade. Porque afinal o seu objetivo não ia além, assim pensamos, de apanhar o dinheiro legitimo, de lei, dos que por força de habito, pretendessem associar-se a uma possível fábrica de moedas. Logo ele, Barimbau, não seria nunca um falsário. Que pista, porém, magnifica, não iria ele proporcionar-nos? Que oportunidade, única talvez, de colher em flagrante velhos falsificadores do de leite, contas, de vinho, de tanta coisa mais que tem sido entregue a população apenas para furta-la e engana-la. Coitado do Barimbau... Ele queria prestar um serviço. E não foi compreendido.

terça-feira, 22 de outubro

A semana que passou...

Uma semana como as outras, por certo. Não resta menor dúvida. Com a mesma sucessão de dias, de fatos, de emoções também. Mas os sete dias que se foram nos deixaram um punhado de lembranças gratas. Tivemos a chegada do embaixador de Portugal, Dr. Pedro Teotonio Pereira, com as suas festas e as suas recepções, todas magnificas. Dando ensejo também a que o comendador Agesilau Araújo pronunciasse magnífico discurso, documento que traduz exuberantemente a afeição do filho para com a pátria distante e do amigo para com a terra que o acolheu de braços abertos. Ele não esqueceu aquela. Não seria capaz olvida-la nunca. Mas aprendeu a amar esta com toda a força do seu afeto ferido em cheio por uma saudade imensa. O Olímpico fez anos! Uma nota destacada para a vida social de Manaus. Com um baile que se não foi muito farto em dançarinos foi rico, riquíssimo mesmo, em animação. Tivemos também acontecimentos políticos. Chegou do Rio de Janeiro o Dr. Ruy Araújo, que tem preferido falar muito pouco. As coisas têm mudado tanto e tão depressa... No Maranhão, em São Luís, os paraenses enfrentaram os locais, em disputa do campeonato brasileiro de futebol. Ao que se sabe, jogaram apenas vinte minutos. Estavam perdendo de um a zero e na primeira oportunidade deixaram o campo. Como não havia por lá ninguém de mamadeira na mão para força-los a voltar ao gramado, eles ficaram de fora mesmo. E perderam os pontos. Como teria ocorrido aqui se outra tivesse sido a orientação dada à partida. Mas o jogo daqui pertence ao passado já. Aliás, tambem os catarinenses deram uma nota feia. Deveriam jogar, domingo, com os paranaenses, em Curitiba. E lá não apareceram. Em consequência foram suspensos pela C.B.D. por um ano. Com os nossos vizinhos, que ocorrerá? A semana que passou, porém, foi sobretudo política. Nada impediu que os bastidores se vissem ricos de comentários, de palpites, de fatos mesmo. O senador Álvaro Maia, que estava sendo esperado em nossa capital, desistiu da sua projetada viagem. Preferiu ficar pelo Rio de Janeiro, onde, neste mês de outubro, o sol não é tão quente. Consta, que era desejo do Dr. Álvaro Botelho Maia lançar a candidatura do Sr. Cosme Ferreira ao governo do Estado. A respeito teria mesmo falado a alguns próceres de outros partidos, alegando, porém, tratar-se de uma imposição da bancada pessedista. Restava-lhe concordar ou romper... Horas depois dois membros da bancada, dois deputados, manifestavam-se alheios ao movimento. Não tinham recomendado aquela candidatura, absolutamente. Foi então que o senador baré, dono de uma inteligencia tão brilhante quanto á sua primorosa cultura, veio pela imprensa dizendo que nada tinha que ver com candidatos ou candidaturas. Isso seria uma missão do povo... A coisa ficou então nesse pé. Entrementes, a União Democratica Nacional do Amazonas, que parece descrente da coalisão em face do recuo observado, marcou para o próximo dia 3 a sua Convenção. Nesse dia aqui estará, para presidi-la, o deputado Manoel Severiano Nunes, cuja atuação no Parlamento, na defesa dos superiores interesses da gleba verde, tem sido notável. O Partido Trabalhista Brasileiro do Amazonas, aparentemente inativo, está na verdade em franca atuação. Diretórios vão sendo fundados, forças vão sendo coordenadas, tudo de modo

a permitir que, na hora H, os comandados do professor Vivaldo Lima compareçam em absoluta forma. Não se tem descuidado, também, ao que nos tem sido dado verificar, a ala dessidente trabalhista, capitaneada pelo Dr. Felismino Soares, com a ajuda preciosa do Dr. Manoel Anunciação. Novembro, segundo se prevê, vai ser mesmo o período das definições. Vai ser a temporada das grandes decisões. A nosso ver, e nesse particular cremos não estar longe da verdade, caminharemos nas eleições de janeiro, no Amazonas, com tantas bandeiras quantos forem os partidos militantes no Vale. A menos que a U.D.N. e P.T.B., se entendam, o que não será muito fácil, sabido que o P.T.B., não abrirá mão, em hipótese alguma, do seu candidato para o governo do Estado. Os dias se vão passando. Com eles as semanas... Vivemos mais uma. Que foi rica em acontecimentos, como ficou dito. Estamos saindo para outra, que segue a sua marcha tranquilamente. Como que pouco disposta a enfrentar fenômenos de maior vulto. Em todo caso, a sabedoria popular está farta de revelar que de onde não se espera é que vem... Vamos aguardar? É bem melhor, na verdade.

quarta-feira, 23 de outubro

De novo somos levados a falar hoje sobre política. É o diabo. Mesmo porque se trata de um assunto, do qual preferimos ficar sempre a distância. Acontece, todavia, que desde que se sai de casa passa-se a ter pela frente amigos que dão a vida por um dedo de prosa sobre as coisas e os segredos da difícil arte de governar os povos. Aqui é o nosso velho amigo Deolindo Dantas. Ali o professor Chaves Ribeiro, acolá o Dr. Flavio de Castro. E surgem outros. Sempre outros empenhados em movimentar o assunto. Até que a gente acaba falando de política. Antes, porém, de capitular mais uma vez, queremos dar uma satisfação aos leitores de O JORNAL quanto ao problema da água. Dissemos outro dia que, nesse particular, vinha ocorrendo uma irregularidade que nos parecia inexplicável. Logo que tivéssemos o ensejo de avisar o Dr. Simplício Rubim de Pinho, no entanto, trataríamos de desfazer o mistério que envolve a questão do precioso líquido. E pela manhã de ontem, em plena Marechal Deodoro, topamos com o jovem e competente engenheiro. Como era natural, ferimos o assunto. A explicação não se fez demorar. "De fato, a cidade, nestes últimos dias tem recebido menos água. Não resulta isso, porém, de questões de simpatias ou de antipatias. É que estamos mudando dois tubos de sucção, trabalho deveras delicado, que para ser mais rápido implicaria em cortar definitivamente, por 36 horas no mínimo, o fornecimento de água a Manaus. Como vê, estamos fazendo a coisa pelo mínimo. Não direi que amanhã ou depois tudo esteja normalizado. Teremos de sustentar a situação atual durante mais cinco dias talvez. Era meu desejo, aliás, convidar a reportagem para uma visita ao bombeamento. Era e é. Para que tenha uma visão exata do serviço que está sendo feito". Muito bem. Estávamos satisfeitos com as informações. Duplamente satisfeitos mesmo. Não só por saber que dentro de pouco voltaremos a ter água regularmente, como por sabermos que o diretor de águas continua merecendo, pelos seus esforços e pela sua reconhecida capacidade, toda consideração da cidade que teve a honra de vê-lo neném. Cumprindo essa tarefa... Porque não se faz a pacificação da família política do Amazonas? Essa foi a pergunta que conhecido advogado e alto funcionário do Estado nos fez pela manhã de ontem? Como? Ora como... Toda gente sabe que sou pessedista (ele é advogado). Sugiro, todavia, a seguinte fórmula: para o governo do Estado, um trabalhista, o Dr. Leopoldo Neves; para o senado um udenista, o Dr. Severiano Nunes, que levaria à Câmara, assim, o Dr. Jaime Araújo; os dois deputados federais seriam pessedista e para a Câmara Estadual, dez elementos de cada facção. Que tal? Da nossa parte nada dissemos. E os leitores, que pensarão a respeito? Mal havíamos registrado a hipótese que aí vai revelada, tínhamos a satisfação de ouvir conhecido intelectual, poeta, membro destacado do P.T.B. E outra pergunta veio de lá. Porque não se faz a fusão da U.D.N. com a nossa ala (nossa dele, claro). Como? Ora como? Ficamos com o governo do Estado, que caberá ao Dr. Leopoldo Neves. Não faremos questão de mais nada. É... Ouvimos e silenciamos, já que não temos credenciais para tratar desses assuntos, simples homem do povo como somos. De tudo isso, porém, a uma conclusão, bastante segura, nos foi dado chegar. Há, na verdade, no seio da família amazonense, no coração e na alma dos que defendem na planície a democracia, o desejo imenso de

revigorar o regímen pela união de forças em favor do objetivo único de trabalhar pelo Amazonas e pelo Brasil. Não discutiremos fórmulas. Não defenderemos condições. São detalhes que pertencerão sempre aos partidos, pela iniciativa dos seus orientadores. Como brasileiros, porém, como soldados da democracia, como amazonenses pelo coração, jamais deixaremos de reconhecer que o momento reclama como nunca, no Amazonas, um melhor entendimento entre os seus filhos e entre os legítimos amigos. As ambições pessoais, dos que tenham em mente apenas a possibilidade de conquistar uma cadeira de deputado ou de senador, dos que tenham a preocupação única de alijar o adversário de ontem, dos que tenham receio de interromper uma situação que tem desservido o Amazonas, não podem e não devem impedir que a decisão patriótica do presidente Eurico Dutra, que acaba de encontrar magnifica acolhida em Minas Gerais, se veja perturbada e combatida entre nós, onde o sofrimento, a luta, o trabalho, onde a própria natureza está a dizer-nos que somente unidos poderemos vencer ou contornar pelo menos as dificuldades imensas, de toda ordem, que nos afligem.

quinta-feira, 24 de outubro

Ao que tudo indica, o deputado Severiano Nunes, chefe udenista em nosso Estado, aqui estará no último dia do mês em curso, quando terão início, então, as últimas démarches para o lançamento dos nomes ao governo, à senatoria, às duas cadeiras de deputados federais que ainda nos cabem e também à Assembleia Estadual. O Partido Social Democrático, pujante organização, levou em dezembro regular vantagem sobre as demais correntes, não se descuida, desde já, das suas atividades. Depois da chegada do Dr. Ruy Araújo, principalmente, a sua ação passou a se fazer sentir mais viva, mais resoluta, mais positiva até. Tanto que, agora mesmo, está o Partido Social Democratico convocando para uma reunião nesta capital, onde devem ser assentadas normas decisivas sobre o pleito que se aproxima, todos os prefeitos pessedista, todos os chefes de comuna filiados à facção presidida no Amazonas pelo Dr. Álvaro Maia. Não temos dúvida, nenhuma mesmo, quanto à consideração imediata desse chamado. Não vemos, da nossa parte, porque motivo os chefes comunais pessedistas, homens coerentes todos eles com seu passado político, se hão de furtar a esse apelo perfeitamente explicável, perfeitamente cabível dentro da nossa liberalíssima democracia. Um deles, apenas, se verá, em tudo isso, numa situação bastante difícil. Pelo menos um, aliás. Este, o nosso prezado amigo José Frazão Ribeiro, prefeito de Manaus, o homem que se vê presentemente às voltas com a batalha da carne verde. Há pouco chegado do sul, filho embora da gleba verde, o governador de Manaus, se tem colocado inteiramente fora da política, exercendo-a, apenas, superiormente, como a arte que ela é de bem governar os povos. Ora, esse chamado do presidente Flavio de Castro, do príncipe dos nossos médicos, do Antonio Carlos da planice, surge como uma oportunidade inevitável para definições. Não comparecendo ao conclave pessedista, o ilustre prefeito da capital confessará de público que não é pessedista. Muito bem. Nada feito, porém, até ai. Porque quatro outros partidos ficarão com o direito de se julgarem donos das preferências do simpático solteirão. Comunista – parece-nos fora de dúvida – o prefeito Frazão Ribeiro não é. Costuma ir à missa, e faz o sinal da cruz até mesmo quando vê descer pela Eduardo Ribeiro determinada morena cor de jambo... Integralista, ou melhor, adepto do Partido da Representação Popular, do qual é chefe, entre nós, o Sr. Craveiro Frota, não nos consta tambem que o seja. Resta-nos, como restará ao eleitorado, a possibilidade de situar a figura política do prefeito de Manaus entre o Partido Trabalhista do Amazonas e a União Democratica Nacional. Amigo do nosso confrade Aristophano Antony, alma e mentor intelectual do vigoroso do partido, bem que poderia indicar-se pelo trabalhismo. Não consta, porém, que se tenha manifestado, de leve ao menos, nesse particular, isto é, quanto as suas possíveis tendências trabalhistas. Restaria, pois, o recurso de admitir que o prefeito fosse caído pela União Democrática Nacional. O que daria motivo para que o doutor Chaves Ribeiro se babasse de alegria. Acontece, porém, que ainda não há muito, falando numa roda de amigos, o prefeito Frazão não escondeu a sua ojeriza por homens que se subordinam a ideias e opiniões de terceiros, que chegam até o ponto de não tomarem uma atitude sem consultar o seu chefe espiritual. E criticou, então, os que se apaixonam por partidos, por facções, por ideologias, por

crenças de qualquer natureza, perdendo, em benefício das suas convicções, o direito de raciocinar. O nosso muito prezado amigo Antovila Vieira, que estava perto, que tudo ouviu, e que dá a vida por um bate-papo político, consultou o relógio e compreendeu que estava na hora do almoço... Difícil, pois, como se vê, ao observador, ao bisbilhoteiro, ao falador da vida alheia, o chegar a uma conclusão mais ou menos segura quanto a conduta partidária do prefeito de Manaus, já que o micróbio político, no dizer autorizado do professor Pericles de Morais, está no sangue e na alma de todos os mortais que tenham vindo ao mundo no Brasil. Pelo sim e pelo não, se estivesse em nós o direito de dar um palpite dentro do P.S.D, chamaríamos o Dr. Flavio de Castro à parte, ali no canto mesmo da Drogaria Popular, e insistiríamos para que ele mandasse um convite-intimação ao prefeito Frazão Ribeiro. Para que comparecesse ao conclave pessedista. Se ele aceitasse o problema estaria resolvido.

sexta-feira, 25 de outubro

Comenta o nosso prezado confrade Jorge Andrade, pelo DIÁRIO DA TARDE de anteontem, com a sua autoridade de profundo conhecedor das coisas da Amazônia, a alegação do deputado Mario Brant, que justifica o fato de não ter sido consignado no orçamento da República para 1947 a importância correspondente aos três por cento reservados para a recuperação econômica do Vale, com a desculpa de não existir a respeito qualquer plano, qualquer estudo, ou mesmo técnicos que se incubam de fazê-lo. Estranha o brilhante jornalista, e com muita razão, que a falta de um plano de ação seja o motivo de se não levar a termo a concretização de um programa reclamado e exigido pelo Parlamento, unanimemente. Por que não existe o plano? Apenas porque não foram estabelecidas as normas para o seu levantamento, normas que só poderiam ser assentadas quando existissem os recursos necessários e indispensáveis ao seu desenvolvimento. Qualquer cidadão que se queira dar ao trabalho de analisar a questão em foco, chegará a conclusão imediata de que não há plano porque não há dinheiro. O sr. Mario Brant sustenta que não pode haver dinheiro quando não há plano. Estabeleceu-se, assim, um círculo vicioso tremendo: não temos plano porque não possuímos recursos e não ganharemos recursos porque não dispomos de planos...Essa é na verdade, muito boa...Muito mesmo. E revela ainda uma vez, como imensa é a ignorância dos homens do asfalto pelo que diz respeito ao Amazonas, pelo que alude a essa imensa região banhada pelo rio mar. Plano para fazermos do Amazonas um reduto imenso de trabalho e de produção, capaz de surpreender o mundo inteiro...O Sr. Mario Brant não é capaz de imaginá-lo. Não o será nunca mesmo. Mas deixe o Rio de Janeiro por algumas semanas e venha até nós. Viaje pela Amazônia. Pelos rios e pelas suas matas. Ouça o nosso homem da rua, desde que não queira ferir a sua vaidade com o pedir a opinião de um especialista. E terá logo um punhado de respostas. E saberá, sem perda de tempo, do que o Amazonas necessita para que possa dar ao Brasil aquilo que realmente possui. Ora um plano para a aplicação dos três por cento da renda da União em favor da Amazônia! Basta saber, senhor deputado Mario Brant, que três são os principais entraves ao progresso e ao desenvolvimento do colapso de que todos falam e tão poucos o conhecem: falta de transportes, falta de braços e excesso de febres palustres. O dia em que o governo federal se dispuser a olhar a esses três males do Amazonas, para combatê-los eficazmente, teremos começado a viver outra existência. Teremos começado a poder revelar ao Brasil que também aqui há meios, e muitos, para que possamos fazer do extremo Norte uma potência econômica, com vida própria, com independência financeira, com recursos inesgotáveis. Bem se vê, pois, que o sr. Mario Brant não conhece o Vale. Não conhece as nossas necessidades, nem tampouco as nossas riquezas. Acredita, certamente, que a Amazônia é habitada por alguns milhares de civilizados arrancados pelo general Rondon do seio dos índios...Do contrário, outro, muito outro, teria sido o seu ponto de vista. Do contrário, outra, muito outra teria sido a sua opinião. Nem tudo está perdido, porém, ao que nos parece. O orçamento ainda está em discussão. Possível é que a atuação, que há de se fazer sentir de modo bastante enérgico, da nossa bancada,

possa contornar a coisa. Abrindo os olhos da Câmara e também os do sr. Mario Brant. Do contrário teremos incorrido num precedente lamentável. Do contrário teremos permitido que para o ano a mesma desculpa impeça a execução de uma resolução que foi tomada em nome dos superiores interesses da Nação. Mãos à obra, pois senhores representantes do povo da Amazônia, deputados eleitos pelo nosso Estado e pelo do Pará. Temos pela frente um problema que comporta as mais fortes discussões, que admito valente e espetacular reação. Não é possível que percamos a oportunidade de começar, desde logo, a nossa luta por um Amazonas mais próspero e mais feliz. Um dia perdido desse combate, pode significar dezenas de anos. Demais, o bom senso e a sabedoria popular estão a dizer que o que se pode fazer hoje não se deve, de modo algum, deixar para amanhã. Quantas coisas não poderão acontecer no ano de 1947...Que o senhor Mario Brant nos perdoe, ausente e distante como se encontra. Perdeu, porém, o ilustre deputado, magnífica ocasião de ficar calado. Não se tivesse manifestado e a sua ignorância, quanto à Amazônia, não teria sido conhecida em todo o Brasil.

sábado, 26 de outubro

Dias difíceis, não há dúvida nenhuma, estes que nos vão sendo reservados desde que outubro se apresentou. Como ocorre, aliás, todos os anos, quando chega a época em que o rio fica com menos volume de água. Claro que não estamos aludindo à política, já que nesse terreno as coisas começam a ficar mais claras, a despeito da confusão estabelecida por certos cavalheiros que foram integralistas, progressistas, trabalhistas, quase udenistas e até pessedista. Queremos nos referir aos velhos problemas, de ordem doméstica podemos dizer, que há tanto tempo são o martírio dos nossos governos: luz, água e carne. Em recente entrevista à imprensa da terra, o coronel Pinto da Veiga teve ensejo de falar com precisão e autoridade, sobre o caso da Manaus Tramways. Para sustentar que a situação da Companhia é de fato difícil, que as quedas do Urubu não lhe parecem aproveitáveis e que dentro em pouco, com duas máquinas em ação, a iluminação se fazia menos imperfeita. Completou os seus esclarecimentos, sustentando que seria organizada uma comissão para que fosse feito um circunstanciado relatório ao governo federal, que daria, então, a palavra definitiva a respeito da sorte da energia elétrica para Manaus. Não duvidamos nós, nem ninguém será capaz de duvidar, das boas intenções do competente engenheiro que se encontra, como interventor do governo federal, junto da direção da Manaus Tramways. Temos, porém, que o governo federal já não solucionou a questão da Tramways apenas porque não quis. Relatórios já foram feitos e muitos. Sugestões já foram encaminhadas. Discussões, inclusive com a participação das classes conservadoras do Estado, também já tiveram lugar. O Dr. Jorge Andrade chegou mesmo a tomar a deliberação de organizar um plano capaz de dar a Empresa uma nova feição, permitindo que se tornasse em realidade a ideia a que alude, de passagem, agora, o cel. Pinto da Veiga, qual seja a de formar uma companhia com capitais brasileiros e ingleses. Tudo foi por terra, para que se começasse de novo. Está sendo recomeçado, como se observa. Chegaremos a um fim proveitoso? Ou a papelada morrerá, outra vez, nas dobras burocráticas do sul? Diga-se, ainda uma vez, porém, que com lenha, não teremos nunca luz e força com preço fixo, e regularmente, em condições de servir as exigências comerciais de Manaus. Não será possível aproveitar as quedas do Urubu, o que se torna profundamente lamentável. Recorramos, então, ao consumo do petróleo. Segue-se a questão da água. Vem à baila o velho e cansado bombeamento. Que merece de fato um estudo consciente, demorado, profundamente técnico e profundamente honesto. A rede velha está avariada. Precisa ser reformada. Muita água continua sendo posta fora pela falta de hidrômetros, que noutros tempos não foram adquiridos, porque não convinha aos mandões de então que figurões privilegiados pagassem o precioso líquido pela média do consumo. Depois veio a guerra e tudo encontrou justificativa... Os bairros reclamam água. Com razão. Ali mora a gente que mais trabalha. O homem que constrói. Que produz. Que edifica a nossa economia e o nosso progresso. De pouco valerá, porém, estender canos e alongar a distribuição, se uma parte da rede, por estragada, não permite que a água alcance maiores distâncias. E se também, as máquinas, cansadas, estão querendo periódico repouso, dando motivo a que em trabalho se

mantenha apenas uma delas. E somos forçados a repetir: o problema da água exige, antes de mais nada, um longo e consciencioso exame, para que não continuemos incidindo no mesmo erro.... Surge, então, a não menos difícil questão da carne verde. Faltam bois a Manaus. Eles serão sempre menos. O prefeito tem, em regra, pensado apenas no presente, que tem sido, geralmente, quatro ou cinco meses de administração. Porque, como os interventores, vão sendo substituídos as dezenas. Conseguimos, agora, graças aos esforços do chefe da comuna, quatro mil reses que deverão vir do Pará. Gado que não está ainda em perfeitas condições para o corte. Mas que remediará o mal durante dois meses. O peixe que tem sido abundante, começa a escassear. Dentro em pouco terá desaparecido do Mercado. A grita pela carne passará a ser muito maior ainda. E de novo o responsável pelo abastecimento da população terá de se ver em palpos de aranha. Porque o caso é sério mesmo. O ideal seria que se tivesse, de há muito, pensando num plano definitivo. Ao qual aludiu, outro dia, o prefeito Frazão Ribeiro. Que se tivesse pensado e cuidado de concretizar. Com a importação de reprodutores. Com a sua distribuição por todos os municípios. Com a obrigação das diversas prefeituras de levar a sério esse caso. Com assistência veterinária, que poderia ser distribuída para diversos grupos de municípios. Dentro de seis anos teríamos resolvido o intrincado problema. Para tanto, um serviço especializado teria de ser organizado. Com a extinção, se fosse necessário, de uma repartição das muitas que temos. Porque esse aspecto, o da carne, considerado dentro da sua real importância, tendo em conta o que terá de ser feito, não é assunto para ficar sob a responsabilidade e cuidado diretos do prefeito. É função para um técnico. Daí, por certo, o nosso maior erro nesse particular.

domingo, 27 de outubro

Começa a causar espanto aos meios políticos do Brasil, o fato de não se ter chegado, no Amazonas, nem mesmo no campo dos estudos preliminares, a uma conclusão, no que alude a escolha dos candidatos ao governo constitucional do Estado. Talvez que a razão de ser conhecido o volume das dificuldades reservadas ao homem que tenha de ser levado ao Palácio Rio Negro pelo voto livre do povo amazonense, esteja sendo a causa principal do receio aparente de enfrentar-se decisivamente o problema. O próprio Partido Social Democrático, que reúne os políticos que durante todos esses últimos anos governaram o Amazonas, começa a confessar as suas dificuldades para organizar as suas chapas. Quem seria o governador? Dir-se-á que os homens que no seio do partido majoritário, entre nós, vinham combatendo a candidatura do Dr. Ruy Araújo, tudo fazendo para coloca-la à margem, estarão, hoje, sinceramente arrependidos. Porque, repetiremos, quem será o cidadão escolhido para ser recomendado ao eleitorado pessedista? Diversos nomes já foram lembrados. Nenhum, ainda, porém, com simpatias suficientes para agradar a todos os partidos da facção presidida pelo Dr. Álvaro Maia. De início foi lembrada a pessoa Waldemar Pedrosa. Amazonense da gema advogado brilhante, figura simples, amigo de ricos e de pobres, o senador Waldemar Pedrosa parecia ser o candidato ideal para o P.S.D. acontece, porém, que ele mesmo começou a resistir à sua indicação, no que se viu, de certo modo, apoiado pelo senador Álvaro Maia, já que o seu nome resolveria determinada situação. A não ser que...Mas seria muito difícil eleger o Sr. Antônio Maia para o senado. Falou-se depois, no senhor Cosme Ferreira, conhecedor, realmente, dos problemas do Vale, homem identificado com os segredos da terra. Uma campanha surda, todavia, começou a ser feita, desde logo, ao seu nome. Tudo porque o Sr. Cosme Ferreira, no dizer de alguns, teria sido um dos opositores à candidatura do Dr. Ruy Araújo. A coisa começou a esfriar então...Quem, pois, haveria de ser lembrado? E novo movimento começa, agora, a tomar forma. Este, em torno da figura do doutor Flavio de Castro, o homem que, na verdade, tudo fez, tudo afrontou, para manter, contra uma série enorme de obstáculos de toda sorte, a candidatura do Dr. Ruy Araújo, político que a nosso ver tem razões de sobra, para afastar-se das competições partidárias...Mas isso são coisas internas, de ordem íntima, que pertencem ao Dr. Ruy Araújo e ao Partido. Nada temos, é claro, com o ocorrido...Conseguirá, porém, o nome simpático do querido presidente rionegrino reunir todas as correntes pessedistas? É o que veremos, dentro em breve. Deixando de lado, o P.S.D., voltaremos as nossas vistas para o seio da U.D.N. Não nos parece fácil, também, a tarefa dos comandos do deputado Severiano Nunes nessa questão. Até porque, ao que sabemos, a U.D.N. se esforça por encontrar uma solução capaz de dar à política estadual um outro rumo, com a remodelação dos nossos quadros administrativos, com o aproveitamento de valores não comprometidos com os erros do passado. O candidato apontado pela U.D.N., aliás foi, por um golpe político, posto fora do tablado. Não seria, ele, um candidato do Partido, mas sim uma figura, por força das suas credenciais, capaz de pacificar em torno de um programa de trabalho, de soerguimento do Amazonas, de alta moralidade administrativa, toda a família amazonense. Esse nome,

bastante conhecido e admirado, está hoje à frente da interventoria federal, para onde foi levado por força de uma manobra que começa a revelar a sua pouca oportunidade...Resta aludir ao Partido Trabalhista. Escolheu ele um candidato que mantém firmemente e que dele não abrirá mão, em hipótese alguma. Para tanto, porém, teve de enfrentar diversas crise, sujeitando-se à deserção de elementos de valor e de projeção comprovados. De qualquer modo porém, o P.T.B. tem resolvido, nesse ângulo, o seu caso. Irá para a luta com a candidatura do Dr. Leopoldo Neves. Essa decisão está fora de qualquer dúvida, mesmo que ela seja o obstáculo capaz de impedir o êxito dos esforços que ainda serão desenvolvidos em favor de uma combinação de forças para enfrentar, com êxito, adversários comuns. As coisas, todavia, dentro em breve estarão esclarecidas. Temos para nós, todavia, que os que desejam ver frente ao governo do Amazonas um homem de fibra, capaz de enfrentar com decisão os múltiplos problemas que nos afligem, num clima de harmonia coletiva e segurança absoluta — sem que essa afirmação implique em desconsideração aos honrados candidatos já referidos, vão lamentar, e muito, que o coronel Syzeno Sarmento tenha ficado de fora, como juiz apenas.

terça-feira, 29 de outubro

Reservada ao funcionalismo público, a data de ontem, teve em todo o Brasil, uma comemoração especial, permitindo que os servidores públicos se reunissem em festas de cordialidade, em meio as quais reivindicações e obrigações foram na mesma escala, com o sentido único de torná-las em realidade pelo bem da coletividade e da Pátria. Em tempo nenhum, aliás, os deveres dos que prestam serviço ao país e ao povo nas diversas repartições municipais, estaduais e federais, foram tantas e tão importantes. Porque o funcionalismo não tem nestes dias conturbados pela crise social e politica que agita a Nação, de dar conta, com presteza e com perfeição, apenas dos seus afazeres de ordem burocrática. O seu trabalho, as suas tarefas, o seu propósito de servir o Estado servindo, antes e em primeiro lugar a Pátria, há de prolongar-se agora até o compromisso de defender a Sociedade dos males que a afligem, combatendo, por todos os meios possíveis, a onda de brutalidade materialista que ameaça o nosso edifício social. Que procura reduzir o homem à condição de irracional. Que tem como objetivo principal destruir as nossas mais caras tradições de família, substituindo-as pelas normas pagãs de um credo repudiado pela nossa formação moral, repudiado a combatido por todos os homens que se sentem orgulhosos de poder viver como filhos de Deus, de poder gozar as vantagens do direito e da liberdade, de sentir a possibilidade do progresso e da riqueza na razão da sua capacidade e dos seus esforços individuais. Certos estamos, pois, que o funcionalismo público brasileiro, meditou ontem, voltado para a Pátria e para Deus, sobre os seus deveres, que são agora bem mais sérios. Assim como o povo, que se beneficia dos serviços pacientemente feitos nas repartições, nas oficinas, nos laboratórios, nos arquivos, em todos os múltiplos setores das atividades exigidas pela máquina do Estado, há de ter considerado ontem, também, como nem sempre são justas e oportunas as suas reclamações e as suas críticas, no que alude ao funcionário, ao anônimo trabalhador do Estado, cujo labor, fruto quase sempre de tantos sacrifícios, de tanto zelo, de tanto cuidado, não chega nem mesmo a merecer a cuidadosa atenção dos que deles se aproveitam, já que, em regra, é considerado como uma coisa feita, como uma obrigação que está sempre a salvo de qualquer referência que não seja para deprecia-la. Nada dissemos, ainda, porém, da semana que passou. Verdade é que ela não foi rica de novidades. Estivemos sem água. Isso é uma velha regra em Manaus. Com ela, porém, a nossa gente se habitua. Povo exigente... Mas desta feita foi um peixe da pior espécie que conspirou contra o Dr. Simplício Rubim de Pinho. Tipo acabado da onça, esse peixe. Pior do que ele só mesmo a famosa bomba paulista. Que há muito tempo já foi por nós considerada como origem nazista. Tal o volume do mal que fez ao Amazonas. E se a guerra não acabasse, muito mais faria. Afora a água, que tivemos? Quase nada mesmo. Porque a notícia de que os três por cento reservados para a valorização do Vale, haviam sido cortados do orçamento da República, não causou surpresa ao povo da planície, há tantos e tantos anos habituado ao esquecimento dos homens que adoram os passeios do asfalto e os banhos de Copacabana. Surpresos ficaríamos —e como ficaríamos —se os deputados da douta comissão de finanças se tivessem lembrado, de agir, numa atitude justa e patriótica, em favor do Amazonas.

O que ocorreu é regra tambem. Diferente da que rege a questão da água, apenas pelo seu caráter que é nacional. Da nossa bancada, temos notícias dos protestos formulados pelos deputados Severiano Nunes e Pereira da Silva. Protestos que certamente não terão força suficiente para remover o mal. Valerão, contudo, para identificar a bravura moral daqueles dois parlamentares. De política, pouco houve. Muito se falou porém. O senador Alvaro Maia desistiu mesmo da sua viagem à gleba. O Dr. Manoel Severiano Nunes, porém, líder udenista, aqui estará amanhã. Dentro em breve abraçaremos também o Dr. Leopoldo Neves. Esperado está ainda o Dr. Pereira da Silva. Vale isso pela certeza de que as coisas vão tomar mesmo um rumo definitivo. A candidatura do Dr. Flavio de Castro, pelo P.S.D, continua ganhando vulto. Lá pelo Rio de Janeiro, todavia, planos outros continuam sendo articulados. Já se fala até no nome do Dr. Julio Barata. Julio Barata?! Sim senhores, amazonense de nascimento, professor de latim do Colegio Pedro Segundo, ex-diretor de "A Batalha", matutino carioca que tem sua circulação suspensa, ex-diretor do famoso Departamento de Imprensa e Propaganda. Querem saber mais? Diremos mais tarde. É tambem amigo particular do sr. Hilton Santos, o que vale dizer, "torcida do Flamengo". Continuamos, porém, jogando no Dr. Flavio de Castro. Nós e o comendador Gomes, que está cavando junto do simpático médico um posto todo especial, que até agora é segredo da esquina das lamentações...

quarta-feira, 30 de outubro

Depois de um trabalho contínuo, em favor dos superiores interesses do Amazonas e do Brasil, da democracia e do povo, retorna hoje a Manaus o deputado Manoel Severiano Nunes, líder do nosso Estado da União Democrática Nacional, que aqui vem, para o fim especial de rever a gleba querida e coordenar os seus correligionários para as futuras lutas partidárias, as quais, se hão de processar, entre nós, no campo elevado e superior exigido pelo regímen, garantido pela conduta serena e patriótica que o delegado da confiança do presidente Eurico Dutra vem mantendo no Amazonas. Terá o parlamentar que hoje chega com uma festiva recepção, já que a esse movimento se deverão integrar elementos de todas as correntes políticas, sabido que a ação desenvolvida no Parlamento, pelo Dr. Manoel Severiano Nunes, não foi apenas de caráter partidário, mas, sim, e principalmente, em favor do Amazonas. A sua voz se fez erguer sempre, com energia e com decisão, quando, foi necessário protestar contra a manutenção dos territórios que a ditadura nos levou, quando, foi preciso reclamar o direito assegurado na Constituição pela valorização da Amazônia; quando, em nome dos supremos interesses da região, se fez oportuno lutar pela melhoria do sistema de transportes, marítimos e aéreos, para estas plagas. Pode-se dizer, pois, sem prejuízo do conceito que se há de fazer dos demais componentes da bancada amazonense, toda ela brilhante, que o parlamentar que logo mais pisará de novo as ruas de Manaus, portou-se dignamente, bravamente, correspondendo de modo absoluto, os desejos, os anseios e as esperanças dos que o levaram, pelo seu voto livre, à Câmara Federal. A chegada de um político, porém, dá ensejo sempre a que considerações de toda sorte sejam traçadas em torno da sua conduta futura. Que pretenderá o Dr. Manoel Severiano Nunes? Temos, como meros observadores dos fenômenos políticos do momento, que não será difícil responder. A nosso ver, o chefe udenista do Amazonas, fiel aos seus compromissos, dentro do espírito de pacificação que anime a U.D.N. no seu propósito de não criar maiores embaraços ao honrado governo do general Eurico Dutra, cuidará de lançar as sementes da coalisão na planície. Tentará, certamente sem quebra dos princípios que são a razão da sua luta, a formação de um bloco único, do qual sairão, dentro da maior harmonia, os candidatos ao Senado, à Câmara, à Assembleia Estadual. Desde que isso não seja possível, procurará, é o que se presume, uma fusão capaz de garantir ao Amazonas a renovação, pelo menos, dos seus quadros governamentais, pela participação na nau do Estado de elementos até então postos à margem pelos detentores do poder. E se isso não for ainda cabível, certos estamos de que o deputado Manoel Severiano Nunes, depois da explicação que se tornará necessária ao eleitorado, retornará a porfia, sob a bandeira da UDN marchando, então, com os demais partidos, para as urnas, onde a democracia será de novo revigorada pela disputa que se há de ferir, pela oportunidade que será dada ao eleitorado de outra vez escolher, livremente, os candidatos da sua predileção. Pena é que não possamos ter, dentro em breve, no Amazonas, também a figura simpática de Álvaro Maia, nome respeitado, outro amazonense pela sua terra, outro lutador, cuja palavra é sempre um motivo de agrado ainda mesmo para os seus adversários. A estratégia política, porém, ao que tudo indica,

recomenda, desta vez, a sua ausência do campo da luta...Outro líder, igualmente querido, todavia, teremos, em breve, no rincão amado: Leopoldo Neves, deputado eleito pelo Partido Trabalhista e seu candidato ao governo do Estado. De modo que agora, segundo tudo indica, a coisa vai mesmo. A não ser que...Sim, porque os que procuram nos diários da cidade ler e interpretar os telegramas que de qualquer modo dizem algo sobre a situação política nacional, hão de ter considerado, com a necessária cautela, um despacho que nos fala da possibilidade de não ver votado este ano, o Orçamento da República, pela falta de número de deputados no Parlamento. Acrescenta o telegrama que o orçamento precisa estar concluído até o dia 15 de Novembro, segundo prevê a Constituição. Não será essa notícia, essa razão, ponderável na verdade, a preparação de terreno para que as eleições estaduais sejam adiadas? Parece-nos que sim, embora não tenhamos elementos para adiantar qualquer coisa a respeito, até porque a nossa opinião não passa de um ponto de vista individual. E no caso de as eleições serem adiadas? De novo teríamos, no terreno das cogitações pessedistas, com toda segurança, o nome do Dr. Ruy Araújo, que se viu afastado da liça por exigência de formalidades legais que seriam então destruídas! Em política tudo é possível, na verdade. Cuidemos, porém, de ouvir, ainda hoje, a palavra do deputado Manoel Severiano Nunes. Ele deve trazer novidades. Muitas mesmo. Vem da cidade mais linda do mundo!

sexta-feira, 1º de novembro

Dias quentes, muito quentes mesmo, em que a chuva finge que vem mas não vem. O serviço de águas, a despeito dos esforços desenvolvidos pelos seus funcionários, a despeito da assistência direta que lhe vem sendo dada pelo tenente coronel Syzeno Sarmento, continua falhando. Os reparos, grandes aliás, a que vai sendo sujeito o bombeamento, exigem, de fato, novos sacrifícios. E como nós nascemos para sofrer...Tivemos, todavia, a partir de anteontem, melhorada a luz. A "outra" máquina — porque a Tramways — entrou em ação. Ao que tudo indica, porém, não teremos essa boa iluminação durante muitos dias, já que, segundo nos foi ontem informado, a empresa começa a preocupar-se, seriamente, com a falta de lenha, que de novo se está agravando. Parece macumba até. Quando há lenha, uma das máquinas nega fogo. Quando ambas estão em condições de trabalho, o combustível escasseia. Indiscutivelmente, nessa questão de fornecimento de água e luz, queiram ou não acreditar os céticos, há coisa feita. E da preta... Coisa, por certo, que só a morte dará jeito. E por falar em morte...Os nossos olhos se fixaram, na manhã de ontem, com maior atenção, numa lacônica notícia estampada pelo O Jornal. Aludida ela ao registro de falecimento em nossa capital. E se via, então, que os quatro óbitos ocorridos nas últimas vinte e quatro horas correspondiam a quatro crianças, de 15 meses, uma; de 8 ditos, outra; as duas mais, recém-nascidas. Nós, que ainda estamos a ouvir os ecos do belíssimo movimento em que se constituiu, entre nós, este ano, a Semana da Criança, ficamos alarmados, boquiabertos, abafados mesmo. Como morrem menores em nosso meio! E recordamos, então, que ainda não há muito, ao acompanharmos um morto querido até o Campo Santo, tivemos ensejo de observar que nas proximidades da nova sepultura se viam cinco outras recentes, daquele mesmo dia. Todas de crianças. E concluímos agora que aquilo não tinha sido uma exceção. Era uma regra. Uma regra dolorosa e profundamente lamentável. Crianças a morrer à míngua...Crianças a sucumbir ao castigo das mais diversas endemias...Crianças, razões de tantas esperanças sempre, motivos imensos de tantas alegrias, fruto de tanto zelo e de tanto sacrifício, a desaparecerem, assim, aos punhados... Tudo isso é profundamente doloroso. Tudo isso constrange. Tudo isso apavora. Melhor seria que os nossos sentidos não tivessem sido conduzidos a esse exame. Que fosse possível o conservarmo-nos à distância de tanta tristeza, de tanta miséria. Mas a nossa consciência brada que todos somos um pouco culpados pelo que vem ocorrendo. Todos os que integramos, como operários ou como funcionários, como intelectuais ou como industriais, como caixeiros ou como banqueiros, a sociedade que é, em última análise, a grande responsável por tudo quanto ocorre. As leis de proteção e de amparo à infância, ditadas embora com a melhor das intenções, são na prática, como se tem observado, um verdadeiro fracasso. A nossa grande falha nesse particular começa pelo fato de não termos procurado combater o mal pela raiz. É justo, justíssimo, que os noivos cuidem, antes do matrimônio, de ouvir o padre que lhes há de curar a alma. Justo é também que as futuras mães ouçam das suas mães toda sorte de conselhos, de ordem psicológica até, para evitar arrufos e decepções que são sempre a grande causa dos casamentos infelizes. Lógico seria, porém sensato

e prudente, que noivo e noiva fossem submetidos, meses antes do casamento, a rigorosos exames médicos, para que se pudessem tratar convenientemente, ainda que mesmo depois de unidos pelas leis de Deus e dos homens. Não seria necessário, para tanto, a obrigatoriedade do exame pré-nupcial. Seria essa exigência, o que se tornaria muito mais belo e muito mais valioso, um ato espontâneo, determinado pela vontade que todos devemos ter de concorrer para a grandeza da Pátria, para o fortalecimento da raça, e também para o bem estar da família, com uma prole numerosa. Não seria isso o bastante, é claro. O Estado e instituições particulares haveriam de continuar com os seus programas de assistência aos menores. Com o seu trabalho em favor da felicidade da criança brasileira. Mas seria, inegavelmente, uma grande ajuda na luta contra a mortalidade infantil. E temos certeza de que as despesas com essa missão, a de defender a criança, seria bem menor e muito mais eficiente, se o governo tivesse o cuidado de organizar postos de assistência e tratamento para os futuros papais e para as futuras mamães pobres. Façamos, porém, pelo amor de Deus, desde logo, alguma coisa em favor da nossa petizada doente e abandonada. Ou estaremos assistindo como que o desaparecimento da própria nação...

sábado, 2 de novembro

Cobrem-se de luto no dia hoje os nossos corações. Os nossos olhos se fixam no infinito e sentem que um manto escuro cai sobre toda a natureza. Finados! O grito álacre da mocidade cessa como que por encanto nas praças de esporte. Os navios não trafegam. Dos trens não são ouvidos os ruídos característicos. As fábricas estancam. Os automóveis passam silenciosos. Portas fechadas, no comércio e nas repartições. Há realmente, neste dia, um entendimento coletivo de tristeza e de saudade. Há de fato, nesta data, um acordo geral, de mágoa e de queixumes. Para os cemitérios se voltam, então, as nossas atenções. Todas elas. Para os mortos as nossas lembranças mais caras. São amigos, são parentes, são pedaços da nossa alma e da nossa existência, que repousam ali, no Campo Santo, no segredo impenetrável dos túmulos, no mistério indecifrável da morte. Somos forçados a meditar. Somos levados a recordar. Aqueles que ainda ontem eram a razão de tantas das nossas alegrias, aqueles que ainda ontem, nossos pais, nossos irmãos, nossos filhos, nossos amigos, eles que eram o motivo máximo de entusiasmo que nos conduzia à luta pela vitória dos ideais que animam os nossos propósitos, são hoje apenas a saudade imensa que nos martiriza, a lembrança contínua que faz com que confiamos tão pouco em nós mesmos. Como bom seria, como seria magnífico, se tivéssemos a certeza, que seria tudo, de que eles não morreram, de que eles não voltaram inteiramente ao pó que os originou, de que eles ainda permanecem donos dos seus sentidos, juntos de nós, a vigiar-nos, a acompanhar os nossos passos, a proteger mesmo a nossa existência. A incerteza, porém, não nos abandona. Eles morreram sim. Não nos pertencem mais. Não mais poderão ser invocados nem chamados à comunhão dos vivos. Cabe-nos a nós, isto sim, o dever, que há de ser sempre grato, de manter vivas, na nossa memória, na memória de todos quantos se possam beneficiar com os exemplos dos que tombaram vencidos pela fragilidade do barro em que somos plasmados, a figura querida dos nossos queridos mortos. A figura amada, daqueles que em vida tanto amamos. Caminhemos até o Cemitério. Fiquemos postado, numa atitude de devoção profunda, diante as sepulturas que são os símbolos materiais de uma existência que pertence hoje apenas ao domínio do pensamento. Rezemos. Elevemos as nossas palavras até o Céu. Os mortos pertencem a Deus. Os mortos pertencem ao reino que há de estar sempre muito além das possibilidades do alcance da penetração dos vivos. As nossas mensagens de fé e de gratidão, dirigidas a Deus, hão de ser sempre as únicas mensagens por meio das quais haveremos de poder levar as manifestações dos nossos sentimentos até aqueles cuja memoria reverenciamos hoje. Flores, velas, legendas de saudades e de tristezas. Morreu cercado do carinho e do afeto dos seus filhos... Pereceu amparado pela graça do Céu... Tombou vítima da traição maquiavélica de um mau. Desapareceu em consequência de lamentável desastre... São as últimas palavras dos que puderam testemunhar, de qualquer modo, o desenlace infeliz de criatura adorada...Mas são, também, os contrastes a demonstrar como diversa é sempre a sorte de todos nós...Até mesmo na hora derradeira da vida... Tanto por tão pouco... Sim, tanta luta, tanta ilusão, tanta porfia, tão grande contingente de interesses de toda sorte, para acabar tudo ali. No abandono dos cemitérios... Na tristeza das tumbas...

Na solidão interminável dos túmulos. E as nossas orações, forçosamente, hão de tomar outro rumo, hão de projetar-se, inspiradas pelas observações que o cemitério determina, até os que nos cercam, até os que vivem conosco na faina de todos os dias, até os que fazem do ódio e da inveja, da ambição e do rancor, os esteios da sua existência; até os que, maus e perversos, traindo a própria vontade de Deus, não perdem ensejo, menor que seja, para agredir e insultar os que ontem lhes abriram as portas da vitória, os que lhes ampararam, os que lhes perdoaram na certeza de que não eram maus e sim enfermos... E as nossas orações se voltam, de novo, com maior ardor, a Deus. Para pedir que o Criador, neste dia de Finados, nesta hora de saudade, neste momento de perdão, neste instante de reconhecimento, faça com que eles, os maus, vivam o bastante, para que possam aprender a ser bons, para que se possam curar, para que ao morrerem possam ter também, neste dia dois de Novembro, não apenas a nossa piedade, mas, também, a nossa homenagem de gratas recordações.

domingo, 3 de novembro

Depois da visita aos mortos queridos, a cidade volta a sua vida normal, para sentir, em toda a sua pujança, as possíveis alegrias de um domingo que poderia ser realmente mais festivo, mais risonho, mais compensador aos esforços e as lutas de um povo bom e amigo, cujo único grande erro terá sido sempre confiar demais nos que fazem questão de não compreende-lo. O Parque Dez de Novembro, a mais linda piscina do Brasil, recanto capaz de se constituir num verdadeiro centro de diversões para velhos, para jovens, para crianças também, continua muito aquém de refletir as suas magnificas condições. Quase abandonado, tem vida ainda por força da concorrência obrigatória de uma dezena de banhistas que não mede obstáculos para gozar o banho domingueiro... Que se sujeita, para tanto, a toda sorte de sacrifícios, de canseiras e de despesas. E com um pouco de boa vontade, com um pouco de decisão, a Prefeitura bem que poderia fazer com que o balneário baré voltasse ao menos aos bons tempos em que mereceu o carinho da emissora local e a assistência moral do prefeito Couto Vale. Com muita música, com o seu bar improvisado, com um policiamento regularmente organizado, o Parque era, na verdade, àquele tempo, o passeio predileto da cidade. Faltavam meios de transporte. Uma linha de bonde, de ônibus, ou mesmo lotação... Isso nunca chegou a ser feito. Fatores outros concorreram também para que a música se mudasse dali... O Parque passou a ser então lugar deserto, contra cujo estado de coisas a própria população começa a reagir. Como toda gente sabe, estamos nós, com a ajuda de um punhado de bons amazonenses pelo coração e pelo nascimento, cuidando de montar possante difusora. Logo que ela esteja em funcionamento, no próximo ano, música em larga escala, será levada ao Parque Dez de Novembro. Aos domingos, aos sábados de tarde, aos feriados também. Até lá porém... Mas a vida é assim mesmo. O nosso esporte, também, continua muito sem animação. Muito sem sangue. Muito sem coragem. Os esforços do Dr. Menandro Tapajós, que permitiram que Manaus tivesse um estádio a altura do seu progresso, não vem sendo correspondidos, ao que se observa, pela maioria dos nossos desportistas. A política é, na verdade, uma coisa interessante. Que apaixona e empolga. Que dá muito que pensar e muito mais ainda que fazer. Não deve ela, todavia, permitir que outras atividades sociais, notadamente da importância do esporte pereçam a falta de interesse e de apoio dos responsáveis pelos destinos da nossa terra. E responsáveis não são, no caso, os que eventualmente nos governam. Mas sim os que orientam a nossa vida social, os que são os comandantes, por força da sua projeção e da sua influência dos nossos clubes, da nossa vida de cidade que faz questão de acompanhar o desenvolvimento da civilização em todos os seus setores. Perdemos para o Pará. Essa derrota, mesmo nas condições em que se deu, parece ter feito com que gostemos menos do futebol. Perdemos do Pará por isso mesmo. Porque tivemos parados um tempo enorme, desaprendemos, e quisemos, no dia do jogo, cobrir falhas técnicas com o entusiasmo e a fibra dos nossos rapazes. O que fizemos foi na verdade um milagre. Enfrentamos um adversário que vinha treinando o ano inteiro e cedemos, apenas, na prorrogação, quando o ardor dos nossos estava vencido pela série, que parecia interminável, de manifestações de indisciplina

dos visitantes. Urge que não abandonemos a pelota. Que instituamos que atraiam o público; que saibamos manter acesa a chama do nosso entusiasmo esportivo, já que isso fala muito alto da capacidade de luta da nossa gente. Mas os domingos continuam passando, assim, sem atender aos desejos do povo. De noite os cinemas. Bons filmes na verdade. Grande esforço dispendido pelos proprietários das nossas casas de diversões. Não temos porém, ainda, infelizmente, um cinema capaz de corresponder à predileção dos habitantes de Manaus pelo celuloide. Falta iniciativa, certamente. Falta capital. Falta ainda a ajuda dos poderes públicos que precisavam considerar a importância enorme dos divertimentos no clima psicológico de um povo cansado de sofrer. Devemos falar também das missas domingueiras. Os nossos templos nos têm parecido menos frequentados. E embora possa ser julgada absurda a nossa conclusão, diremos também que é por falta de atração. Todos, em regra, se julgam suficientemente esclarecidos quanto às coisas da igreja. Quanto aos seus deveres para com Deus. E alegam preferir rezar em casa. Não o fazem regularmente. A religião vai sofrendo reveses e o materialismo destruidor vai conquistando adeptos. Urge a nosso ver, que o chefe da nossa igreja, faça em Manaus, como deve ser feito em todo o Brasil. A igreja precisa de pregadores ilustrados. De sacerdotes capazes de convencer pela argumentação destruidora dos argumentos adversários. Não bastam, hoje, em meio a corrupção reinante, as simples orações. A repetição apenas dos fatos bíblicos. Necessário é que a luta da Igreja evolua. Que ela possa estender-se, pelos seus oradores, à Praça Publica, às fabricas, conduzindo a massa para a Casa de Deus, onde pregadores sacros outros a manterá firme, a manterá voltada para as palavras, para as sábias palavras do bem, na sua porfia contra o mal.

terça-feira, 5 de novembro

A despeito do seu grande número de dias santificados e de feriados também, a semana que passou não se fez notar por grandes acontecimentos. Vivemos em Manaus mais sete dias com pouca água, pouca carne e pouca luz. Do Rio de Janeiro, porém, nos chegou, para nós particularmente, uma notícia imensamente triste: a morte brutal do advogado Lauro Fontoura. Tivemos o ensejo de fazê-lo nosso amigo durante o ano em que servimos, na Polícia Civil do Distrito Federal, na administração honrada do cel. Alcides Etchegoyen, desse militar ilustre cuja vida no Exército tem sido uma sequência belíssima de serviços prestados ao Brasil e ao regímen. Apareceu-nos Lauro Fontoura, pela primeira vez numa manhã de domingo, com o propósito de visitar determinado capitão nazista. Ora, para nós que conhecíamos Lauro Fontoura pela sua tradição esquerdista, graças ao que dele dizia o noticiário da capital, a surpresa não poderia ser maior. Mas o senhor não é o ex-capitão Lauro Fontoura, expulso do Exército por força da revolução vermelha? A resposta não se fez esperar. Sou eu mesmo, por que? E pretendo agora avistar-se com um agente totalitário, com um dos responsáveis pelo torpedeamento dos navios brasileiros? Perfeitamente. Sou advogado, considerado morto para o exército, tenho de trabalhar para viver. Se eu aparecesse aqui defendendo comunistas, seria considerado suspeito. Voltaria, possivelmente, para a prisão, como fui ameaçado durante o tempo do capitão Filinto Muller. Mas estou defendendo os meus inimigos, estou dando a assistência de lei a homens que são de certo modo responsáveis pelo que me ocorreu comigo. Que fazer? Preciso trabalhar, já disse: preciso educar as minhas filhas, grande razão da minha luta incessante, da luta que me tem levado, posso dizer, ao desespero. E desde então passamos nós a simpatizar com o dr. Lauro Fontoura. Passamos mesmo, para que negar, a facilitar, na medida do possível, ali dentro da Central de Polícia, a sua missão de advogado. Agora, uma notícia imensamente trágica, nos veio contar que o nosso amigo foi brutalmente assassinado por um rapaz que namorava a mais jovem das suas filhas, de 14 anos apenas. Não concordava o Dr. Lauro Fontoura, com a sua larga experiência dos homens e do mundo, com aquele amor. Não o considerava capaz de completar a felicidade da jovem por quem ele tanto sofrera...Não foi compreendido na sua paixão de pai. Nem mesmo pela filha talvez...E tombou atingido mortalmente por quatro balas de revólver, num gemido de dor que foi o seu derradeiro protesto...Coitado do nosso prezado amigo. O seu amor de pai dedicadíssimo, custou-lhe a vida numa última tentativa, por certo, para assegurar o bem estar da filha mais querida. Desejava que ela completasse os seus estudos...Que se fizesse, conscientemente, mulher...Que aprendesse a conhecer melhor a maldade humana...Que não caísse, desde logo, na inexperiência dos seus 14 anos, nos braços da grande caminhada que é o matrimônio, se é que esse era mesmo o desejo do rapaz que cortejava a filha do inditoso Lauro Fontoura. E ainda nos lembramos perfeitamente das suas expressões de afeto para com os seus: "Meu velho, eu aprendi na prisão muito mais do que no Exército, muito mais do que na Escola, muito mais do que na faina diária: eu aprendi que a família é tudo. Não imagina você o meu sofrimento. Sem notícias. Na certeza de que acabaria por saber que os meus estavam mortos. Que me

haviam esquecido...Meu velho, eu jamais me meterei noutra". Nesse particular, aliás, ele cumpriu, também, a sua promessa. Parece que ainda estamos a vê-lo. Sempre em atividade. Com a sua inseparável pasta, quase calvo, cabeça chata, rosto largo, testa imensa. Lá vinha o advogado dos nazistas, a dizer o diabo deles, mas a defende-los na forma da lei...Ganhou mesmo, nesse mister, algum dinheiro. Vivia com certo conforto. E pilheriando, dizia, às vezes, que, "eles estavam pagando em dobro aquilo que lhes haviam furtado". Referia-se, é claro, à sua carreira militar. Mas Lauro Fontoura morreu. O seu corpo caiu pesadamente ao chão e ele terá pensando, no instante derradeiro da sus atribulada existência, em poder ficar sempre, feito cadáver, entre a sua filha e o conquistador do seu coração ingênuo. Como um protesto e como um obstáculo. Pobre pai...Foi esse o seu prêmio, a sua recompensa, a sua sina. Uma vida toda de sacrifícios, de noites perdidas, de trabalho ininterrupto, uma vida inteira de sofrimento por amor das filhas, para que uma delas fosse a causadora da sua morte de modo tão estúpido quanto injustificável. Pobre pai, sim. Quanta dor, quanta mágoa, que martírio não foi, aquele derradeiro minuto de sua vida!

quarta-feira, 6 de novembro

Dissemos, não há muito, numa crônica nestas colunas, que o hotel que se pretendia construir para Manaus não seria jamais uma realidade. Pelo menos dentro do critério que vinha sendo seguido. Como se sabe, esta ideia, a da construção de um hotel capaz de poder hospedar os muitos viajantes que passam pela nossa capital todos os dias, é velha. Tem muito mais que dois anos. Mas... O hotel iria ser construído na Avenida Getúlio Vargas, o terreno foi comprado. Planos foram traçados. Na hora decisiva, porém, provado ficou que o local não era conveniente, já que a galeria do edifício, ali, não poderia ser explorada comercialmente. Passaram-se as semanas e de novo o assunto veio à discussão. A prefeitura apressou-se em doar uma praça para que o hotel fosse erguido. E essa praça, contra o espirito da própria lei, foi doada. Mais tarde, porém, chegou-se à conclusão de que o ponto visado também não servia. Muito escuro, muito úmido, muito qualquer coisa mais. A luta pelo hotel, todavia, continuava. Foi agitada no seio da Associação Comercial, de novo, pelo Dr. Jaime Araújo. Uma Assembleia Geral do poderoso órgão resolveria o problema definitivamente. Foi realizado o conclave. Ele seria construído, sem perda de tempo, na Praça da Matriz. Um empréstimo de doze milhões de cruzeiros seria a razão da materialização do antigo projeto. A esta altura teve o Amazonas novo interventor. A grita contra mais esse local escolhido aumentou. Atendendo as razões apresentadas, o coronel Syzeno Sarmento prontificou-se a arranjar outro terreno. O Dr. Jaime Araújo lavou as mãos. A coisa encrencou, então, mais uma vez... E está nesse pé. Estamos nesse hotel. Temos perdido em consequência a visita de figuras importantes do comercio e da indústria do Brasil e da América. Porque a nossa fama de cidade sem um estabelecimento do gênero, em condições, está muito longe. Que fazer? Para quem mais apelar? Há três anos lutamos, como jornalistas, por essa realização, que se nos afigura de uma importância incalculável. Infelizmente, porém, as nossas armas são o papel e a pena... Para o ano talvez que o problema volte a ser movimentado. Para dar-nos a esperança, mais uma aliás, da sua possível concretização. Ao que tudo indica, porém, somos levados acreditar em determinada informação que nos foi dada, de certa feita, por conhecido homem de negócios. Segundo ele, poderosas razões e poderosas forças agiam na calada contra a construção do hotel de Manaus. Daí o fracasso de todas as iniciativas em seu favor. Não nos revelou, porém, detalhes a respeito. Nem a nós nem ao Dr. Álvaro Bandeira de Melo que assistia a conversa. O Dr. Álvaro Bandeira de Melo, aliás, se encontra, agora, em face do afastamento do Dr. Jaime Araújo, na presidência da Associação Comercial do Amazonas. E como esse dinâmico comerciante, um dos legítimos valores do mundo comercial do Amazonas, foi sempre partidário apaixonado da conquista do hotel, possível é, que se lance em mais uma tentativa em favor desse seu desejo, que se identifica, perfeitamente, com os superiores interesses do Estado. Como é possível, também, que se volte para o seu amigo e procure saber, em pormenores, quais as origens e as razões das misteriosas forças que conspiram contra um melhoramento cujos efeitos são tantos e tão importantes, que não permitem e não e não comportam discussões, que não admitem nem justificam discrepâncias. A não ser que ... Confiamos, pois, ainda uma vez, na capacidade e

no espírito de luta do Dr. Álvaro Bandeira de Melo, desejosos de vê-lo vitorioso nessa dificílima jornada pela construção de um hotel a para nossa cidade. De um hotel que nos permita receber quantos, por motivos de negócio, por motivos políticos, por motivo mesmo de simples curiosidade, pretendam conhecer a mimosa capital do Amazonas. Que dirão os moços, amanhã, quando souberem que os seus pais, quando souberem que os que têm hoje, nas suas mãos, os destinos econômicos do Amazonas, foram derrotados na tarefa de dar à sua terra natal esses melhoramentos. Faliram no propósito, que não pode ser afinal um bicho de sete cabeças, de dotar a cidade dos seus filhos, de um hotel como tantos outros existem nas demais capitais, desde o Rio Grande do Sul até Belém. Que juízo farão mesmo, de todos nós, que nos apresentamos ao povo como capazes de resolver os grandes problemas da água, da luz, dos transportes, os grandes e trágicos problemas do interior, se nos engasgamos de modo tão lamentável, com a espinha em que se transformou o hotel? Não é possível, absolutamente, que os que tomaram a si o compromisso de saldar essa velha dívida com Manaus, desertem do campo vencidos. Seria profundamente lamentável e, sinceramente, inexplicável.

quinta-feira, 7 de novembro

Embora o noticiário dos jornais não venha dando a perceber ao público o que realmente se passa nos bastidores políticos, a verdade manda que se diga que estamos vivendo em Manaus, nestes primeiros dias de novembro, fases bastantes agitadas da vida partidária do Amazonas, nos seus preparativos para a grande jornada que se aproxima. Há dentro de cada uma das nossas facções um punhado de problemas domésticos, que tanto podem ser resolvidos na maior harmonia, como também podem ser razão e causa de deserções lamentáveis...Há dentro de cada uma das nossas entidades partidárias, a certeza de que ninguém poderá ir só para a refrega de janeiro. E que governo que sair de uma batalha de forças isoladas, não se sentirá suficientemente forte e suficientemente aparelhado, na Assembleia Legislativa, para dar boa conta da sua tarefa. Ao que tudo indica, a União Democrática Nacional, sob a orientação do seu chefe supremo, Dr. Manoel Severiano Nunes e o Partido Trabalhista Brasileiro do Amazonas, comandado pelo seu presidente Dr. Vivaldo Lima, unir-se-ão para a batalha do Estado. Essa união, porém, significará que a missão conciliatória do tenente-coronel Syzeno Sarmento está finda. Que não foi possível unir a família amazonense em torno de um punhado de homens reconhecidamente capazes de atender a todos. Como poderia, porém o tenente-coronel Syzeno Sarmento dar-se por satisfeito com os resultados dos seus trabalhos conciliatórios, se eles, na realidade, ao que nos parece, não foram ainda devidamente examinados pelas partes diretamente interessadas! Daí, por certo o fato de ter o deputado Manoel Severiano Nunes, cujos propósitos de paz e de união todos aplaudimos, adiado sua viagem. A União Democrática Nacional e o Partido Trabalhista do Amazonas, que significam, juntos, a julgar-se pela última eleição, única prova que possuímos, aliás, nesse particular, a força mais expressiva do nosso eleitorado, são pela concórdia. Caminham espontaneamente para esse terreno. E o Partido Social Democrático, onde militam tantos valores, onde se aninha força tão ponderável, que dirá? O presidente do diretório local, Dr. Flávio de Castro, sempre que interrogado a respeito, sustenta que o seu partido, aqui em Manaus, não foi consultado sobre qualquer acordo. Ninguém ignora, porém, que o Dr. Álvaro Maia já foi por diversas vezes, abordado sobre o palpitante assunto. De início era inteiramente pelos entendimentos. Depois...Mudou totalmente de propósito. Tanto que preferiu ficar lá pelo Rio de Janeiro mesmo. Nas últimas horas, porém, passou a correr na cidade a notícia de que o antigo interventor teria rompido com dois elementos da bancada pessedista: deputado Pereira da Silva e senador Waldemar Pedrosa. E que estava de viagem marcada para a gleba, com o fim de tomar aqui uma atitude francamente revolucionária. Os fatos começaram, então, a ser vistos por outro prisma. Com quem ficará o Dr. Álvaro Maia? Ou tudo não terá passado de um simples balão de ensaio, lançado com o fito único de tentar afastar a candidatura do Dr. Ruy Araújo, para que "tudo", dentro do P.S.D., se harmonize em torno do senhor Cosme Ferreira ou, em último caso, do Sr. Waldemar Pedrosa? Ninguém poderá responder com segurança, até porque o culto e inteligente autor de a "Canção de Fé e Esperança", não permite nunca que se lhe penetre nos pensamentos e nos propósitos individuais. De modo que a

situação política, no nosso Amazonas, é o tipo acabado da coisa incerta... Os partidos poderão estar hoje juntos e amanhã separados...Elementos há, que por me dá cá uma palha, mostram-se dispostos a tomar rumos outros... Lutas internas e lutas conjuntas. Como corre em regra, sempre, em todos os aglomerados de homens. E de mulheres também, é claro. A nossa impressão, porém, é, sinceramente, a de que o coronel Syzeno Sarmento, acabará por convencer-se, em breve, da impossibilidade de uma coalisão geral. Há duas grandes intransigências em dois grandes partidos...Uma só corrente se tem revelado até agora, de fato em condições capazes de poder estender a mão ao adversário de ontem, e abraçá-lo fraternalmente, pelo bem do Amazonas. Em todo caso, os nossos votos, com o pensamento em Deus, são para que a missão imposta pelo patriotismo do herói de Monte Castelo se cubra de novas glórias, estas, particularmente, da terra que se honra de tê-lo como seu filho e seu guia. Esperemos, pois, um pouco mais. A esperança...É isso mesmo. Morre sempre por último. E às vezes não morre nunca.

sexta-feira, 8 de novembro

A luta pela conquista de melhores salários continua em toda a sua plenitude. A despeito da relativa parada que se vem observando no custo dos chamados gêneros de primeira necessidade, muita gente há que não tendo sido beneficiada pelos reajustamentos já feitos, reclama, agora, com razão, aumento de vencimentos. Surge em meio os que não foram ainda amparados, as operárias das nossas fábricas e até mesmo algumas operárias do Estado. Nada mais justo, nada mais humano, que se ampare, desde logo, os que se encontram nessa situação de tão acentuada inferioridade econômica. Um outro aspecto, ainda existe, porém, que reclama imediata atenção, mas reclama mesmo, de fato, e exige também, pela sua importância, essa atenção dos responsáveis pelo governo do Amazonas. Queremos aludir ao funcionamento, em regra mal pago, pessimamente pago. Com vencimentos que podem ser classificados como ridículos, os servidores do Estado vivem uma existência que pode ser chamada de humilhante. Porque, não é difícil verificar que um chefe se secção ganha hoje, nas repartições estaduais, o ordenado pago a um chauffeur dos carros de luxo da cidade. Um escriturário ganha o que vence, e se houver diferença há de ser muito pequena, um caixeiro que se inicia no mister. Ora, com fome, com a certeza de que os seus estão sofrendo privações, sem poder vestir-se decentemente, sem poder ter vida social, que existência, na verdade, pode levar um homem nessas condições, senão vida de mendigo envergonhado, pobre que precisa de pedir, mas que não tem coragem para fazê-lo, preferindo definhar-se, moral e fisicamente, como tantas vezes tem ocorrido, no silêncio do seu martírio, na agonia da sua aflição. Num ambiente desses acresce ainda essa circunstância, como pretende-se que os servidores burocráticos tenham marcha rápida e moral? Como admitir-se esses nossos irmãos, a não ser por um excesso de boa vontade e de renúncia, tratam as partes com a lhaneza que a função pública exige? E se essa é a situação dos que permanecem nas repartições, muito mais dramática é ainda a dos que se aposentaram, dos que foram reformados, dos que se acham inativos por força da idade ou de enfermidade que os tenha incompatibilizado para o serviço. A história do funcionalismo público no nosso Estado, tem sido sempre, aliás, uma história que pode ser classificada como pungente. Tempo houve que esses mesmos ordenados, os que foram fixados num passado distante, não eram sequer pagos...As coisas teriam melhorado se o nível de vida não tivesse subido tanto. Se os vencimentos do funcionalismo estadual não estivessem marcando passo...Se não tivesse caído tanto, em face da alta das utilidades, a ponto de ficarem, no que alude aos funcionários de alta categoria, muito aquém do que percebem os contínuos e porteiros dos nossos Ministérios. O funcionalismo público do Amazonas esperou uma melhoria de sorte do último dia 28 de outubro. Ela não veio. Ele continua, pois, passando fome, sofrendo privações, humilhado pelo contraste que vê entre a sua vida de homem de responsabilidade definida e o dos que tiveram a sorte de ser apenas especializadas num ofício...Vem aí as eleições. Vamos ter novos governantes. Nada mais justo que os candidatos preparassem antes do pleito as suas plataformas. E nelas fizessem constar, para que fosse tornado numa realidade, o reajustamento que se impõe em favor do servidor do Estado. Que as nossas

repartições não fossem ninhos de afilhados nem agasalho de protegidos. Mas que os funcionários, os seus esteios, o quadro realmente necessário e útil, pudesse ser bem pago, pudesse sem compensado na razão direta da sua produção e do seu rendimento. O funcionário público não faz greves. Não funda sindicatos. Não pode valer-se do salário mínimo. Negadas lhe são quase todas as regalias concedidas aos que trabalham no comércio e na indústria, nos bancos e nos escritórios. Dele muita pouca gente se lembra, quando se trata de fazer-lhe justiça. Daí o temor chegado, no Amazonas, ao estado em que chegamos. De pobreza coletiva. De falta de amparo. De esquecimento. Os próprios diretores de serviço, percebem vencimentos irrisórios. Que faz com que vivam a esconder-se das oportunidades que possam provocar-lhes maiores despesas. Que faz com que se retraiam, evitando toda sorte de festas e de reuniões. A nossa passagem por uma das repartições do Estado é um acidente da rápida duração. Não falamos, pois, em causa própria. Ela nos tem servido, porém, para que observemos melhor o problema. Para que o sintamos na nossa própria pele. Para que possamos falar com pleno conhecimento de causa. O funcionário público do Amazonas tem mesmo a sua história de tristezas, de fome, de lágrimas.

sábado, 9 de novembro

Não é de hoje que protestamos, pela imprensa e pelo rádio, contra o excessivo abuso, na cidade de Manaus, do porte de armas proibidas. De certa feita, aliás, a nossa companha chegou a merecer a atenção das autoridades policiais, tanto que foi ordenada severa batida no sentido de apreender todos os instrumentos do gênero, encontrados em poder dos pacatos cavalheiros que transitam pelas nossas ruas. A campanha não durou muito, todavia, e nós chegamos a achar mais prudente tratar de aconselhar a população para que se armasse toda ela. O que era perigoso era exceção, farta aliás, que se observava. A regra seria um mal generalizado. E mal de todos... Não se sabe ao certo por que motivo a repressão ao uso de revolveres e facas teve tão curta duração. Presume-se, porém, que ela parou quando um agente mais afoito" esbarrou com um dos nossos "importantes", cujas únicas credenciais residem sempre no fato de terem algum dinheiro ou papéis influentes... Nos últimos tempos, Manaus vem sendo palco de cenas profundamente lamentáveis. Excessos de engraçados que se embriagam para perturbar a paz alheia e excesso de zangados que, por dá cá uma palha, tome bala... E com atiram mal.... Atingidos tem sido, em regra, ou pelo menos ameaçados, os que nada têm com o peixe. Nem mesmo com o dono da lancha... Estamos lendo, porém, agora, no "Diário Oficial", uma portaria do zeloso e criterioso delegado auxiliar, Dr. Paulo Pinto Nery, em que aquela autoridade exige a apresentação, dentro de 48 horas, de todos os portadores de licenças especiais para uso de "maquinas de fazer defunto" e similares. Temos a impressão de que o jovem delegado pretende fazer uma revisão dos privilégios concedidos nesse particular, a fim de deixar de pé apenas as licenças que tenham realmente apoio na lei e no bom senso. Digno de todos os louvores mais esse gesto, Dr. Paulo Pinto Nery. Certos estamos, porém, de que aquela autoridade não se alimentará a essa atitude, de si só já bastante proveitosa. Uma vez a par do volume legal das licenças para uso de armas, determinará, com toda certeza, sem restrições de qualquer espécie, combate decisivo aos infratores da lei, prendendo e processando todos quantos forem encontrados com armas. Só, assim, poderá Manaus, capital civilizada que agasalha em seu solo uma população amiga da ordem e do trabalho, continuar no seu ritmo normal. Urge, porém, que as nossas autoridades militares, colaborem também, decisivamente, nesse serviço, não permitindo que militares valham-se das suas condições para andarem armados nos seus passeios, em trajes civis, especialmente à noite. Ora, um homem que deixa a sua casa com destino ao trabalho e se arma antes... Um cavalheiro que se dirige para uma festa, mas não o faz sem ter em seu poder um revolver... Desde que não estejam ameaçados de morte, desde que não se dirijam a uma missão especialíssima em favor do Estado e da Justiça, aquele homem e esse cavalheiro, não estão bem intencionados. Aninham-se-lhes no pensamento, com toda certeza, a possibilidade de ter de alvejar um possível adversário. Vale isso pela certeza de que cada homem armado é uma porta aberta ao crime. Não se compreende, além do mais, a necessidade dessa exceção em Manaus, onde, em regra, todos vivemos como uma grande família. Onde os que surgem armados, hão de revelar sempre uma afronta aos nossos brios e às nossas tradições

de cidade educada, de cidade próspera, de cidade culta. Que os chefes de família tenham em casa, no seu lar, meios e modos de se defenderem contra possíveis assaltos, contra a ação de malfeitores na calada da noite, está perfeitamente certo, perfeitamente justo. Mas que jovens e velhos, civis e militares, quem quer que se julgue com um pouco de importância e de autoridade, use armas como quem usa o fósforo, exibindo-as mesmo numa constante provocação, é um absurdo, um erro, um atentado permanente. E mais do que isso, é um convite continuo ao crime. Que nos armemos todos, pela conduta leal e digna, com as armas da palavra, da consciência, da certeza do dever cumprido. Que nos armemos todos pela confiança no respeito que haveremos sempre de merecer dos nossos semelhantes, os quais respeitaremos, da mesma forma, em todos os sentidos, considerando que somos todos irmãos por Deus e pela Humanidade. Saiamos de casa com a preocupação de fazer o bem, de proteger um pobre, de amparar uma criança, de socorrer um animal, de ajudar um velho, de fornecer remédio a um doente. De mostrar o nosso valor e a nossas utilidades reais. De provar que somos, na verdade, plasmados a imagem de Deus. Deixemos as armas, fontes do mal, caminhos do crime, pois que delas não se valem nem mesmo os irracionais, diante os quais nos diminuiremos sempre que recorremos à brutalidade dos atentados.

domingo, 10 de novembro

Antes de ferirmos o assunto da nossa crônica de hoje, queremos fazer um reparo ao nosso comentário de ontem, quando nos batemos pelo maior combate ao porte das armas proibidas. Apelamos, então, para as autoridades militares, no sentido de que fosse impedido o abuso constituído pelo uso de revólveres e punhais por soldados, o que tem provocado, nos bailes dos subúrbios principalmente, acidentes lamentáveis. A redação que damos, porém, traiu um pouco o nosso pensamento, falando de militares num modo geral. O leitor inteligente terá observado o lapso, já que, pela força do próprio regulamento, oficiais e sargentos, que podem perfeitamente andar à paisana, podem também usar suas armas, que estarão sempre a serviço da ordem e da lei, como temos observado, inúmeras vezes, mesmo aqui em Manaus, onde a oficialidade das nossas entidades, como a guarnição em geral, é constituída por um pugilo de brasileiros que sabem honrar a farda e as suas belíssimas tradições. Feita essa retificação, imposta pela nossa consciência de homem que faz questão de estar em dia com a verdade, cuidemos do que se segue, para falarmos um pouco mais de política. Ao que se observa, há um grande movimento, intenso mesmo, no seio dos bastidores, do qual o público percebe apenas os ecos. Os nossos esforços, no sentido de identificar as origens e as razões da ação que indisfarçavelmente se vai processando, não tem sido muito feliz. Os principais elementos desse drama que vai sendo a nossa vida partidária, fazem questão de nada revelar...Em todo caso, de pergunta em pergunta, ouvindo pessedistas aqui, udenistas ali e trabalhistas acolá, chegamos à conclusão de que o coronel Syzeno Sarmento já tem em suas mãos os questionários que organizou e distribuiu pelas três grandes facções, no desejo de saber as suas pretensões mínimas. Com esses dados, o interventor federal, no seu desejo conciliatório, terá a média do que lhe será dado fazer. Será possível um acordo capaz de harmonizar realmente a família amazonense? O leitor, de posse dos informes que vamos fornecer com a devida reserva, poderá responder. Assim é que, o Partido Social Democrático, considerando a sua condição de detentor do maior número de deputados e senadores, considerando que é o P.S.D., não teve dúvidas em responder que não abdicará da cadeira de governador, da vaga de senador, de uma cadeira de deputado federal e da maioria na assembleia estadual. Só!!! O Partido Trabalhista Brasileiro do Amazonas, que teria sido o primeiro a responder, sustentou que se bateria pela eleição do seu candidato, Dr. Leopoldo Neves, ao governo do Estado, acentuando ainda que estava em negociações com uma outra corrente para um acordo amplo. A União Democrática Nacional, teria apresentado três fórmulas: partido A, ficaria com o governador; partido B, com os dois deputados, partido C, com o senador e o vice-governador. Quanto aos deputados estaduais, cada facção apresentaria aos seus trinta nomes e cuidaria de eleger, livremente, o maior número possível. Para a U.D.N. serviria qualquer das três hipóteses, isto é, tanto poderia ficar com o governador, como com os dois deputados, como com o senador e o vice-governador... Como se vê, a serem verdadeiros os dados que nos foram fornecidos em retalho, embora se reconheça e se tenha de louvar a boa vontade heroica do coronel Syzeno Sarmento, provado estará que é impossível chegarmos a um entendimento

geral. O Partido Social Democrático, que não é, na realidade, perante a U.D.N. e o P.T.B., a força majoritária, está a pedir muito, como que a criar, em definitivo, uma impossibilidade intransponível aos entendimentos coordenados com tanto patriotismo pelo delegado da confiança do general Eurico Gaspar Dutra. Todos os esforços, porém, até os últimos instantes, continuarão sendo feitos, pelo chefe do nosso governo, que tem a seu favor, nestes dias, um ambiente de absoluta calma, de segurança, de absoluta ordem, garantida pela ação de um governo imparcialíssimo, desapaixonado, voltado apenas para os superiores interesses do Amazonas. De um governo cuja tolerância, cuja a prudência e cuja nobreza de atitudes tem permitido que vivamos, numa hora em que a política assume perspectivas decisivas, o ambiente da maior paz e de mais garantia, jamais observado em nosso Estado. Considerando, porém, ainda uma vez, as pretensões mínimas dos maiorais da política, que dirá o leitor? Será, possível, em face dessas respostas, a coalisão? Entendemos, nós, que não. As próximas 48 horas dirão o resto.

terça-feira, 12 de novembro

Não ofereceu grandes novidades a semana que passou. Lamentável acontecimento, porém, quebrou a monotonia da cidade, numa das nossas tardes quentes de novembro. Um jornalista, Plinio Ramos Coelho, foi vítima de brutal agressão. Revidou-a com altivez, mas não atingiu, felizmente, o seu objetivo. Está recolhido a uma casa de saúde, onde todos os cuidados lhe estão sendo dispensados. Dentro em breve, restabelecido, voltará a sua luta de todos os dias, na imprensa livre que o seu ardor moço dita, com a coragem moral que a sua bravura permite. Não conhecemos, em detalhes, o que teria havido entre o nosso confrade e seu agressor, minutos antes do atentado. O fato de a agressão ter partido de um homem a serviço da Justiça, porém, causou pasmo. Pareceu-nos, e a todos, inteiramente fora de proposito. O caso, como de direito, está sendo objeto de inquerito policial. Os seus resultados deverão revelar toda a verdade. Plinio Ramos Coelho mereceu inteira solidariedade de toda a imprensa de Manaus e a A.A.I., pelo seu esforçado e digno presidente, deu-lhe assistencia ininterrupta. Quase um outro caso lamentável registrava-se dois dias depois... Tudo não passou, porém, dessa feita, de uma bala perdida ao acaso... Os sete dias que se foram, porém, até sábado, pelo menos, foram absorvidos pela politica. Pelas discussões e pelos entendimentos intermináveis. O problema de todos esses dias foi a espera pela organização do banquete de paz. Cozinheiro hábil, mestre Vivaldo Lima preparou logo o seu prato e despachou-o para o Rio Negro. Bifes à pudico, com molhos severianistas... Diferente no aspecto, mas igual no valor alimentício, foi o menu organizado pelo Dr. Severiano Nunes, diretamente assistido pelo professor Antovila Vieira: Guizado "pudico", costeletas a severiano e peixe a portuguesa, para honrar o auxiliar. Ótimo: O Partido Social Democrático, ou melhor, o Dr. Flavio de Castro, com uma equipe de cozinheiros de primeira qualidade, custou muito, muito mesmo, a entrar com o seu contingente. Diversos cardápios foram organizados. Um deles já foi até revelado. A última hora, porém, tudo se modificou. Tudo. Veio sugestões do Rio. E ontem afinal, quando não havia carne verde nem para remédio, uma grande bandeja era entregue aos serviçais do Palacio: pato com farofa, peixe à baiana, picadinho pernambucano, e salada mista. Tudo muito cheiroso e quentinho. Era muita comida, todavia. Muita e variada. De modo que o coordenador teria receiado uma indigestão. Colocou os quitutes na geladeira passando a servir-se de acordo com as necessidades do tempo... Cá fora a turma tem reclamado. Tem dado o cavaco. "Como é, sai ou não sai essa boia... Come-se ou não essa gororoba..." Porque na verdade, não são poucos os que desejam sentar-se à mesa redonda, para o um repasto compensador, depois de tantas semanas de espera e de incertezas. A luz da Manaus Tramways, como se sabe, não anda muito boa. Continua irregular. Dando sempre o que fazer e tambem o que falar. São rádios queimados a valer. Das geladeiras nem se fala. Vamos que falte corrente no Palácio Rio Negro por algumas horas! Todos aqueles pratos guardados com tanto cuidado na "Fregiderie" estarão perdidos. Irremediavelmente perdidos. Tudo terá de começar de novo. Já agora para que a turma se sente à mesa em casa mesmo. E coma do que houver. Nada mais de banquetes, de jantares festivos. Será servir-se apenas

para matar a fome, aumentada, graças às promessas de tantas iguarias. Se a corrente da Tramways, porém, não falhar, como pode perfeitamente acontecer, teremos pratos de primeiríssima para muito tempo. Em condições mesmo de alcançar os festejos de comemoração da vitória do campeonato carioca de 1946, que está agora entre os quatro grandes. Os pequenos como sempre acontece na vida, ficarão olhando de fora. E por falar em futebol, os maranhenses acabaram por tirar os paraenses do campeonato brasileiro, derrotando-os, domingo, na prorrogação, por 1 a 0. Politica e futebol... Não dá certo... Melhor será que fiquemos por aqui mesmo. Aguardando os acontecimentos. Traduzindo, porém, a receita culinária do P.S.D., diremos aos leitores deste matutino, que o partido do Dr. Ruy Araújo propôs, para a pacificação, acordo em torno do governador, que seria pessedista, e eleição, cada um com os seus candidatos, dos demais cargos. Que tal?

quarta-feira, 13 de novembro

Domingo último ainda, durante a missa que costumamos assistir na Igreja dos Remédios, conduzíamos o nosso pensamento, então ferido por uma mágoa íntima, de modo mais intenso e mais apaixonado até o reino de Deus. E recordávamos que nosso Senhor Jesus Cristo, sem outras armas que não as da sua palavra, da sua vontade, do seu coração, da verdade que ele representava, havia operado uma transformação total na história da civilização. Havia ensinado que só o amor constrói, que só o bem edifica, que só o perdão redime. E desse ensinamento, dessa doutrina sublime como a sua alma, víamos que, ainda hoje, grupos de homens existem, que mesmo sendo uma minoria quantitativa no círculo dos povos envenenados pela ação do materialismo demolidor, são uma força qualitativa a impedir a vitória da força animal contra a razão e o bom senso. Pedro Severiano Nunes, esse espírito de escol que desde a madrugada de ontem não mais pertence a comunhão dos vivos, era um daqueles legítimos soldados de Cristo. Era um bom e um justo. Um homem que sentia, em toda a sua plenitude, a volúpia de servir e ser útil. Nunca fomos apresentados ao magnífico educador que tomba em plena luta, cercado de carinho dos seus discípulos, do conforto dos seus parentes, da estima de todos nós. A nossa aproximação se fez espontaneamente, almas irmãs que éramos. Na verdade, nunca palestramos durante muitas horas seguidas. Ocupados ambos, limitávamo-nos às saudações comuns, às perguntas de rotina, às manifestações contínuas de simpatia mútua, que brotavam, naturalmente, dos mais rápidos encontros. Mas éramos amigos, temos certeza. Grandes amigos, nutríamos nós, pelo Pedrinho, mais do que a admiração de vida aos bons e aos sábios. Tínhamos por ele, pela sua cultura, pela sua conduta superior, elevadíssima, pela sua fidalguia indiscutível, uma quase paixão. Líamos os seus artigos diários no "Correio de Notícia", como que procurando, nos recônditos da sua alma ali impressa, novos ensinamentos, novos motivos para mais admirá-lo e mais tê-lo no nosso coração de homem que sabe compreender os que não esquecem que a humanidade é realmente uma só família, um só todo, um só bloco indivisível no seu conjunto, embora pareça contrário no seu aspecto isolado... Havíamos lido na manhã, de ontem, o seu derradeiro artigo "Pela felicidade do Amazonas" em que Pedro Severiano Nunes, alma grande e coração generoso, sonhava, nas suas últimas horas de vida, com a paz de todos os seus conterrâneos, em torno de um governo honesto e fecundo em realizações para a gleba querida. "Todos os que verdadeiramente amamos esta terra abençoada, somos levados a esquecer divergências e incompreensões quando os nossos corações, sob amadurecida reflexão, se voltam para o lastimoso estado em que se encontra o Amazonas belo". Ele amava demais o seu torrão natal, para querer mal os que como ele aqui também tenham nascido. Mesmo que alguns deles tivessem contribuído para o mal do Vale. Ele amava demais o seu berço natal, para não admitir que nós outros, filhos de outras regiões, tivéssemos o direito de amá-lo também. "Queremos soltar a grossa cadeia que ainda prende a nossa liberdade, queremos espedaçar as algemas que nos imobilizam, queremos congregar de forças vivas e sadias, que determinem uma ressureição gloriosa da nossa estremecida planície". Era a sua alma, arrebatada sempre, nos seus voos

livres, nos seus anseios sempre maiores, na sua adoração sem limites, pelo Amazonas que ele tanto amou, amando a terra, amando as matas, amando as conquistas da sua civilização, amando os seus semelhantes, amando, muito intensamente, a tudo que lhe falasse da planície maravilhoso nos seus colóquios com o maior rio do mundo. E ele que tanto amou, que amou demais, só poderia ter perecido como pereceu pelo coração. Pelo coração que não suportou muito tempo a caudal de emoções de que era o palco principal. Chegamos em sua casa, às nove horas da manhã de ontem. Sua esposa chorava, seus irmãos sofriam, seus amigos sentiam a imensa dor daquela perda. Um bando de alunas rezava. Com os olhos cheios de lágrimas, voz trêmula. Só então compreendemos que Pedro Severiano Nunes, na verdade, para o Amazonas, para o Brasil, para a sociedade, Pedro Severiano Nunes, não morrera. Aquelas alunas e como elas centenas muitas de jovens e de moços outros que se espalham por todo o Brasil, continuariam positivando a existência do mestre que desaparecia materialmente apenas. As suas lições, dadas com a vontade de ensinar de fato os seus conselhos, ministrados com o entusiasmo dos homens conscientes da sua missão, os seus exemplos, vividos com a nobreza dos espíritos bem formados, haveriam de eternizar a vida e a obra do professor realmente bom, que ontem, em meio as flores das nossas saudades, deixamos no Campo Santo, a dormir o sono na eternidade, na tranquilidade de um outro mundo, em que a vontade de Deus não permitirá que a ameaça dos brutos perturbe o descanso dos justos. Adeus, Pedro Severiano Nunes, nosso amigo, nosso irmão.

quinta-feira, 14 de novembro

Ser guarda no Amazonas, de um modo geral, pelo que se observa, é trabalhar muito para perceber pouco. Não há quem ignore, por exemplo, a situação dos guardas-noturnos. Uma organização que presta reais serviços a coletividade. Que evita com a sua operosidade, a perpretação de roubos e de atentados de toda sorte. Que colabora com a familia amazonense, até mesmo nas suas necessidades domésticas, de modo eficientíssimo. A vida dos que se empregam nesse mister é, porém, uma verdadeira tragédia. São mal pagos. Vivem maltrapilhos. Os seus, em casa, passam necessidades de toda ordem. Os governos se sucedem. Reformas vão sendo feitas. Cargos e órgãos outros criados. Ninguém se lembra do pobre guarda na noite. Que passa fome e sofre privações sempre maiores. Diferente não é a sorte do guarda-civil, funcionário do Estado, que de há muito tem merecido o nosso amparo jornalístico e a solidariedade da nossa maior estima. Porque os guardas-civis são os policiais que têm sob sua responsabilidade a maior quota de serviços. A maior parcela de responsabilidade. Ganham ordenados mínimos. Que não lhes permitem, nem aos seus, uma existência compatível com a dignidade da sua função perante a sociedade. Sujeitos a uma disciplina rígida, como ocorre, aliás, em toda parte, com horas de serviço que são rigorosamente cumpridas, os guardas-civis não estão nunca de folga. Onde quer que haja uma alteração da ordem, uma necessidade de socorro, um alarme de incêndio ou qualquer outro sinistro, o guarda-civil que mora nas imediações, ou que por ali apareça, estará logicamente em ação. Dele hão de partir as primeiras providências. Da sua iniciativa dependerá sempre o êxito dos trabalhos futuros da autoridade competente. Percebem, contudo, como já observamos, um ordenado mesquinho. Que faz com que esses servidores do Estado vivam sempre atropelados pelos compromissos e pela dor de não poder proporcionar uma existência menos amarga aos que lhes são caros. Pois bem, uma outra classe de guardas surge agora batida pelas mesmas necessidades, premida pelas mesmas circunstancias, apertada no mesmo ângulo de agruras e de angustias. São os guardas da Saúde, que se encontram nessa repartição por terem sido abandonados pelo SESP. Percebem... Cr 500,00 mensais e são em número de sete. Cabe-lhes o dever, que é diário, de fiscalizar os domicílios, sendo que, aos sábados e domingos, fazem, na ordem da escala, o plantão de praxe. Chefes de familia, com os pesados encargos que essa condição cria, como podem viver esses homens? Quinhentos cruzeiros por mês significam pouco mais de quinze ditos por dia. Um quilo de carne não custa menos de oito cruzeiros. E o resto? Ora, o Estado que tem empregados como nós os temos no Amazonas, ganhando tão pouco que não baste nem mesmo para que o funcionario possa viver miseravelmente, está implicitamente estimulando o desinteresse pelo trabalho, a tolerância a burla da lei, tudo em troca de uma propina, de um punhado de cruzeiros capaz de aliviar, num dia ao menos, a fome de muitas semanas. Tudo subiu, no Brasil em geral e no Amazonas em particular. Menos os vencimentos dos modestos servidores públicos. Menos os ordenados dos guardas, nas suas diferentes categorias. O mal não é de hoje. Não pertence aos últimos interventores que foram colocados no Rio Negro por força do golpe de 29 de outubro de 1945. Ele vem do Estado Novo.

Da época em que todos os atentados podiam ser praticados contra o povo, sem que esse povo, pela sua imprensa livre e independente, pudesse gritar. Os interventores apresentavam relatórios bombásticos. Escondiam do Presidente o que na verdade ocorria, já que receiavam desagradar o Chefe. O povo, esse nada significava... Não poderia reclamar e essa coisa de eleição tinha desaparecido... Logo... Os tempos mudaram. Mudaram, muito. Especialmente nos últimos meses. O Amazonas tem hoje no seu governo um homem realmente de bem. Decente. Dono de uma moral que é um monumento à dignidade humana. Todos que aqui nascemos ou aqui vivemos, e que não falseamos a verdade em favor de mesquinhos interesses, podemos atestar que o interventor Syzeno Sarmento é um administrador honesto, conciente, respeitador dos nossos direitos e das nossas liberdades. Que se valha, pois, esse amazonense digno, herói do Brasil e da América, da Democracia e da Humanidade, dos poucos meses que lhe sobram de governo, para atender, num ato de justiça, a situação dos nossos guardas e das nossas operarias, proporcionando-lhes o ensejo de fugirem, temporariamente, ao menos, do cárcere estreito, sem ar, sem luz, sem vida, em que se encontram sob a pressão dos seus compromissos e o castigo dos seus sofrimentos.

sexta-feira, 15 de novembro

Dia 15 de novembro de 1946. Há 57 anos era proclamada a República e há 53 circulava em Manaus o primeiro número do nosso "Diário Oficial". Governava-nos então o saudoso Eduardo Ribeiro. Coisa do passado...é uma verdade. Mas o presente anda tão vasto que não há como fugir dos tempos idos. Principalmente quando ele, no caso particular do Vale, fala-nos de um homem como criador da Imprensa Oficial. Bacharel em crônicas matemáticas e física, capitão do Estado Maior de 1ª linha, o grande governador que deu ao Amazonas o que ainda hoje temos de mais sólido e de mais suntuoso. Continua na lembrança de todos quantos vieram naqueles tempos ou, mesmo passados muitos anos tiveram conhecimento da sua obra a da sua conduta. E não se ergue, ainda, até hoje, um monumento a esse notável brasileiro! Talvez porque já exista, no coração da gleba, um marco indestrutível de gratidão e de reconhecimento ao grande maranhense. Da proclamação da República vem-nos a mente, como é natural o nome de Deodoro da Fonseca — nascido em Alagoas, no ano de 1827 e falecido no Rio de Janeiro em 1892. Fez prodígios, segundo a história, na guerra do Paraguai. Era governador do Rio Grande do Sul, quando se produziu, na vigência do ministro Cotegipe, a célebre agitação em favor das reivindicações dos oficiais. Era, aliás, o começo, ou melhor semente da revolução de 1889. Exonerado em virtude da atitude que tomou, de franca oposição ao governo central, assinou com o general Pelotas, o manifesto de 14 de maio de 1887. Em junho de 1889 estava em Mato Grosso. Chamado para o Rio de Janeiro depois das eleições que deram maioria aos liberais, tomou a 15 de novembro a direção do movimento insurrecional que culminou com o estabelecimento da República. Foi chefe do governo provisório, sendo eleito presidente efetivo a 25 de fevereiro de 1890. Dono de atitudes firmes, pouco afeito à tolerância, temperamento forte, o grande soldado não se sentiu muito bem com as intrigas e com as discórdias trazidas à baila pelo Parlamento. Aquele não era positivamente o sistema de governo da sua preferência pessoal. Nove meses depois, considerando que era impossível administrar em meio tanta balburdia, tentou dissolver o Congresso. Não foi feliz no seu objetivo, talvez porque não o tivesse preparado com a devida prudência. E resolveu abandonar a vida pública. Demitiu-se das suas elevadas funções e passou a viver no que se pode chamar de isolamento voluntário. Passados todos esses anos, vamos encontrar, nos dias atuais, a República ainda num período de experiências. Sangrada em 1937 num golpe bem mais feliz para seu preparador do que o articulado por Deodoro, ferida mortalmente na sua essência democrática, só em 1945, foi possível livrá-la do perigo que corria. A nova transformação operada, não permitiu, todavia, que a República se recuperasse, integralmente, das perdas sofridas. O ambiente como que não se mostrava, pela maioria dos cidadãos, maioria viciada nos erros do absolutismo até então dominante, bastante propício a voltar, desde logo ao regime que nos foi dado em 1889 e que o primeiro que se atreveu a negá-lo ao povo sucumbiu irremediavelmente no ostracismo... Aos poucos, porém, o sentido de liberdade e de independência vai dominando outra vez a alma da gente brasileira. Vai permitindo que nos capacitemos todos, que numa democracia não há lugar para os senhores

da multidão, para os donos da vontade popular, para os salvadores que são sempre a alavanca em que se apoia e se fundamenta o fascismo. Um outro clima, passamos a respirar, na verdade, em todo o país, a partir de 29 de outubro de 1945. E a democracia se vai refazendo das perdas sofridas. A República, tal como foi idealizada pelos nossos maiores no passado, se prepara para enfrentar outras experiências, estas, sem dúvida nenhuma, a esta altura, quando o marxismo tem vida legal, quando o comunismo tem licença para tramar livremente contra a segurança do regime, de responsabilidade muito maior. Para o povo se volta, pois, ainda uma voz, a alma da República que completa agora 57 anos. Dele, do seu apoio, da sua defesa, da sua vontade, dependerá sempre a sua sorte, a sua vida, a sua continuação. Mais do que nunca os republicanos sinceros são chamados aos seus postos. Mais do que nunca os homens têm consciência de que podem ser livres, porque a liberdade é a própria vida, por isso estão na obrigação de defender o regime.

domingo, 17 de novembro

Das fases das conversações em torno das possibilidades de um acordo amplo em favor da democracia e do Amazonas, os nossos partidos democráticos passaram, a partir de anteontem, para o campo da realidade, rumo aos comícios eleitorais, em busca do sufrágio popular para a formação dos quadros administrativos de amanhã. Estão, já agora, definidos os rumos políticos da terra de Ajuricaba. Os esforços do Sr. Syzeno Sarmento, esforços que se agigantaram em dias e noites seguidos de colaboração sincera e desinteressada pelo presidente Eurico Dutra, não se puderam, infelizmente, coroar de êxito. A intransigência de uns e a incompreensão de outros, as convicções e os compromissos de ordem pessoal, se sobrepuseram, ainda uma vez, aos interesses de ordem coletiva. Que fazer? Louvar o grande soldado que honra-nos com a sua atuação, toda ela voltada para o bem do Amazonas e do seu povo, louvar o presidente Eurico Dutra, cuja palavra vem sendo cumprida de maneira a mais eleva-lo ainda na admiração de todos os brasileiros, e marchar para as trincheiras. Com as armas da palavra escrita e falada, faremos sentir ao povo que é chegada a hora de fazer justiça ao próprio povo, dando-lhe o governo que ele realmente necessita. Haveremos de escrever na história política do Amazonas, mais uma bonita pagina de civismo, realizando uma campanha elevada, sem ódios, sem rancores, sem insultos, considerando que, à sombra da nossa luta, sempre que ela se fizer em detrimento dos nossos partidos e dos nossos homens, se esconde, pronto a devorar-nos logo que estejamos suficientemente enfraquecidos, o inimigo comum, o fascismo brutal contra cuja maldade lutávamos ainda ontem nos campos europeus. Há os que entendem que a coalisão, que a fusão de forças partidárias, que os acordos que vão sendo feitos, mesmo aqueles que se inspiraram em razões superiores, constituem um elemento negativo da democracia, negativo do seu valor, negativo da sua vitalidade. Seria, assim, realmente, se a democracia estivesse numa luta leal, com adversários leias que não visassem a transformação do regímen nem o aniquilamento das nossas tradições. Dentro do critério que vamos seguindo, porém, dividindo as nossas forças em dezenas de facções, estaremos chegando a uma situação em que sendo os democratas uma maioria se verão reduzidos, quando menos esperarem, à situação de uma minoria derrotada irremediavelmente. Suponhamos que somos na democracia um milhão de eleitores. Que os nossos adversários não consigam mais de trezentos mil adeptos. Distribuídos por dez partidos, teremos em cada um deles cem mil almas. Numa luta em que respeitada seja a vontade de cada grupo, quem levará a melhor? Claro que os nossos adversários com os seus trezentos mil votos... Claro que eles se fariam governo e de uma vez por todas a democracia sucumbiria por força da falta de entendimento entre os seus quadros. Nem tudo, porém, está ainda perdido no Brasil de um modo geral e no Amazonas em particular. A U.D.N. e o P.T.B, pelas suas secções neste Estado, compreenderam desde logo que não era possível a luta por caminhos diferentes, quando ela se conduzia em favor de uma mesma finalidade. Que importa que os trabalhistas tenham seguido ontem a bandeira de Getúlio Vargas e os udenistas a de Eduardo Gomes? Aqueles como estes tinham no seu coração e na sua alma, nos seus pensamentos e nas

suas ações, a certeza e a convicção seguras de que estavam agindo, antes e acima de tudo, pela Pátria e pela Democracia. Continuar essa luta, no caso particular da gleba verde, seria impedir que essas mesmas forças, integradas por homens realmente bem intencionados, por homens aos quais deve ser dado o ensejo de governar também eles o Estado, atingissem o fim colimado. Seria ainda, isso é inegável, fazer o jogo do adversário, que sendo uma minoria como ficou provado nas eleições de dezembro, continuaria a figurar como maioria. Tivéssemos conseguido em 1945 o acordo que agora se verificou, e a maioria da bancada amazonense não estaria hoje formada pelos nomes que a compõe, embora reconheçamos tratar-se de um punhado de lutadores dignos da nossa admiração e do nosso acatamento. Os papéis, todavia, estariam invertidos. O P.S.D. teria feito um único deputado federal e a Coligação as demais cadeiras. Tudo isso, porém, pertence ao passado. O que resta, agora, é o olhar para a frente. É caminhar para a luta, leal e dignamente. Sem ofensas, porque a tentativa de aviltamento do nosso semelhante, será sempre uma tentativa de aviltamento da coletividade a quem pertencemos igualmente. Basta que esclareçamos o eleitorado com a eloquência da verdade. Basta que ele, o eleitorado, possa, livre e tranquilamente, analisar o passado, refletindo sobre o tão pouco que foi feito em favor do Vale e do muito que se perdeu e se esbanjou. E o povo se pronunciará, então, fazendo justiça ao seu próprio merecimento. E o povo se pronunciará levando ao governo os homens que lhe tenham conquistado a preferência por força do que possam fazer pela redenção da planície, ainda hoje a "gata borralheira" do Brasil, como muito bem lembrou, outro dia, o nosso confrade Dr. Jorge Andrade.

terça-feira, 19 de novembro

Rica de acontecimentos políticos a semana que se foi. Tivemos a Convenção Udenista-Petebista e com ela o lançamento da candidatura do Dr. Leopoldo da Silva Neves para o governo do Estado, do Dr. Severiano Nunes para o Senado e dos Drs. Vivaldo Lima e Antovila Vieira para a Câmara Federal. Merecedores já dá confiança do eleitorado, os dois primeiros nomes dispensam comentários. Mestre Vivaldo Lima é uma tradição de lutas em favor da gleba e das suas reivindicações em regra negadas. Professor Antovila Vieira, legítimo democrata, coração, pensamento e atitudes sempre voltados para o povo em cujo seio vive o seu ideal por um mundo melhor e mais justo, dentro dos princípios liberais que são os traços marcantes da sua personalidade política. Nome que merece muito mais do que se tem dado. O eleitorado há de fazer-lhe justiça. Os suplentes, Drs. Chaves Ribeiro e Menandro Tapajós e o jornalista Aristophano Antony. O primeiro é talvez uma das figuras de maiores credenciais no seio da nossa família democrática. A causa do Amazonas tem sido a sua religião! Menandro Tapajós, médico, desportista, coração bondoso e inteligência primorosa. Moço sem ambições. Mas dono de uma conduta que é a certeza de um futuro brilhante em favor do Amazonas e da democracia. O nosso confrade Aristophano Antony, quem não o conhece? Quem não está habituado a vê-lo intrépido, de fronte erguida, a lutar todos os dias pela terra querida e pelo Brasil eterno? Perfeitamente identificado com as classes populares, delas há de receber, nas eleições que se aproximam, as manifestações de simpatia a que realmente tem direito. Com homens, desse jaez, não temos dúvida, o Amazonas atingirá, no próximo 19 de janeiro, a posse de si mesmo, desertando dos caminhos errados porque foi conduzido no passado... Chega, porém, de política. Até porque a palavra está agora com o senador Álvaro Maia que veio cheio de planos e de novidades. Correu por aí, outro dia, a notícia de que o senhor interventor federal iria dar um mês de abono ao funcionalismo público. A boa nova, como era natural, encheu de alegria aos muitos servidores do Estado que, percebendo ordenados que estão muito aquém das suas necessidades, poderiam, assim, comprar a sua castanha ou, na falta desse produto, aquilo que mais atendesse às imposições da época. A alegria não durou muito, porém. Uma outra versão, desmentindo tudo, circulava pouco depois...Pobre funcionário pobre...Somos dos que entendem, todavia, que o coronel Syzeno Sarmento poderia dar um jeito na coisa. Sabemos que os cofres estaduais não refletem riquezas. Ninguém ignora, no entanto, que a situação financeira do Tesouro é relativamente folgada. Relativamente, note-se bem. Ora, sendo assim, não iríamos pleitear que o governo proporcionasse um abono geral, a todos os funcionários efetivos, já que os que servem em comissão, em regra há pouco tempo, ficariam logicamente de fora. Aos chefes de família, contudo, essa medida poderia e deveria ser determinada. Não queremos afirmar que os solteiros, rapazes e moças, trabalham por vaidade. Absolutamente. Todos necessitam. E casos há mesmo em que as funcionárias são verdadeiras heroínas, lutando para sustentar os pais velhos e enfermos, ou mesmo para ajudar os irmãos que estudam. De um modo geral, porém, os problemas dos chefes de família, dos funcionários mais graduados e dos que menos percebem, com as responsabilidades

do lar, são sempre mais graves, mais apertadas, contínuos e sem descanso. Ininterruptos e sem folga. Daí o entendermos, desde que não seja possível, como seria ideal, atender a todos, que aos menos os chefes de família, os que têm encargos sempre maiores, os que sentirão mais amarga e mais cruelmente a tristeza de não poder entrar em casa, ao fim de mais um ano de labutas compensadas pelo sorriso meigo do filhinho e pela colaboração sempre mais animadora da esposa querida, sem as festas do dia consagrado ao menino Jesus, do dia reservado para que os corações generosos se abram em manifestações de regozijo pelo ensejo ditoso de poder louvar a Deus pela graça de nos ter proporcionado mais um natal. Que o coronel Syzeno Sarmento, na grandeza do seu coração que só poderá encontrar paralelo na sua bravura, considere, no seu lar no recanto feliz da sua vida privada, no seio dos que são a razão maior do seu entusiasmo pela vida, como venturosa para milhares de seres seria o abono de natal, de que a imprensa tem falado em justos apelos ao chefe do governo amazonense, ao timoneiro seguro que nos vem proporcionando o período já vivido, nos últimos anos pelo menos, pela gloriosa gente amazonense.

quarta-feira, 20 de novembro

Por intermédio da Agência União, os leitores de O JORNAL tomaram conhecimento, ontem, da última entrevista concedida à imprensa pelo general Góes Monteiro. Não sabemos, todavia, se os que leram as declarações do grande chefe militar perceberam nas suas entrelinhas toda a importancia das palavras do antigo ministro da Guerra. Pois bem. Depois de aludir ao que já afirmara, sobre ser uma questão de honra para o Exército o bom êxito do governo do presidente Dutra, disse que a campanha que se está generalizando na surdina contra o presidente da República, é resultante da incompreensão dos chamados líderes democráticos em face do momento nacional, que vivem aferrados aos costumes e aos vícios antigos, procurando restaurar o sistema do domínio já proscrito e inadmissível. Teceu ainda o general Góes Monteiro outras considerações, responsabilizando tambem os políticos pelo desenvolvimento dos extremismos. Recordemos os últimos acontecimentos políticos. Toda gente sabe que o golpe de 29 de outubro foi desfechado pelas classes armadas no seu desejo de assegurar as eleições de 2 de Dezembro, pelas quais se tinham feito responsáveis perante a Nação. Dessas eleições, num pleito livre, em que, se não foi possível desmanchar máquinas eleitorais montadas há muitos anos, foi possível, no entanto, garantir a livre manifestação do povo, resultou a constituição do governo presidido pelo general Eurico Dutra. Quer isso dizer que o atual chefe da Nação, no entender do general Góes Monteiro, que no caso se baseia na eloquência dos fatos, não se encontra no Catete por força da vontade de um partido político, mas sim em consequência de um movimento feito em nome da Nação e pelo qual assumiu o Exército inteira responsabilidade de, confiantes como se achavam os nossos chefes militares de que os políticos, livres da ditadura, da qual se queixavam amargamente, se entenderiam magnificamente e construíram, em bases solidas e definitivas, o regímen democrático tal como o sonhavam, dentro de um clima de paz, de ordem, de entendimento. Passados os primeiros meses, porém, compreendeu o general Góes Monteiro que a realidade política do Brasil era muito diferente daquela com que ele havia contado. Enquanto Eduardo Gomes nos dava um belíssimo exemplo de desprendimento, enquanto Otávio Mangabeira surpreendia todo país com admirável demonstração de transigência, velhas raposas do P.S.D. apegadas ao continuísmo, lançavam-se no campo da intriga e da perfídia, tudo fazendo para evitar de qualquer modo e à custa de qualquer processo o segundo movimento nacional de coalisão comandado ainda pelo Exército na pessoa do general Góes Monteiro. Temos exemplo dessa ambição pessedista, que é uma resistência aos propósitos pacificadores do próprio presidente da República, em São Paulo, no Ceará, no Pará e tambem aqui no Amazonas. Tomando de assalto uma situação para cuja concretização jamais contribuíram, pois que nas últimas eleições foram apenas passageiros de um trem cujo destino desconheciam e cuja marcha contrariam sempre, os pessedista estão criando no Brasil um novo clima de desconfiança e de insegurança. As palavras do general Góes Monteiro deixam transparecer claramente tudo isso. E muito mais. Sustentam que desta feita ainda o Exercito não permitirá que a anarquia domine o país. Que, responsável como é pelo 29 de Outubro de 1945,

terreno em que medrou a semente que nos deu o governo do General Dutra, ele considera, como uma questão de honra, o êxito desse mesmo governo. Que os nossos políticos tenham podido compreender, enquanto é tempo, o aviso que lhes está sendo dado por quem, com tanta autoridade, pode de fato falar sobre o momento nacional. E que se convençam que as velhas máquinas cansadas e viciadas não podem mais sobreviver. Que os que se comprometeram frente o povo por força dos seus erros e da sua falta de autoridade moral para lutar pela democracia, devem recolher-se ao ostracismo a que estão condenados por força da vitória do bom senso e da razão. Ninguém se iluda. Desde que os politiqueiros inimigos da formação de um governo de confiança impeçam o general Eurico Dutra de cumprir o seu programa de ação construtiva em favor do Brasil, desde de que a confusão estabelecida continue abrindo as portas da nação a anarquia extremista, o Exército, pelos seus chefes, assumirá de novo o controle da situação. Tenha-se, em conta, finalmente, que já se falou no sul, abertamente, num segundo golpe de Estado. Ele não está sendo preparado pelo governo. Nem pelas classes produtoras. Nem pelos esquerdistas ou pelos fascistas. Ele vem encontrando ambiente na falta de patriotismo dos que não se julgam suficientemente culpados pelos erros de tantos anos de desmandos e de impunidade.

quinta-feira, 21 de novembro

Batem-se os comerciários de Manaus pela melhoria dos seus vencimentos, numa campanha que tem merecido, pela elevação com que se vem conduzindo, aplausos gerais. Na verdade, a grande maioria dos colaboradores das nossas principais casas, ganha, nestes dias em que tudo é caro e difícil, ordenados que não lhe basta para viver mesmo que modestamente. Rapazes ontem, cidadãos hoje, os comerciários tiveram os seus compromissos aumentados, tiveram suas despesas acrescidas, uns porque se casaram outros porque estão na iminência de fazê-lo. Nada mais justo, pois, que os responsáveis pelo problema em foco voltem a analisá-lo dentro do sentido humano e lógico que o caso requer, para que possam dar a solução que se impõe sem perda de tempo. Embora se trate de uma tecla muito batida, não será demais dizer aqui, ainda uma vez, que o melhor meio de combater o comunismo pagão será provar ao trabalhador em geral as vantagens da Democracia: as de ordem moral, de caráter política e as de fundo econômico. Para tanto, bastará que saibamos fazer de cada obreiro do comercio ou da indústria, um amigo da sociedade e do regímen, dando-lhe, pela melhoria de salários, pelo tratamento de igual para igual, pela extinção dos preconceitos absurdos, um lugar também ao sol, um lugar também no seio dos homens conceituados pelo seu merecimento na razão direta do que possam fazer, e realmente façam, pelo bem estar da coletividade. Os comerciários de Manaus não pedem absurdos. Querem uma coisa justa. Atendamos os comerciários. Um outro problema ainda, que pode ser classificado como de reivindicação, vem sendo agitado pela nossa imprensa. Prende-se este ao funcionalismo público. Ao abono de Natal que está sendo objeto de cuidadoso estudo por parte do coronel Syzeno Sarmento. Aludindo a respeito, dissemos outro dia que o ideal seria que se atendesse a todos, sem exceções, dentro de um critério de inteira equidade. Desde que não fosse possível fazê-lo, que se olhasse ao menos aos servidores do Estado que são chefes de família. Não se trata, pois, como qualquer pessoa bem intencionada poderá concluir, de ser contra a esta ou aquela medida. Cuidávamos de conseguir o possível. Descansem, porém, os nossos honestos e dignos funcionários. Ao que tudo indica, o abono poderá ser concedido a todos, indistintamente, fazendo-se uma grande justiça aos que trabalham com tanta dedicação e com tanto desvelo na ingrata carreira de funcionário público, e não são, em regra, atendidos nos seus direitos e nas suas aspirações mínimas. O chefe do governo do Amazonas está pessoalmente interessado em dar ao caso em apreço o desfecho ditado pelo seu espirito de justiça, pelo seu natural empenho em atender sempre os seus conterrâneos claro que no que for possível e viável. Falando do abono de Natal, porém, chega-nos a mente o caso da criança pobre, um outro capitulo da vida da cidade de Manaus que merece inteira e apaixonada dedicação. Notável movimento vem sendo feito já em favor da Casa "Dr. Fajardo", onde se abrigam, sob a responsabilidade do Estado, criancinhas desvalidas. Milhares de cruzeiros foram recolhidos para o seu Natal no seio do comércio, graças a prestimosa colaboração de damas da nossa alta sociedade. Urge, porém, que olhemos também, num gesto de igual piedade cristã, para os nossos bairros, onde vive uma infância paupérrima, onde vivem os barrigudinhos

desprotegidos. Demos um exemplo: os Educandos. O professor Odilon Gonzaga costuma fazer ali, todos os anos, pela Escola Tiradentes, de que é diretor, o Natal da petizada. Renova-se neste ano mais ampliado ainda, o seu propósito. Quer ele estender o seu Natal às senhoras pobres em véspera de cumprir a sublime função da mulher em face do lar. Quer distribuir enxovais também. Tem procurado o comércio. Tem procurado o amparo de autoridades, tem recorrido aos abastados. Mas o seu trabalho é isolado. Ele é um homem pobre cuja riqueza está apenas nas suas virtudes. Na grandeza da sua alma, na modelar formação do seu espirito. De condições modestas, de aparência modesta, não tem sido feliz na sua missão. Recusam-se em regra a ajudá-lo, como que duvidando das suas intenções, como que entendendo que aquela caridade não atingirá os fins apregoados. O Natal da Escola Tiradentes, porém, para qual haveremos de voltar, com particular carinho, as nossas atenções, é uma obra que se inspira, sem exibições e sem aparatos, na elevada educação vista de um homem do povo, de um homem pobre, que justamente por isso mesmo sente de modo ainda mais acentuado a dor dos seus semelhantes, a tragédia dos barrigudinhos dos Educandos. Façamos, pois, todos nós alguma coisa pelo Natal da Escola Tiradentes. E teremos contribuído para aliviar a dor dos que sofrem. E teremos nos aproximado, pela bondade, do Criador.

sexta-feira, 22 de novembro

Não temos preocupação do coronel Syzeno Sarmento, interventor federal no Amazonas para defendê-lo, esclarecendo o povo sobre determinada campanha que continua sendo feita, por todos os meios e por todos os modos, à custa de misérias e de infâmias, contra a sua conduta irrepreensível como soldado dos mais dignos e como cidadão a quem a Pátria deve os mais assinalados serviços. Quantos vivem em Manaus, porém, pertençam a que partidos pertencerem, mesmo os chamados extremistas, hão de ter ficado boquiabertos ao ler a entrevista transcrita pelo mais antigo jornal de Manaus do "Correio da Noite" do Rio de Janeiro. As inverdades que ali se acumulam, as aleivosias ali feitas, as mentiras ali alinhadas, embora respeitemos as convicções e os pontos de vista de quem as ditou, não podem ficar sem um protesto formal, sem um grito de revolta, sem uma manifestação sincera de repulsa. Manaus não tem água suficiente para o seu povo, é uma verdade. Não tem carne bastante também e o seu serviço de limpeza pública não é perfeito, bravos. Comparado, todavia, o estado em que nos encontramos hoje com aquele a que a capital amazonense foi reduzida durante os últimos dez anos, teremos de convir, forçosamente, que nós nos achamos num paraíso. Tempo houve, em 1944, por exemplo, que ficamos dias inteiros, na cidade toda sem nenhuma gota do precioso líquido. A população corria para os igarapés, com latas debaixo do braço, numa procissão desoladora, constituindo um espetáculo que provocou mesmo, em plena Avenida Central, de certa feita, palavras de protesto enérgico e justo, desse coração grande e dessa alma franca que é o ilustre desembargador André Araújo: "Isso é uma vergonha", nos disse então o grande amigo da pobreza, sem poder esconder a sua revolta. Mais tarde, 1944 ainda, falou-se que o presidente Getúlio Vargas vinha a Manaus. E todos sabemos em que aperturas se viu a administração, já que não tínhamos mesmo água, luz, carne, já que as ruas de Manaus ofereciam autênticas lutas de urubus e caos em torno das latas de lixo semanas inteiras esquecidas na via pública. Claro que nós, que oferecemos sempre combate sincero e leal a todos esses erros, combate no sentido de colaboração, não iríamos atribuir a culpa daquela situação vexatória, à incúria dos homens que nos governavam. Preferíamos compreender, como era razoável, que Manaus estava vivendo uma época de sofrimentos impostos pela guerra, cujos males se distribuíam por todos os povos, e de um modo todo especial pelas regiões sem transportes regulares. Desde a honrada atuação do desembargador Stanislau Afonso, desde novembro de 1945, os nossos problemas de água, de luz, de abastecimento, passaram a ter melhor assistência. Somos dos que afirmam que providências sensatas e inteligentes foram, desde logo, postas em prática pelo representante da nossa justiça, providências que a serem mantidas acabariam por levar-nos à solução feliz de todos aqueles casos. Tivemos, a seguir o governo do Dr. Júlio Nery, cujos resultados todos conhecemos. A prefeitura chegou a ficar sem um caminhão para a coleta de lixo. Os esforços desenvolvidos pelo prefeito João Fábio de Araújo só agora iriam oferecer os primeiros frutos...quanto à água...o rio estava cheio e a operosidade dos chefes de serviço do bombeamento completou o resto. Tínhamos carne ainda com certa fartura, porque ela nos vinha, ao mesmo tempo, do Rio

Branco e do Baixo Amazonas. A situação é hoje pouco diferente. Do Rio Branco nãos nos pode chegar um novilho. O gado do Baixo Amazonas não está ainda em condições de corte. As máquinas do bombeamento não dão conta das suas tarefas. O povo, porém, sabe que os seus governantes, sabe que o coronel Syzeno Sarmento e o prefeito Frazão Ribeiro, dentro de um clima de absoluta moralidade administrativa, tudo estão fazendo, num trabalho contínuo, ditado pelo mais elevado patriotismo e pela mais devotada afeição à gleba, para que todos os males, todas as dificuldades, todos os embargos, velhos e novos, agudos e crônicos, sejam resolvidos. Sem que para tanto se venha a sangrar mortalmente os cofres, sem que para tanto tenhamos de recorrer a planos que dependam do estudo de muitos meses e do debate que só poderá ser feito pela futura Assembleia Estadual. E manda a verdade que digamos conscientemente, que vamos tendo, parcimoniosamente embora, água e carne, e que a questão da luz e da energia está confiada, por força de intervenção federal, ao governo da República. O que vemos ainda no governo Syzeno Sarmento é a defesa sistemática dos dinheiros públicos, e o senso de justiça a presidir todos os seus atos, a plena garantia dos direitos dos cidadãos, absoluto alheamento as lutas políticas e a certeza de que a administração do nosso Estado está entregue a um homem cuja vida é um motivo de orgulho para toda a família amazonense, a um homem cuja existência, toda ela coroada de glórias imperecíveis, deveria merecer maior respeito, porque ela representa pelo seu heroísmo, pela sua autoridade moral, pela sua inteireza de caráter, o Exército Brasileiro coberto de honras conquistadas nos campos sangrentos da Europa, justamente quando os que hoje mandam atacar o bravo coronel se deliciavam na comodidade das poltronas estofadas.

sábado, 23 de novembro

Deixemos de lado hoje o debate dos nossos problemas. Os problemas do Amazonas e do Brasil na ordem geral das reivindicações dos seus trabalhadores dos seus funcionários, do seu povo em geral. Abandonemos o palco dos acontecimentos políticos, onde ideias novas procuram investir contra ideias velhas, onde politiqueiros, sem se aperceberem dos erros de ontem, falam-nos em grandes realizações futuras, onde a perfídia e a intriga, a inveja e o ódio se confundem no burburinho das ambições mais atrevidas. Deixemos o mundo social com as suas festas, com os seus regabofes, com as suas noites intermináveis de manifestações de júbilo e de riqueza. Corramos todos para fora da cidade, para longe dos automóveis e dos bondes, para um retiro em meio as manifestações de cada fisionomia, se vê um pouco de alegria conquistada pelo ambiente de sinceridade, pelo perfeito entendimento, pela inteira solidariedade que ali se observa. E teremos parado então no Instituto Montessoriano "Álvaro Maia", na rua Paraíba, na Vila. Onde estão recolhidas e são tratadas com todo carinho e todo desvelo, com toda dedicação e com o máximo conforto, dezenas de crianças entre doentes mentais, surdos-mudos, cegos e oligofrênicos. Ali veremos André Vidal de Araújo, inteiramente alheio ao movimento da massa humana que se comprime cá na cidade nas suas lutas e nas suas pretensões. Ali o vemos, com uma de suas filhas às vezes, outras com a sua senhora, outras ainda com todos os que completam o seu lar, absolutamente voltado para o bem estar daquelas crianças, no desejo constante de conquistar para elas aquilo que para nós, os que nos julgamos normais, será sempre impossível: a felicidade. No dia de hoje, aliás, a antiga Escola Montessoriana, o velho casarão de que tanto falamos, com as suas antigas e deficientes instalações, oferece um aspecto inteiramente diferente. Cresceu, melhorou, subiu de categoria. É agora um Instituto. Paredes de tijolos ergueram-se ali. O prédio velho foi abandonado, instalações outras foram adquiridas. Tudo agora é mais amplo, tudo agora é novo, tudo agora fala-nos, em disposições muito bem tratadas, em compartimentos traçados com absoluta maestria, do progresso alcançado pela formidável obra de André Vidal de Araújo. Inaugura-se na rua Paraíba, na bucólica Vila, naquele bonito e tão querido pedaço de Manaus, o novo prédio do agora Instituto Montessoriano. Os seus alunos, os filhos da generosidade e da bondade de um punhado de criaturas bondosas, se apresentam com uniformes novos também. E como que sentem, na quase inconsciência por que se conduzem, um mundo novo também, em torno de si, um mundo cheio de promessas ainda mais bonitas, em que os homens se nivelem todos pela bondade, pelo alto sentido de solidariedade humana, pelo amor capaz de elevá-los realmente à semelhança de Deus. E aquela alegria, sentimos desde ontem, que nos tem alimentado espiritualmente desde que, há dois anos, fomos pela primeira vez à Escola Montessoriana, aquela alegria, pura e contagiante, se desprende dos sorrisos inocentes da petizada que ali se irmana, e chega, sinceramente, até nós. A demonstrar, como errados somos cá fora no mundo de disputa em que vivemos, e como é fácil alcançar um pouco de ventura, como é fácil levar a alguém um pouco de alegria e de felicidade mesmo. E ainda uma vez, no conjunto daquela movimentação sempre diferente, naquele

todo diferente, abre-se ao nosso exame mais uma oportunidade para que possamos sentir até onde vai a generosidade da alma e do coração da gente amazonense, na sua disposição contínua jamais interrompida, que não se cansa nunca, de fazer o bem, de praticar a caridade, de repartir um pouco do que tenha com os que necessitem de seu apoio e da sua ajuda. Porque o Instituto Montessoriano "Álvaro Maia", com o seu prédio, oferecendo um magnífico aspecto de conforto, dentro da moderna técnica da construção, surgiu da cooperação do povo, do comércio, da Legião Brasileira de Assistência e do governo do Estado. Foi, pois, todo o Amazonas, como sempre, que, pelas suas próprias forças, alcançou essa notável realização, sob o comando do desembargador André Vidal de Araújo, que hoje, solenemente, abençoado por Deus, a entregará à petizada que ali se recolhe, à petizada que não tendo podido ser feliz no convívio dos seus, doente e desamparada como se via, teve o caminho aberto para uma existência inteiramente nova, para uma região onde encontrou um punhado de outras vidas que se movimentam e num esforço contínuo e numa dedicação sem limites para ter o ensejo e a compensação de sentir nas palavras dos que ontem eram um motivo de tristezas infindas, expressões de contentamento, capaz de atestar aos obreiros dessa sublime jornada que os esforços não estão sendo feitos em vão.

domingo, 24 de novembro

No que alude ao momento político, como toda gente sabe, estão as cartas postas na mesa em quase todos os Estados do Brasil. O Amazonas, pelos seus principais partidos, já escolheu o rumo que se seguirá na jornada democrática que terá seu desfecho no próximo 19 de janeiro. Iniciaram-se as discussões e os debates, as polemicas mesmo. Enquanto os partidos políticos se digladiam, enquanto assistimos a recusa quase constante, por parte do chamado grupo majoritário, no sentido de ser formado um só bloco democrático, notamos que os extremismos, particularmente o da esquerda, que teve o seu desenvolvimento facilitado pelos fatores que resultaram da guerra que visou com maior interesse o esmagamento do fascismo, se articularem, minando as nossas Instituições, enfraquecendo ou pelo menos tentando fazê-lo por todos os meios, a couraça que guarnece o nosso sentimento de pátria, de família, de religião, das nossas mais caras e mais nobres tradições. Quando o presidente Eurico Dutra se dispôs a pacificar a coletividade democrática, procurando soluções em torno de candidatos de conciliação, visando a unificação de forças e a junção de partidos, muita gente houve que estranhou essa norma, reputando-a contraria a prática da pura democracia. Tivemos ensejo, daqui destas colunas, de aludir ao fenômeno do momento. A democracia não tinha agora de preocupar-se apenas com as condições políticas do país, no sentido de encontrar meios e modos para solucionar os problemas de povo, para resolver os diversos casos administrativos, para encontrar meios e modos de fortalecer a nossa situação econômica. E como poder atingir esses objetivos, se as energias dos chefes democráticos se tinham de voltar, em primeiro plano, para a defesa do regímen, cada dia mais ameaçado, cada dia alvo em maior escala do combate sem trégua dos extremismos? Daí o apelo do general Eurico Dutra, que partiu dele e não da União Democrática Nacional, e não do Partido Republicano, embora, se isso tivesse acontecido, não seria motivo para desmerecer essas facções, mas sim para mais eleva-las no conceito do povo brasileiro. Unamo-nos - dizia o general Dutra - em torno do governo, do regímen, da pátria. Derrotemos o inimigo comum, começando por esclarecer o povo, por demonstrar a inconsistência dos seus argumentos, o vazio das suas promessas, a hipocrisia dos seus métodos. E caminhemos, então, todos nós, pelos diversos caminhos que a democracia permite, para a realização do nosso grande sonho de amor pelo Brasil, de afeição pela Pátria, de respeito por Deus. Alguns homens de maior responsabilidade nos destinos políticos da Nação, apenas, atenderam, prontamente, a esse apelo. Entre eles, Otavio Mangabeira, Artur da Silva Bernardes, Juracy Magalhães. Os demais desertaram, os demais estranharam essa conduta, os demais concordaram em continuar enfraquecendo o regímen, desservindo o Brasil, criando embaraços ao governo eleito pelo movimento de 29 de Outubro, dando motivo a que os inimigos do regímen, brecando as nossas forças, melhor se aparelhassem, ameaçando ainda mais a estrutura social e política do Brasil. A maioria dos políticos se tinha recusado a colaborar, como observamos no Amazonas, em favor dos sãos propósitos do general Eurico Dutra. Que lhe restava? Fortalecer-se apoiado nos seus camaradas do Exército, que se fariam assim, ainda uma vez, distantes das paixões civis, os baluartes do regímen, as denodadas

sentinelas da Pátria contra os seus inimigos internos. De início, porém, para que essa garantia, para que essa força, para que essa salvaguarda se fizesse um todo realmente indivisível, um todo a pensar e sentir como uma só cabeça, um todo garantido e fortalecido pelos mesmos sentimentos cívicos, necessário seria que o governo tivesse a certeza de que no seio das classes armadas não haveria jamais um agente extremista, particularmente no seio dos seus condutores, dos seus oficiais. E para garantir-se em definitivo o general Eurico Dutra encaminhou à Câmara a lei que está sendo objeto das críticas amargas do Sr. Café Filho, deputado pelo Rio Grande do Norte, velho politiqueiro que todo o Brasil conhece perfeitamente. Que pretende o chefe da Nação? Evitar que entre os que tem sobre os seus ombros a incumbência de defender a Pátria, se encontrem homens cujas ideias, intoxicadas pelas doutrinas materialistas, pela propaganda marxista, pela onda vermelha que investe contra o verde-amarelo, os torne inimigos do sentimento de Pátria, inimigos do respeito às nossas fronteiras, inimigos do culto que devemos render sempre aos nossos heróis e aos nossos homens ilustres. E seria possível admitir que a responsabilidade de comandar forças em defesa da Pátria estivesse entregue a cidadãos partidários da teoria de que no caso de o Brasil entrar numa guerra com a Rússia, ficariam eles favoráveis a Rússia? Parece-nos que não, por absurdo, criminosamente absurdo, que seria. Não vemos pois, quais as grandes razões, quais os grandes motivos, qual mesmo a autoridade moral dos que tentam impedir que o presidente Eurico Dutra, embora confiante na lealdade de seus camaradas, cuida desde já de evitar um novo novembro de 1935, que seria agora, não há dúvida nenhuma, bem mais amplo, bem mais trágico, capaz de fazer com que um mar de sangue afogasse a gloriosa Terra de Santa Cruz.

terça-feira, 26 de novembro

Mais um domingo vazio, viveu Manaus nesse 24 de novembro. O Parque Dez de Novembro continua abandonado, o nosso mundo esportivo permanece, no que alude aos grandes clubes, dormindo. Nem mesmo um comício político, em defesa da democracia que continua cada vez mais ameaçada pelos extremismos — pelos lacaios de Hitler e pelos agentes de Stalin — nos foi dado presenciar. Dir-se-á que os partidos políticos, feitas as suas assembleias, convenceram-se todos da vitória e cruzaram os braços. Ou estarão guardando todas as suas energias para os últimos trinta dias, quando a campanha tomará aspectos atômicos? Os jornais da cidade, porém, ofereceram na sua edição domingueira, informações úteis e curiosas. Falaram-nos da inauguração do notável Instituto Montessoriano, único na sua formidável disposição técnica no Brasil, e também do Cine Éden, uma casa de diversões a mais, que se vem unir às que já existem, com o propósito de trazer distrações em maior escala para a sociedade baré. O Éden está precisando, todavia, de ventiladores. Porque paraíso naquela temperatura, francamente...Trata-se, no entanto, de um cinema muito bem construído, amplo, com poltronas dispostas de modo a possibilitar a todos os espectadores uma boa posição na razão direita do seu interesse pela tela. Os ventiladores devem estar encomendados já. Não serão, com sua ausência, estamos certos, mais do que um mal passageiro. Falávamos das novidades trazidas pelos matutinos de domingo...O Jornal nos mostrou, numa ótima reportagem, o início do combate da sífilis em Manaus, em face, aliás, da aproximação da campanha antivenérea. E mais uma vez um problema delicado como este do lenocínio, delicado porque envolve um aspecto que é na sua gravidade um dos maiores e mais justos motivos de revolta contra a sociedade, nos vem ao pensamento, em toda a sua extensão de misérias. Manaus, como quase todas as grandes cidades do Brasil, oferece, no seu coração, essa chaga... Casas velhas, habitação de criaturas que naufragaram em plena luta pela existência. Por falta de recursos, por falta de experiência, por falta de tudo...E a sociedade que condena o lenocínio, que o considera um crime, resolve afinal assisti-lo. Apoiá-lo. Resolve medicar as condenadas, para permitir ainda mais o desenvolvimento desse mercado infame. Num instante, nossos pensamentos se voltaram para o Rio de Janeiro. Para as medidas tomadas pelo coronel Alcides Etchegoyen quando chefe de polícia. O Código Penal é severo quanto a existência daquelas casas. Como iria a polícia fiscalizá-las garantindo a sua existência "legal"? E a zona do Mangue, palco de tantas tragédias, cenários de tantas desgraças, a zona do Mangue centro de atração para os estrangeiros que nos visitavam e buscavam meios e motivos de mais ridicularizar-nos, desapareceu numa bela manhã de maio. É hoje um centro de habitação de operários. É hoje uma colmeia de trabalho. Poderíamos fazer o mesmo em Manaus. Também no Brasil inteiro. Não seria, esse, porém, o caminho capaz de combater de uma vez por todas essas chagas, essas manchas negras da nossa vida em sociedade. Contra a sífilis, contra o lenocínio, contra o vício, contra o crime, contra esses males, só dois remédios existem: instrução e trabalho. Um homem habilitado a exercer a sua profissão, será sempre um elemento útil à coletividade, orgulhoso de si mesmo, dos seus méritos, da

sua indispensável colaboração à máquina coletiva. O leitor amigo já deve ter notado com que satisfação um mecânico, um serralheiro, um pedreiro, um carpinteiro, etc., etc., realiza a sua tarefa frente o conforto que lhes possa ser dado hoje pelos seus pais e amanhã pela sua esposa, sabido que todos somos mortais e que todos somos sujeitos, de um momento para o outro, aos tropeços da sorte; o dia que ao lado dessa reserva, desse patrimônio formado pela fé dos leigos, dando solução imediata para aquilo que aos nosso olhos inexperientes no assunto parecia obra de muitos meses...O dia em que a mulher brasileira, como a mulher argentina, como a mulher do mundo inteiro, cuidar, desde a sua mocidade, de habilitar-se, para enfrentar a luta pela existência pelas suas próprias energias, pela sua habilitação e pela sua capacidade, sem ter em conta sua habilitação e pela sua independência profissional, a mulher criar um outro patrimônio sólido pela educação religiosa e pelo sentimento de respeito crescente à sua dignidade e à dignidade de família, terá não temos dúvida, se armado, de maneira a mais sólida, para os embates da sociedade, inclusive para vencer a tática dos que se apresentam, nas horas em que a aflição lhes bate à porta, como elementos de uma proteção cujas consequências se revelam dias depois, nos primeiros passos para o irremediável...A leitura da reportagem em questão, porém, fez com que desertássemos do ângulo que essa crônica deveria colocar-se. Fugimos para terrenos outros. Entramos num assunto cuja complexidade há de desafiar sempre a argucia, mesmo dos que mais senhores se julguem de faculdade de poder analisá-lo. Que teremos dito nós? Não nos atrevemos, sinceramente, a reler o que ficou registrado atrás. Os leitores de O Jornal hão de perdoar-nos. Pode ser?

quinta-feira, 28 de novembro

O Brasil, pelo patriotismo do seu povo e pelo sentimento religioso da sua gente, voltou o seu pensamento, no dia de ontem, de maneira toda especial, para os seus filhos que tombaram mortos, no cumprimento do dever, na madrugada de 27 de novembro, quando a nossa história política se viu manchada por uma nódoa que jamais poderá ser apagada. Os templos em todas as cidades se encheram de civis e militares, de homens do povo e homens do governo, de nacionais e de estrangeiros, de pessoas de todas as classes e de todas as crenças, que foram levar a Deus o seu pedido de ajuda ao Brasil, com a promessa de tudo fazerem para que o sacrifício das vítimas da intentona da Praia Vermelha não tenha sido feito em vão. E os nossos corações, de amazonenses e de brasileiros, de membros dessa grande família que é a humanidade, se voltaram cheios de civismo para o altar da Pátria, enquanto a nossa alma se elevava, em preces cheias de fé, até o Criador. Porque é preciso, de fato, pedir a Deus Nosso Senhor, que olhe pela família brasileira, pelos que nasceram na Terra de Santa Cruz e pelos que nela vivem trabalhando pelo seu bem estar. Pedir a Deus que oriente-nos, iluminando o cérebro dos nossos políticos, pelo caminho do bem, da ordem, da solidariedade. Atravessamos no Brasil, nesta hora de incertezas para o mundo inteiro, um momento delicadíssimo. Saímos de uma ditadura que nos comprimia há quase nove anos para uma nova experiência democrática. Justo era que encontrássemos homens redimidos dos seus erros, corrigidos dos seus defeitos, dispostos a trabalhar, sem ambições e sem ódios, sem vaidades e sem outras preocupações que não as da Pátria, que não as da grandeza coletiva, que não as da segurança do regímen, para que correspondêssemos, assim, à confiança, ao heroísmo, à gloria dos que lutaram e venceram nos campos da Europa a fera fascista cujo rebotalho investe ainda, nos dias inseguros que vamos vivendo, contra a segurança política nacional. A sede de liberdade teria perturbado, na sua extensão, os nossos passos, iniciais, permitindo que seguíssemos, nos primeiros dias de emancipação, os mais diversos caminhos. A esse período de confusão justificável porém, justo seria que tomássemos um rumo seguro. Que formássemos dois ou três partidos de âmbito nacional, e que dentro das suas fileiras lutássemos pela democracia a serviço do Brasil. Terminadas as pugnas eleitorais, escolhido o chefe da Nação, que nos cumpriria? Prestigiá-lo, apoiá-lo, dar-lhe forças e recursos, as do nosso patriotismo e as da nossa inteligência, para que ele, como presidente de todos os brasileiros, bem cumprisse a sua missão. Que vemos nos dias que correm? A democracia a enfraquecer-se ela mesma, pelas suas porfias internas, a negar meios de combate aos adversários do regímen ao chefe do governo, a olhar os problemas brasileiros, de ordem e origem coletivas, dentro dos ângulos partidários, pelos binóculos das paixões de fundo personalista e individual. Estamos certos? Claro que não. Estamos errados. Há os que sustentam que o governo da Republica não se tem mostrado capaz de resolver os problemas internos, capaz de debelar a crise, de aumentar a produção, de facilitar meios de transportes, de trabalho, de ação, etc. etc. Concordamos em principio com essa afirmação. Para destruí-la, porém, argumentando com a lógica e com a ajuda do bom senso. Ninguém pode, ao mesmo tempo, tocar sino e acompanhar uma procissão. Ou se faz uma coisa, ou se

faz outra. É claro como água. No caso do Brasil, como pretender-se que o presidente Eurico Dutra dedique toda a sua atenção, todo o seu tempo, toda a sua operosidade no estudo e no debate, no exame e na solução dos nossos casos, se as suas atividades vão sendo absorvidas na luta intensa pelo reaparelhamento da máquina democrática, na luta constante pela defesa do regímen ameaçado pelos extremismos, na luta ininterrupta para contornar as crises criadas pelos "goelas" do continuísmo do Norte e do Sul? Merece maior respeito, merece toda consideração, não resta dúvida, a opinião abalizada dos que entendem de negar ao governo da Republica recursos excepcionais para o maior fortalecimento do regímen. Temem eles um novo 1937. Temem eles que tudo não passa de uma preparação para justificar outras medidas compressoras da liberdade. Tudo isso é possível. Mas, perguntaremos ainda, teremos nós motivos para duvidar da honra do Exército, da palavra das nossas Forças Armadas? Elas nos prometeram as eleições de janeiro. E nos deram essas eleições. Desejam agora ordem, paz, harmonia da família brasileira. Desejam agora que façamos por merecer a democracia. Não estamos fazendo isso. Há um partido empenhado em ferir o regímen. Não é possível que estejamos de braços cruzados. O general Eurico Dutra está com a razão.

sexta-feira, 29 de novembro

Pelo avião da Panair, seguirá hoje, para o Rio de Janeiro, o tenente-coronel Syzeno Sarmento, interventor federal neste Estado, para cuja função foi escolhido pelo presidente Eurico Dutra, com os aplausos da U.D.N. e do P.S.D, com a incumbência especial de presidir as eleições de Janeiro. A sua viagem agora, com destino a metrópole – devemos ser sinceros como sempre – se prende a um chamado do senhor ministro da Justiça, que fez questão de ouvir o herói de Montese, a fim de ficar inteirado sobre o que se propala no Rio de Janeiro quanto a conduta política do chefe do governo amazonense. Como toda gente sabe, assumindo a interventoria, o ilustre militar, glória do Brasil e glória da América, glória da democracia e glória da humanidade, confiando lealmente nas recomendações que lhe foram feitas pelo presidente da República – de manter-se neutro, de conduzir-se como juiz – tem pautado a sua ação numa linha de conduta que pode ser considerada como sublime. Chefe de família exemplar, filho dedicadíssimo, caráter sem jaça, inteligência primorosa, moral elevadíssima, o seu governo, com a ajuda desse outro príncipe que é o Dr. Lauro Silva Azevedo, tem sido um modelo, um exemplo, um livro aberto ao exame diário do povo. E mais do que isso, um motivo de entusiasmo e de estímulo, para os que já não acreditavam na possibilidade de o Amazonas vir a ter um condutor realmente voltado para os seus problemas, realmente alheio às maquinações partidárias, realmente dedicado a grandeza e a prosperidade do Vale. Acontece, porém, que essa conduta do coronel Syzeno Sarmento, ditada pela sua formação cívica e pela sua esplendida educação política, que vinha agradando o povo, que vinha arrancando das massas populares os mais sinceros aplausos, que não encontra quem, à luz do bom senso e da justiça, possa condená-la, passou a desgostar, por isso mesmo, elementos estranhos à nossa vida política, elementos não identificados, com as nossas tradições, elementos que se têm valido do anonimato como da mentira, justamente quando todos os partidos do Amazonas – Partido Social Democrático, União Democrática Nacional, Partido Trabalhista Brasileiro – manifestam ao chefe do governo a sua confiança na ação segura e reta do coronel Syzeno Sarmento, atitude que tomaram espontaneamente, e que que se concretizou num telegrama dirigido ao presidente Dutra. Sem que se saiba como, porém, sem que se conheçam as suas origens, intrigas, perfídias, infâmias, os insultos à verdade e às mais comezinhas regras de respeito à dignidade alheia, continuam a ser feitos, sempre em maior escala, no Rio de Janeiro, nas camadas oficiais, no jornalismo, junto do Catete, nas cozinhas do Guanabara, no seio mesmo das pessoas intimas do presidente. É preciso afastar do Amazonas, custe o que custar, este moço cheio de nobreza, cheio de dignidade, cheio de serviços à coletividade, cheio de heroísmo; esse moço que acreditando na lealdade dos seus semelhantes, na pureza de propósitos dos políticos, na beleza das intenções dos que viviam a jurar fidelidade aos princípios pelos quais se batera, deixara a caserna, Escola de Patriotismo, em que era por força da sua patente e dos seus méritos, uma das maiores expressões , para vir servir o seu Estado, a sua gente, a gleba querida tão infeliz nos últimos anos. É possível que a desilusão já esteja a dominá-lo, nessa guerra que os seus princípios nobres não conhecem

– guerra da felonia e da mentira – mas é possível também que o tenente-coronel Syzeno Sarmento sinta, agora mais do que nunca o que todos nós sentimos, o que todos os amazonenses sentem, o que todos quantos amam esta terra percebem apaixonadamente: a necessidade da sua permanência, à custa de todos os sacrifícios, no governo do Amazonas, já que ela será sempre a certeza de que teremos eleições livres, de que os dinheiros públicos não serão utilizados em campanhas políticas, de que os corvos da democracia, mais perigosos do que todos os extremismos, porque são os que a desmoralizam, não conseguirão tripudiar mais uma vez sobre a consciência desse povo de fato cansado de sofrer. Quando esta crônica estiver sendo conhecida pelos leitores de O JORNAL, o cel. Syzeno Sarmento deverá estar voando já com destino ao Rio. Deverá estar meditando quanto às dificuldades que os homens bem intencionados sentem para levar a termo as suas tarefas. Mas estará considerando, também, que ele encontrou, felizmente, no seio dos seus conterrâneos, no seio dos filhos do seu torrão, no seio da nossa sociedade dos nossos operários, das classes conservadoras de Manaus e da sua imprensa, um clima de confiança, de apoio, de aplausos contínuos a sua ação corajosa, a sua ação moralizadora, a sua ação, a prover, eloquentemente, que os amazonenses são capazes de governar a sua terra, reconstruindo-a em meio aos escombros a que foi reduzida. E os pensamentos do coronel Syzeno Sarmento hão de estar em contato, então, com os pensamentos desse povo bom e digno que tanto o admira, desse povo que, estamos certos, a esta hora terá os seus olhos voltados para o céu, numa dupla tentativa de acompanhar o voo do pássaro metálico que conduz o nosso interventor e de divisar Deus nas alturas, para pedir ao Todo Poderoso que mais uma vez as forças do mal sucumbam derrotadas pela verdade e pela justiça. Até breve coronel Syzeno Sarmento.

sábado, 30 de novembro

Continuam na ordem do dia os velhos problemas da cidade: água, carne e luz. Foi criado agora o Departamento de Águas. Está nomeado desde anteontem o seu diretor, Dr. Simplício Rubim de Pinho. Engenheiro dos mais competentes, moço consciente das suas responsabilidades, certos estamos de que o responsável pelo abastecimento do precioso líquido à população tudo fará para corresponder à confiança que muito justamente tem merecido do governo do Estado. A questão da água, porém, não é das que possam ser resolvidas apenas pela boa vontade, pelo esforço, pela dedicação sem limites de um homem. Porque ela se envolve em aspectos vários, que tem o seu início no combustível e a sua chave principal na deficiência técnica do bombeamento. Não poderá jamais haver água com abundância enquanto dependermos de lenha, como não poderemos pensar em mudar de combustível, enquanto não estivermos em condições de fazer na maquinaria de que nos valemos, uma transformação radical. É pensamento do Dr. Simplício Rubim de Pinho, aliás, há muito tempo já, orientar o sistema mecânico do bombeamento dentro de uma técnica moderna, em que as caldeiras seriam adaptadas para consumir petróleo. Não se faz isso, todavia, sem os recursos necessários que não serão poucos. De qualquer maneira, porém, temos a impressão de que o Departamento de Águas está bem entregue, e que ele atenderá às necessidades de Manaus, com um pouco mais de sacrifício, até que o governo eleito pelo povo em janeiro próximo, possa dar ao caso solução definitiva. Discute-se de novo o sempre difícil e sempre complicado fornecimento de carne a Manaus. O câmbio negro estaria imperando e as autoridades ainda uma vez impotentes para eliminá-lo. Não vemos, sinceramente, nas condições atuais do Amazonas, quem possa solucionar esse caso. A verdade é que não há bois suficientes nesta época do ano, já que não nos poderemos valer do Rio Branco nem, de modo satisfatório, do baixo Amazonas, cujo gado não oferece boas condições de corte. Que deveríamos ter feito? Nada mais do que haver preparado, num campo de engorda previamente estabelecido, um estoque capaz de cobrir as faltas que o fornecimento irregular iria ocasionar. Isso como medida ainda de emergência. E essa reserva poderia ser formada pelas reses importadas do Rio Branco, ou mesmo da Bolívia. Nada disso foi feito. Deixamos cair a tempestade para depois buscar soluções apressadas! Seria um recurso de emergência, dissemos. É claro. Porque sem que cuidemos do desenvolvimento da pecuária, sem que estipulemos a criação nos diversos municípios do interior, com um serviço especializado de proteção ao criador, com assistência veterinária contínua, não sairemos nunca da crise constantes em que temos vivido, crise crônica, cujos efeitos mais se acentuam a partir de setembro de cada ano. Quanto ao câmbio negro...Trata-se de uma exploração feita sobre o consumidor realmente, provocada pelo próprio consumidor. O câmbio negro é alimentado pelos que tendo mais dinheiro, tendo mais tempo e mais prestígio econômico, não se querem sujeitar às filas, não se querem sujeitar à luta titânica enfrentada pelo simples homem do povo, na sua caça diária a um bocado de carne para a sua prole. Somos, por todos os motivos, contrários a qualquer medida, a qualquer tolerância, a qualquer transigência, que facilite a venda clandestina da carne verde.

Não seremos capazes de acusar, todavia, a este ou aquele funcionário, a este ou aquele marchante. O mal tem sido uma regra. Uma regra imposta pela desatenção do rico para com o pobre. Uma regra ditada pelos contrastes econômicos, cujos perigos, embora se tornem sempre maiores, continuam sendo esquecidos e desprezados pelos que pensam apenas no dia de hoje, materializados como se encontram pela ambição e pelo egoísmo. O caso da energia elétrica...Assemelha-se ao da água. Material velho e combustível inadequado. Precisamos de máquinas novas e de caldeiras destinadas ao consumo do petróleo também. Manda a verdade que se diga, porém, que a operosidade e a capacidade de trabalho do coronel Pinto Veiga estão fazendo milagres. A luz está bem melhor. Os rádios funcionam desde as primeiras horas da noite. Também a energia industrial apresenta outro rendimento. Jamais se produziu, por isso mesmo, nas nossas usinas de borracha, tanta goma. Não pensamos mais no Urubu. Está provado, por A mais B, que as suas cachoeiras não resolvem. Aquilo é um sonho apenas. Voltemos ao caminho que já tinha sido lembrado ao governo. O do funcionamento das usinas da Tramways pela queima do óleo. E aproveitemos para tanto a disposição moça do ilustre engenheiro que aqui se encontra como delegado do Governo Federal. E o abono do funcionalismo municipal? E a melhoria de salário para os empregados do comércio hoteleiro? Amanhã, se Deus quiser, nos ocuparemos desses dois assuntos.

domingo, 1º de dezembro

Está o Sindicato dos Empregados do Comércio Hoteleiro e Similares de Manaus, pleiteando, pelos meios competentes, um aumento de salários, já que percebem hoje o mesmo que recebiam em 1936. Tomando por base o salário de Cr$ 260,00 organizaram os dirigentes da referida associação de classe uma tabela que deverá ser examinada pelos empregadores, a fim de que estes se manifestem a respeito. Para os mensalistas que tenham ordenados até Cr$ 500,00, 90 % de aumento; para os que tenham de...Cr$ 500,00 até Cr$ 1.000,00 45%; de Cr$ 1.000,00 a Cr$ 1.500,00 25% e de Cr$ 1.500,00 em diante 10%. Prevê ainda a tabela o caso dos comissionistas, sistema que não é adotado entre nós em grande escala, estuda situação dos que trabalham em serviços extraordinários dentro e fora de Manaus e estabelece um punhado de condições que bem evidenciam a disposição em que se encontram para as reivindicações, uma vitória que se recomende e se positive pela maneira ordeira e sensata com que está sendo debatida. Na verdade, a grande maioria dos empregados do comércio hoteleiro e similares ganha ordenados mesquinhos, já que os patrões confiam na gorjeta que possa ser recolhida da freguesia. Essa gorjeta, porém, bastante variável, se vem tornando mais escassa, uma vez que ela, sobre não acompanhar a elevação do custo dos pratos e das bebidas, se torna mais reduzida à medida que a conta do freguês vai exigindo maiores sacrifícios da sua bolsa. Não diremos que a situação dos empregadores que exploram esse gênero seja de grande desafogo. Em regra, porém, todos eles têm prosperado, e muito, sendo justo, justíssimo mesmo, que se lembrem de que os seus auxiliares, construtores da sua riqueza, merecem participar dos seus lucros pela modalidade que continuaremos adotando até que o dispositivo constitucional que trata da matéria seja regulado. A situação dos cozinheiros, ajudantes, copeiros, garçons, balconistas, no Amazonas, é realmente de pobreza, enquanto que os seus colegas do sul, com melhores ordenados e maiores porcentagens, conseguem, como se admite e se espera dentro da democracia, fazer o seu pecúlio, a sua economia, em pouco tempo até. Que vemos aqui? Velhos copeiros, velhos e cansados garçons, trabalhando dia e noite, num esforço tremendo, com sacrifício da sua saúde, com sacrifício da atenção que deveria ser reservada à sua família, para que possam ao fim de cada mês saldar os seus compromissos. Trabalham todas as horas que podem, todos os domingos e dias santificados, porque sabem que a terem de viver do salário normal que receberiam na forma da lei, estavam na extrema miséria. Aqui fica, pois, com o nosso apelo ao senhor delegado do Ministério do Trabalho, para que encaminhe desde logo a solução do problema em foco, o nosso pedido também, para que esse pedido tenha imediata consideração por parte dos donos de hotéis e restaurantes de Manaus. Terão os funcionários municipais o seu abono de Natal? Trata-se de uma outra medida justíssima, que já agora poderia mesmo ser pleiteada por equidade. Cremos que não nos enganaremos se afirmarmos que ela será decretada. Na manhã de ontem, nos foi dado o ensejo de abordar o prefeito Frazão Ribeiro sobre o assunto. Cavalheiro cem por cento, homem habituado à luta, dono de uma experiência e de uma sabedoria que lhe permitem bem conhecer as aflições do funcionário público em regra pobre, o chefe da comuna

quase que chegou a afiançar-nos que o abono seria uma realidade. "Estou estudando, inicialmente, um meio de atender essa justa aspiração dos servidores da prefeitura dentro das possibilidades da própria prefeitura. Temos algum dinheiro e este fim de trimestre nos assegurará maior renda. Temos, porém, muitas dúvidas. De modo que estou considerando uma forma de não ter que despir um santo para vestir outro...Acredito, todavia, que mesmo que não possamos entrar com todo o numerário necessário para fazer face a essa nova despesa, daremos um jeito...Isto, porém, é ainda segredo, compreendeu...Sou dos que reconhecem que o pessoal da prefeitura ganha muito pouco, tanto que — mais isso é impossível — se eu aqui continuasse, faria, em 1947, um reajustamento geral". Diante dessas declarações, que terá concluído o leitor? Claro que pensará como nós estamos pensando. Desde que as forças do mal não consigam afastar do governo o cel. Syzeno Sarmento, o que valerá dizer afastar também o prefeito Frazão Ribeiro, o abono dos que trabalham para o município será um fato que terá solução nos primeiros dias de dezembro. Resta, pois, confiar em Deus. Confiar, ainda uma vez, em que a pouca sorte do Amazonas, tantas vezes revelada não permita que tenhamos de proclamar que tudo está mesmo irremediavelmente perdido... E as prefeituras do interior, cujos funcionários percebem vencimentos inferiores aos dos nossos sempre esquecidos guardas civis? Ficarão de fora?

terça-feira, 3 de dezembro

Com a semana que se foi entramos no mês de dezembro, derradeiro deste tumultuoso ano de 1946. Que vimos nos sete dias que se foram? Quase nada de novo. A cidade ofereceu, pela sua imprensa, reportagens sensacionais nos domínios dos casos policiais. Os meios esportivos se agitaram com o intricado campeonato da cidade, relativo ao ano de 1945. O Nacional teve ganho de causa. Com essa decisão não se conformou o clube do simpático Oscar Maia. Afirma-se que o Rio Negro não mais voltará a liça nos domínios da pelota, o que é profundamente lamentável. Não haveria um meio de harmonizar tudo de novo, em família, como se faz necessário para a crescente prosperidade do esporte mais querido do povo? Movimentam-se os empregados do comércio hoteleiro e similares. Querem, mui justamente, melhores vencimentos. Uma tabela foi organizada para servir de base aos entendimentos. Estão com a palavra, agora, os empregadores. Da prefeitura foi exonerado o nosso confrade Djard de Mendonça, fato que fez com que toda a classe de profissionais da imprensa se sentisse chocada. Trata-se de um dos mais antigos lutadores da pena, de um chefe de família dedicado, que foi ao Rio, recentemente, visitar um filho enfermo. Fez uma viagem cheia de sacrifícios, merece, por todos os motivos, a solidariedade dos que o conhecem e por isso mesmo o admiram. O nobre prefeito da cidade agiu, certamente, sem se inteirar das verdadeiras proporções da sua decisão. Porque há situações, que por muito irregulares que pareçam à primeira vista, tem a apoiá-las e defende-las, tem a justifica-las e fortalece-las, as chamadas razões excepcionais, que fogem, em face de determinadas circunstancias, ao nosso julgamento inicial. Porque moram no fundo do coração. Platão já nos ensinava que nem sempre o que é direito é justo. O direito resulta de uma convenção, entre homens, a Justiça é filha de Deus. Daqui destas colunas, sentindo o lado humano da coisa, vivendo as horas de lutas que Djard de Mendonça tem vivido, enviamos-lhe um abraço de amizade, com a certeza, baseada na belíssima formação moral do prefeito Frazão Ribeiro, de que a situação do nosso confrade será reparada. Que registrou mais a semana? Debates políticos, comícios políticos, a viagem do tenente-coronel Syzeno Sarmento, e a chagada da companhia de operetas Mary Lincoln-Pedro Celestino. De modo que a cidade tem agora algo mais do que se ocupar, além das discussões partidárias. Ótimo. Ótimo porque falar de política só, dia e noite, no almoço e no jantar, enjoa. O grupo que está ai, composto de figuras bastante experimentadas já no nosso teatro de revistas e de operetas, com a figura jovem ainda da paulista Mary Lincoln a frente, tem recursos para agradar. Pedro Celestino, conquanto não seja moço, conquanto não tenha o ímpeto do seu irmão Vicente, é, todavia, dono de uma voz mais harmoniosa e mais identificada mesmo com gênero que nos traz. Ela, a estrela, dona de uma voz realmente bonita, com dotes artísticos capazes de impressionar, é uma figura que se recomenda pelos grandes sucessos que obteve no Recreio, na Companhia Walter Pinto, onde atuou durante muito tempo e depois, no João Caetano, onde brilhou de novo, inclusive em revistas assinadas por Ary Barroso. Sim, a semana que se foi nos ofereceu também, pela palavra do eminente Dr. Flavio Castro, o início da propaganda radiofônica do Parido Social Democrático. A União Democrática Nacional, para que

perder tempo e terreno, lançou-se no mesmo campo, a partir de ontem. A hora udenista será apresentada as segundas, quartas e sextas-feiras, das 20h 30min às 20h 45min, e as terças, quintas e sábados das 12h 15min às 12h 30 mim. Campanha cerrada, como se vê. De dia e de noite. O que é necessário, como tantas vezes afirmamos, é que os condutores dessa propaganda, pelo rádio e pelo jornal, como nos comícios em praça pública, saibam medir o valor e a extensão das palavras. Saibam compreender que a democracia tem atravessado grandes crises justamente porque os seus partidários se têm afogado nos excessos de liberdade, comprometendo-se e comprometendo as suas facções, comprometendo-se e ensinando o povo a descrer deles mesmos, já que, em regra, não podem evitar, por força das contingencias políticas, de ser aliados amanhã daqueles que ontem eram apontados como verdadeiros insultos ao povo... Marchemos para as lutas de janeiro, no Brasil, e no Amazonas em particular, combatendo normas condenadas pelos erros praticados. Combatendo o continuísmo de governos que por muito pouco não nos reduziram a um porto de lenha. Combatendo métodos e sistemas que não podem ser aceitos numa terra de homens livres. Combatendo processos que se inspiram na traição e no anonimato. Respeitemos, porém, individualmente, de homens para homens, os nossos adversários políticos, na maior parte das vezes nossos amigos dos mais sinceros na vida particular. Tenhamos em conta que a política é enganadora e que os que sacrificam velhas estimas para satisfazer apetites políticos do momento, perdem tudo quanto de mais caro poderiam e deveriam conservar: o tesouro que se constitui pela amizade que possamos conservar no coração dos seus semelhantes.

quarta-feira, 4 de dezembro

O segundo grande assunto do momento, depois do embarque do coronel Syzeno Sarmento, chamado, como se sabe ao Rio, para o fim de prestar esclarecimentos que se faziam necessários ao Sr. presidente da República, reside na impugnação formulada pela União Democrática Nacional ao registro do nome do Dr. Ruy Araújo, candidato do Partido Social democrático ao governo do Estado. Os maiorais udenistas, pelo que temos ouvido, julgam líquida a questão, sustentando que a lei, a respeito, é bastante clara: o antigo secretário geral do Estado, que foi interventor durante 36 dias, por força de decreto do presidente da República, estaria, assim, fora de combate. Leigos na matéria, não daremos, como é natural, qualquer palpite a respeito. Temos observado, porém, que os defensores da candidatura impugnada não se mostram surpresos com a decisão tomada pelos udenistas. Esperavam-na. Tanto que o registro do Dr. Ruy Araújo foi feito com a necessária antecedência, para que houvesse tempo de preparar nova bandeira, no caso mesmo do fracasso da que se encontra de pé. O processo em apreço, não poderá ser resolvido no Amazonas. É da competência do Supremo Tribunal Eleitoral. Seguirá, pois, para o Rio, restando-nos o direito de aguardar os acontecimentos. De modo que dois fatos, ambos da maior importância para os destinos políticos do Vale, prendem agora todas as atenções. O primeiro – muito conhecido já – refere-se como se sabe, à viagem tão comentada desse notável brasileiro que é o coronel Syzeno Sarmento. Há uma interrogação imensa em torno da sua ida à capital federal. Dizem que o chefe do governo amazonense viajou com enorme bagagem... Dentro em pouco, porém, saberemos de tudo. De tudo mesmo. O segundo – este do protesto sobre o registro da candidatura pessedista ao governo – tem provocado, como é natural, toda sorte de opiniões. Há mesmo quem informe que o próprio senador Álvaro Maia já se havia manifestado a respeito, fazendo sentir as suas desconfianças quanto a validade do registro agora impugnado. O bom, em tudo isso, porém, é aguardar. Da nossa parte, lamentaremos, sinceramente, que o Dr. Ruy Araújo se veja afastado da luta pela qual tanto esperou. Deixando de lado, porém, o panorama político, falaremos da situação dos que empregam suas atividades nas prefeituras do interior. Dos prefeitos e dos auxiliares. De início, queremos chamar a atenção do senhor interventor, num apelo muito sincero, para o ato de profunda justiça que seria a concessão do abono de natal também para aqueles servidores públicos. Percebem eles ordenados que variam entre cem cruzeiros até mil ditos, no máximo. E vivem a vida que vivem... No interior abandonado, sem conforto, sem diversões, como que fora da civilização... Se os que trabalham na capital fazem jus a essa medida, tomada aliás por iniciativa do coronel Syzeno Sarmento, que diremos dos que se aniquilam ao castigo das endemias, no interior? Para eles, pois, se devem voltar, nesta hora em que o Amazonas tem a governá-lo um homem interessado apenas em fazer justiça, um homem que se alheia e se distancia das competições partidárias, as atenções da interventoria no sentido de possibilitar às prefeituras os recursos que se fazem necessário para o abono de Natal. Feito isso, decretado esse ato, caberá então ao governo esta outra providência, em favor de cuja concretização nos vimos batendo há mais de um ano: reajustamento

dos vencimentos dos prefeitos do interior e de seus auxiliares. Examine o coronel Syzeno Sarmento, examine o Dr. Lauro Silva de Azevedo, examinem ambos esses aspectos, consultando as tabelas de vencimentos do funcionalismo do interior. E estamos certos de que esses dois homens de governo hão de pasmar diante os contrastes que terão de verificar. E estamos certos de que hão de achar ridículos e absurdos casos e mais casos de funcionários recebendo salários inferiores ao mínimo que a legislação social determina para um menor. Claro que se trata de um mal antigo. De um erro que se acumula há muito tempo. De uma injustiça que tem resistido às evoluções políticas e sociais da época. Claro também que não importa, para resolve-la, conhecer as suas origens e as suas razões. O que decide, o que interessa, é que, mesmo de passagem pelo Rio Negro, o coronel Syzeno Sarmento tenha oportunidade e recursos para atender aos apelos dos seus conterrâneos do interior, dos seus conterrâneos que são outros tantos admiradores da sua bravura cívica e da sua indomável força moral.

quinta-feira, 5 de dezembro

Razão teve o jornalista Aristophano Antony quando, num dos seus magníficos artigos, escreveu, quando muito longe estávamos no Amazonas de pensar na possibilidade de uma coligação udenista-petebista, que Otávio Mangabeira era a maior figura da Câmara dos Deputados. Não resta menor dúvida. Temos no futuro governador da Bahia um parlamentar notável, um espírito esclarecido, uma inteligência privilegiada e um coração cristão, profundamente cristão, onde não há lugar para as manifestações de ódio e de vingança. Ainda agora mesmo, falando na Câmara Federal para lamentar ataques que teriam sido feitos à política que defendeu e defende formulados pelo senhor Getúlio Vargas, o ilustre baiano teve ensejo de sustentar que depois do golpe de 29 de outubro de 1945, golpe graças ao qual a Nação teve ensejo de voltar ao regime democrático, tal como o seu povo reclamava, jamais se referia à pessoa do ex-presidente em termos que não fossem de análise sincera, e de estudo desapaixonado à sua ação e à sua obra. Não odiava o Sr. Getúlio Vargas, não nutria rancores quanto à pessoa do nobre senador gaúcho. O que era preciso é que todos trabalhassem para a grandeza do Brasil e do regímen. Ótimo. Claro que tendo sido vivamente aparteado, o Sr. Otávio Mangabeira se viu na contingência de justificar a posição que assumira no passado. Mas se fez ainda com a mesma elevação e com a mesma energia moral que sempre foram os traços marcantes da sua personalidade. Com homens como Otávio Mangabeira, donos de uma formação espiritual tão bela, com políticos assim, que se limitam ao combate a uma ditadura, a um estado de coisas, a uma situação que julgam e sustentam ser ilegal, mas que uma vez vitoriosos, uma vez tendo logrado os seus objetivos, uma vez removidos os obstáculos que se opunham ao seu programa de ação, perdoam e esquecem, certos de que o Brasil não pode pertencer a grupos de indivíduos, mas sim à coletividade, com homens e com políticos assim, teremos sempre, em todas as ocasiões, uma porta aberta à pacificação da família brasileira, um meio a um motivo para que os esforços de todos se articulem na hora decisiva, em que a Pátria ou o regímen os reclamem seriamente, para defender e preservar a nossa soberania, para fortalecer e resguardar a nossa integridade. Otávio Mangabeira é um adversário franco e leal, que reconhece e respeita a força e o valor dos seus opositores. É um líder democrático, como poucos o Brasil tem conhecimento. Mas é, principalmente, uma certeza e uma garantia de que a democracia se acha ainda hoje, apesar de todos os contratempos, defendida, reforçada em condições de, pela energia esclarecedora dos seus partidários e dos seus chefes, fazer com que atiremos um dia com o caminho capaz de nos levar ao porto da legítima salvação nacional. O Sr. Getúlio Vargas, amigo que sempre foi do combate feito de frente, sem o disfarce dos covardes, que não pode olhar ao Sr. Otávio Mangabeira senão com o reconhecimento que se deve a um adversário que nunca nos mentiu, que há de proferi-lo sempre a todos quantos por esse Brasil afora juravam cair aos seus pés, juravam-lhe uma fidelidade de cão, e que hoje o apedrejam, e que hoje o insultam, e que hoje vivem a desmerecer a sua obra, há de ter meditado, seriamente, há de ter considerado, com os seus botões, e há de ter sorrido num sorriso muito seu, ao lembrar-se de que "o Mangabeira tinha afinal as suas razões.

Fora deportado duas vezes. Duas vezes perdera os seus cargos — um de ministro, outro de deputado —, duas vezes também, curtira as amarguras da prisão". E esses, esses mesmos que se encontram ainda hoje no seio do chamado partido majoritário, gozando mandatos na Câmara e no Senado, tirados da nulidade e elevados à glória política pelas mãos paternais do Sr. Getúlio Vargas, estes que ontem se descobriam diante de seu retrato, atribuindo ao presidente forças e propriedades divinas, estes que sustentavam nos comícios das praças públicas que "se o povo queria Getúlio Vargas, como contrariar agora o povo"; estes sim, estes mesmos, como encará-los e justificá-los? E o Sr. Getúlio Vargas, na sua franqueza muito gaúcha, na sua incapacidade de esconder o que sente e o que pensa, há de ter dominado a custo, não temos dúvida, a vontade imensa, a vontade indisfarçável de procurar o Sr. Otávio Mangabeira, de chamá-lo, a São Borja, para, oferecendo-lhe uma cuia de chimarrão depois de uma churrascada, reconhecer e proclamar: "Otávio, tu nunca me foste falso. Comparada a tua atitude decidida e independente, assumida quando eu tinha todos os poderes, com os que desertam hoje do campo da luta em que eu os esperava encontrar: comparada a tua coragem no passado e a tua tolerância daquela gente nos dias que se foram e a agressiva resistência que hoje me oferecem, feita essa comparação Otávio, eu chegarei, logicamente, com uma alegria íntima, com a alegria de poder fazer de um leal adversário um leal amigo, à certeza, à salvadora certeza, de que tu és bom e valoroso, e eles, os meus incensadores de ontem, pobres diabos apenas, sem vontade e sem decisão, que buscam hoje, noutras mesas, as iguarias que não lhes posso nem lhes quero dar".

sexta-feira, 6 de dezembro

Lemos, outro dia, num vespertino da cidade que a Legião Brasileira de Assistência vai dar outra orientação à chamada Colônia de Férias Darcy Vargas, obra que se encontra abandonada, cercada de mato, ao castigo do tempo, numa demonstração entristecedora da nossa pouca atenção por uma causa que é realmente a que devia merecer o maior carinho de todos nós: a causa da criança. Digna de louvores, pois, mais essa decisão do desembargador André Araújo, já que não é possível que deixemos a mercê do sol e da chuva, num desafio e num escárnio ao esforço dos que contribuem financeiramente para o êxito das obras sociais no Brasil, aquela "colônia de férias", cuja construção não deve ter ficado por menos de trezentos mil cruzeiros. Tivemos, não há muito, em todo o país, mais uma semana da criança. Sete dias de propaganda intensiva, pelo rádio, pelo jornal, nos colégios e nas repartições, em favor do muito que precisa ser feito pelo mundo infantil de um modo geral e pela criança pobre de uma maneira toda especial. Passada aquela semana, passada aquela febre como diz vulgarmente o povo, voltamos ao ramerrão, regressamos ao que se poderá chamar de a estava zero do problema. Conhecemos nós, como toda gente que se dedique ao estudo das questões desse gênero, quais as origens do abandono em que vive a nossa infância, como conhecemos quais os meios de arrancá-la dessa situação. Explicar as razões do fenômeno, atribuindo-o ao desnivelamento econômico, à falta de amparo por parte do poder público, será sempre uma tarefa fácil. Remover o mal, porém, há de parecer uma áfrica bastante difícil, há de parecer uma jornada penosa de ser cumprida integralmente. Teríamos, por certo, para tanto, de fazer uma verdadeira revolução social. Teríamos de criar uma sociedade em que não existissem os excessos. Nem os de riqueza, nem os de pobreza. Porque estes serão sempre consequências daqueles. Deixando de lado, porém, o volume global do problema, cuja solução há de ir sendo atingida aos poucos, pela evolução social através da marcha dos tempos, falaremos do caso particular do Amazonas, onde o drama da criança, da criança que não tem recursos, é sobremodo angustioso. O que se vê nos bairros, o que se observa ainda hoje nos subúrbios, o que se apresenta nas estancias e nas vilas, tudo isso desola, tudo isso faz pasmar, tudo isso revolta. Reconhecemos, e temos proclamado, que a Legião Brasileira de Assistência muito tem feito, que a dedicação e o zelo do seu presidente têm sido enormes. Mas não nos convenceremos nunca de que esse órgão, na sua ação isolada, no seu esforço único, grande embora, possa resolver, possa amenizar mesmo, a dolorosa situação da nossa pobre infância. Vem ai o Natal. Vem ai o grande dia dedicado ao filho de Deus, símbolo do amor e da bondade, símbolo do bem e da virtude. Quantos lares, quantos casebres, quantos barrigudinhos não sentirão neste dia a tristeza, maior ainda, de terem nascido abandonados, de terem nascido condenados pela desigualdade de que Cristo também combatia na sua ânsia sempre maior de permitir à humanidade o mesmo clima de entendimento e de venturas, sem distinções e sem preferencias por raças ou castas, por nações ou por continentes. Mas, como faríamos para resolver, parte ao menos, aliviando de certo modo o sofrimento da infância pobre e esquecida do Amazonas? Desde que nos fosse dado agir a respeito, começaríamos

por instalar lactários e postos médicos em todos os bairros e em todos subúrbios da cidade; em todos os municípios e em todas as povoações do interior. Instala-los e dar-lhes recursos. Nunca fazer como até aqui se tem feito, nunca inaugurar essas obras apenas para efeito de propaganda, para efeito fotográfico, para gaudio da vaidade de uns e do cabotinismo de outros. Médicos e enfermeiros visitariam semanalmente os lares pobres. Encaminhariam as crianças aos lactários e aos postos de assistências. Elas seriam tratadas humanamente. Com carinho paternal. Com a ajuda, sempre que possível, das ordens religiosas. Seriam, a seguir, uma vez fortalecidos os seus organismos, encaminhadas para as escolas. Receberiam instruções na forma das suas vocações. Poderiam ir aprendendo, depois do ensino necessário, desde que o quisessem, os seus ofícios. Precisaria o Estado, de recursos para tudo isso. É uma verdade. Esse recurso poderia ter saído e poderia continuar saindo dos chamados lucros extraordinários, cuja existência só poderia ser aceita se o seu fim tivesse uma utilidade de alto alcance social. Esses recursos poderiam ser encontrados ainda no seio dos que têm milhões estagnados nos bancos, como os latifundiários cujas terras não são cultivadas. Elas passariam a ser exploradas, digamos, pela L.B.A., para que os seus proveitos fossem aplicados em favor da infância pobre. Porque nela, na infância pobre, está sendo jogado a sorte do Brasil como Nação forte e soberana, e a sorte da democracia como regímen capaz de salvar-se a si mesmo.

domingo, 8 de dezembro

Domingo, dezembro de 1946. O dia amanhece com mais um convite para os passeios que estariam sendo imaginados durante toda a semana. Os que preferem ouvir os conselhos da igreja vão à missa. Sentem ali, naquele ambiente simples, divorciado da luta que se fere lá fora, como que uma vontade imensa de renunciar a tudo. De correr para muito longe. Para o seio da mata, se possível. Onde viveria, na certa, muito mais à vontade. Distante de todos, de tudo que nos trouxesse à mente a luta do homem contra o homem. Porque, sinceramente, há situações que são sinceramente insuportáveis. Quanta pobreza moral e quanta felonia! Uma enorme crise de lealdade. Até mesmo entre aqueles que se unem e se identificam pelos mesmos objetivos. Tudo errado neste mundo de Nosso Senhor Jesus Cristo. Lamentavelmente errado. Perdidamente errado. Depois da missa, com a cabeça mais fresca, com pensamento mais acomodado. Com o coração mais calmo, o cidadão que trabalha a semana inteira, que se atordoa a semana toda, pensa com os seus botões...Ir para onde...Ver o que...Como...Pega os jornais da cidade, que apresentam noticiário mais farto...Que oferecem páginas de literatura, receitas culinárias, conselhos úteis...É grave a situação mundial... Papagaio...Grave a situação na América. Gravíssima. Milhares de mineiros em greve. Ameaça de outras greves sempre mais complexas. Desentendimento absoluto. Fábricas afetadas. Indústrias paralisadas. Comércio e navegação atrofiados. Mau, mau...No Brasil, que há? Brigas e discussões por causa de um discurso do Sr. Getúlio Vargas, que insiste em dizer que "topa a parada em qualquer terreno". A questão vai tomando um aspecto sério. Há gente interessada em fazer crer que o antigo chefe do governo fez sérias acusações aos generais, pelo movimento de 29 de outubro. Tudo isso é profundamente lamentável. Os responsáveis pela política brasileira parecem desinteressados pela sorte do Brasil de amanhã. Semeiam novos ventos, certos de que as futuras tempestades, arrasadoras, não hão de encontrá-los mais entre os vivos. A U.D.N. resolveu participar no governo. O governo agora pertence aos liderados pelo Sr. Otávio Mangabeira. O fato que em outra ocasião teria merecido uma repercussão notável, foi recebido agora friamente. Tudo se vai transformando. O que é bom começa a desinteressar. Em Manaus, como vamos? O leitor, que teria pensado num passeio, numa distração, num recreio para o seu espírito, começa a sentir-se influenciado pelas coisas más que são-nos mostradas em toda parte. No Rio de Janeiro, o carioca, neste domingo, foge para as praias, para os campos de esporte, para os prados. Diverte-se e esquece. Segunda-feira começa vida nova. Nervos refeitos de otimismo mesmo. Nada disso temos. Estamos até sem o nosso futebol. Os responsáveis pela "felicidade" do povo esquecem-se de que nem só de pão vive o homem. Do contrário estávamos mortos de fome...Sim, mas que dizem os nossos jornais? Novas traições políticas em perspectivas. Boato, as casas populares. Teria sido crime a morte de determinada senhora! Manaus não tem um hotel! As nossas ruas carecem de arborização. Buracos enormes se abrem na via pública. Infância abandonada. Não há leite. Só mesmo dando um tiro na cabeça...Melhor é dormir o dia inteiro e de noite fugir para o cinema. Correndo o risco, é claro, de esbarrar com um filme impressionante, que roube o sono

no resto da noite. Qual, leitor amigo? Desprezemos a ideia de um tiro na cabeça. Poderia ser mortal. Não é assim? E se não fosse? Os curativos doem muito. Mas lá que convinha uma excursão pelas matas, pelos rios, uma fuga do buliço da cidade, uma corrida para o desconhecido, convinha sim. No duro. O pior e que a gente poderia não acertar com o caminho da volta. Por que — isso é que é o diabo — quando se sai de Manaus, dá uma saudade doida, de voltar logo. Porque a terrinha, com todos os seus males, é ainda das melhores do mundo. Não concordam? Estamos a jurar que sim. Nós e toda a gente que tiver pelo para correr hoje até o delicioso Tarumã, onde as suas magníficas cachoeiras, sucursais únicas do Departamento de Águas, oferecem-nos um banho que é um presente do céu. Um remédio para o reumatismo, daqui. Sim, da pontinha. Esqueçamos pois os aspectos ingratos da vida, sorrindo a bom sorrir. A existência ainda é, no dizer autorizado do professor Péricles de Morais, tão recomendável quanto o amor...

terça-feira, 10 de dezembro

A semana que se foi deixou-nos dois acontecimentos profundamente tristes. Tivemos de início o passamento da estimadíssima senhora dona Francelina Araújo, viúva do saudoso jurista Araújo Filho, mãe do desembargador André Araújo e do Dr. Ruy Araújo, aquele presidente da L.B.A., este candidato ao governo do Estado. Dama das que mais se destacavam pelas suas virtudes, escreveu ela, com a sua existência toda voltada para o lar e para a família, toda ela dedicada ao bem e a bondade, uma belíssima pagina de valor e do merecimento da mulher brasileira como filha, como esposa e como mãe. Dona Santa, como era conhecida na intimidade, era uma legitima missionaria da doutrina de Cristo, a qual dava, com o pensamento de Deus, o melhor dos seus esforços, o melhor das suas energias que pareciam inesgotáveis. A sua morte, sentidíssima por toda a sociedade amazonense, feriu profundamente o coração dos seus filhos e dos netos, ferindo também a todos quantos tiveram a ventura de conhecê-la e de admirá-la. Na madrugada de domingo, uma segunda nota triste dominou Manaus, com o falecimento do Dr. Virgílio de Barros, nome que por si diz tudo. Porque, falar daquele chefe de família dedicadíssimo, daquele advogado sempre voltado para a pobreza, daquele amigo sempre a fazer com que esquecêssemos as nossas tristezas com a sua alegria franca de homem bom, de homem nobre, de homem eternamente disposto a socorrer um enfermo ou amparar um necessitado, é invocar uma legenda de dignidade, de solidariedade, de dedicação sem limites a quantos batessem à porta do compadre Virgílio, do compadre cujas preocupações voltavam-se menos para a sua pessoa e mais para os que a ele recorriam. Não será possível falar de Virgílio de Barros numa crônica. A sua vida comporta um livro. Esse registro, porém, há de marcar a nossa homenagem àquele que nos olhou sempre com a sua bondosa simpatia, que nos animou sempre com as suas palavras de estimulo, que deixou, com o seu desaparecimento, um vácuo em toda Manaus que cobriu-se domingo de um luto que jamais sairá de centenas de lares que ele beneficiou com a sua proteção e com a sua amizade. Deus há de compensa-lo, estamos certos, recebendo-o no seu reinado de paz e de glorias eternas, já que este há de ser o destino dos bons e dos justos, já que este deve ter sido também o recanto reservado ao descanso da boníssima Dona Francelina Araújo, heroína como filha, como esposa e como mãe. Como vimos fazendo há três anos pela imprensa e pelo rádio, temos insistido nesses últimos dias pela proteção real e efetiva que precisa ser dada à infância pobre da nossa terra. Há os que não nos compreendem. Não importa... Os que nos conhecem sabe como sincera é essa nossa campanha, como todas quantas nos tem trazido a ira dos potentados a incompreensão dos iludidos... Domingo, ao passarmos pela Estrada do Parque Dez de Novembro, teve o carro em que viajávamos um desarranjo qualquer. Paramos. E a nossa atenção foi chamada por duas criancinhas que esfregavam muito os olhos. Notamos então que mostravam as vistas inflamadas. Como era natural, manifestamos o nosso interesse pela sorte dos pequerruchos. Que tinham eles? E um senhor que, percebendo a nossa curiosidade se aproximou, nos informava, pouco depois, que ali, naquelas casas, na Vila Nossa Senhora do Amazonas, construída pelos esforços da L.B.A., todas as crianças estavam

assim: com os olhos inchados e vermelhos, coçando muito, como se tivessem areia dentro. Pareceu-nos desde logo Tracoma – oftalmia acompanhada de aspereza -. Como se sabe, essa doença, que desde que não seja tratada a tempo pode ser fatal para a vista do paciente, desenvolve-se por simpatia ou propagação, por intermédio dos nervos ciliares. Tratava-se, pois, de mais um atestado eloquente, daquilo que tantas vezes temos aqui afirmado. De que as crianças pobres de Manaus, como as crianças pobres do interior, vivem abandonadas. Vivem esquecidas. Falta-lhes assistência medica periódica, normal, destinada a descobrir e curar males como este que um acaso feliz nos levou a identificar. Ontem mesmo, conforme havíamos prometido, falamos ao Dr. Edson Stanislau Afonso, operoso diretor do Departamento de Saúde, e ontem mesmo voltamos a avisar aos pais das criancinhas enfermas que hoje elas serão visitadas pelos médicos do Estado, para o necessário exame, porta aberta ao tratamento que se impõe. E não nos cansaremos de repetir: é preciso olhar para a criança pobre, para a criança desamparada, para o Brasil que se arrasta, desde os primeiros dias, doente e faminto. Tenhamos em conta hoje, amanhã e sempre, que a batalha da criança pobre é decisiva para os destinos da Pátria e da sociedade.